

Matador de flamingos impune



Sociedade PÁGINA 05



CIDADÃO REPORTA:

Desorganização na USTM - Universidade São Tomás de Moçambique

Meus caros, é com profunda mágoa que decidí partilhar esta notícia convosco. Verifica-se uma grande desorganização na USTM - Universidade São Tomás de

Moçambique, o departamento financeiro é completamente inexistente, o processo de inscrição é extremamente lento, este ano 2013, a USTM se encontra filiada com o Banco Único que por sinal só aceita com que os depósitos da USTM sejam feitos em um Único balcão, caso para pensar que o

Banco quer fazer Jus ao nome. Cheguei no referido Balcão as 7 horas da manhã e só consegui entrar na agência por volta das 14 horas, foram 7 horas de tempo na fila, e só para ver o nível da desorganização da USTM. Pedimos para quem de direito para que faça algo face esta situação.

Pergunte a Tina

SMS
email

82 11 15

averdademz@gmail.com

TUDO O QUE VOCÊ PRECISA DE SABER SOBRE SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA



Democracia PÁGINA 12

Destaque PÁGINA 16-17

Enquanto ao Estado faltarem meios, a desordem impera



Plateia PÁGINA 26



Tony Roberts @phat_controller RT @verdademz

Usamos com sucesso em #Moçambique ha 3 anos @phat_controller: Ushahidi at five years old: Ushahidi blog <http://blog.ushahidi.com/2013/02/06/ushahidi-at-five/>



Classic La Familia @FJonesThaMaffia

Pena que não vamos ver essa mola.. RTP" @verdademz: EUA aplicam USD230 milhões em #Moçambique <http://www.verdade.co.mz/economia/34286> cc: @InsPekTah88



... Monster Joyce j @queenjoy

Ninguém merrexe @verdademz: CIDADÃO Milton REPORTA: a travessia Chokwe Guija e feita nestas condições #Cheiasmoz pic. twitter.com/sPIiUU9P



Negrão @InelcioNegraoo

@verdademz: Polícia detém em #Maputo alegados vendedores de livros escolares de distribuição gratuita <http://www.verdade.co.mz/nacional/34270> OBRIGADO



Cr Boy @cr_boy

@verdademz uma senhora atirou-se dum prédio ao lado do ministério da saude. pic. twitter.com/CJAKtvEH



Mwaa @Mwaa @vodacommz

RT @verdademz: CIDADÃO Farhana REPORTA: empresas que patrocinam festas nas noite verão deveriam patrocinar limpeza da área...



DjDamost @DjDamost

Hawena" @verdademz: CIDADÃO REPORTA: Miúdo sequestrado há 1 semana atrás na #Beira foi libertado esta manhã em troca de 2 milhões de dólares"



XEQUE PAULO MAUAI @XMAUAI @VERDADEMZ

@XMAUAI OPINA: O presidente do Municipo da Matola diz k taxa xta crescer por ordem de 25% por ano, sem estrada, recolha de lixo...

Seja o primeiro a saber. Receba as notícias d'Verdade no seu telemóvel. Envie uma SMS para o nº 8440404 com o texto

Siga verdademz



Editorial

averdademz@gmail.com

O problema dos sintomas

As notícias que nos chegam de Chókwè, ainda que não possam ser generalizadas, devem deixar triste qualquer cidadão que se preze. O cenário das cheias de 2000, para desgraça dos que sofrem, repete-se. Ou seja, a desgraça virou a força motriz do enriquecimento de um punhado de pessoas. E nós, os tolos do dia, chegamos a pensar que poderia ser diferente. Mas não é e nem vai ser.

O cenário é aterrador e o roubo está institucionalizado. Há quem vai enriquecer desalmadamente desviando a ajuda que devia mitigar os efeitos de uma calamidade que de natural tem muito pouco. Como ninguém trabalhou para impedir que se dessem as condições daquele trágico episódio do passado, seria impossível reduzir o impacto das cheias. No que toca ao roubo, acabamos por reafirmar que se repetiu a tristeza de há 13 anos, em que as cheias criaram novos ricos com o mesmo padrão de vergonha. Qualquer tentativa de explicar o fenómeno, reconduzir-nos-ia aos mesmos pontos de partida. O que faltou fazer?

Gestão do curso das águas, políticas regionais, criação de sistemas de drenagem eficazes, eis o que vivemos dizendo, qualquer seja a conjuntura económica nacional. Como qualquer das soluções apontadas vai requer avultados investimentos, acomodamo-nos na justificação destes constrangimentos. “Construir o país leva tempo”, dizem alguns do alta da sua sapiência.

Somos, portanto, um país que se preocupa com sintomas e nunca com as causas. A discussão gira, agora, em torno dos infelizes que desviam as ajudas que foram canalizadas para Chókwè e dos responsáveis que colocaram os seus familiares nas filas. Esquecemos os outros, aqueles que desviam camiões inteiros antes sequer de pensarem em partir para o lugar onde estão as vítimas o que é, diga-se, também um sintoma. Esquecemo-nos daqueles que pedem comissões chorudas em qualquer obra pública. Esquecemo-nos dos atrasos na reabilitação de estradas e pontes. Esquecemo-nos da má qualidade das obras públicas. Esquecemo-nos que o norte do país é excedentário em cereais.

Andamos contentes com a doação do Japão e com a concessão de seis milhões hectares de terra aos agricultores brasileiros. Eles vão, já se sabe, produzir para o mercado externo. É óbvio que estatisticamente iremos produzir mais comida, mas também é inegável que tal criará mais bolsas de fome.

Afinal qual é o problema do país? Temos de nos abstrair dos sintomas para situar o conjunto de todos os elementos que concorrem para que sejamos impotentes diante de um evento deste género. O problema, em Chókwè, nem é o roubo em si e o aproveitamento da desgraça alheia. Aquele ladrão de Chókwè foi arrastado pela onda do pensamento estático. Portanto, refugia-se no facto de não ser o maior culpado, de constituir, na verdade, o novo-rico de um sistema que cria pobres, o incompreendido que pode enriquecer na tragédia dos semelhantes. E não é sem motivo que assim julga, pois alguns dirigentes até são capazes de festejar um aniversário com pompa e circunstância, com direito a transmissão televisiva, num momento de pranto e ranger de dentes.

Esse é o problema de atacar os sintomas...



Boqueirão da Verdade

“O regabofe que o “pai da nação” promoveu a expensas do erário público, algum dele pago pelas vítimas que Armando Guebuza abandonou para celebrar os seus anos, atropelou o mais elementar sentimento de amparo que um chefe de Estado deve demonstrar pelos seus compatriotas.

O exclusivo dado pelo alegado canal público de televisão encontra paralelo no comunismo mais retrógrado como o da Coreia do Norte, onde não chorar a morte do guia da Nação pode dar um bom par de anos num campo de concentração”, **Alice Mabota**

“Para a Liga, o cancelamento do Presidente da República em participar na XX Cimeira da UA, em Addis-Abeba, já vem tarde demais para surtir os efeitos desejados perante o fenómeno das cheias. Os moçambicanos a quem ainda resta um pouco de dignidade não se devem abater pela campanha de maquilhagem à insensatez que Armando Guebuza cometeu, movida por renomados académicos e bajuladores que sempre passam a mensagem de uma nação em progresso. O mais reles dos tiranos também se faz rodear de pensadores finos, para dar um cunho de decência e intelectualidade aos seus desvarios”, **Idem**

“Com efeito, esperamos que o mesmo aparato material e humano que tem acompanhado o Chefe do Estado em presidências abertas seja mobilizado para socorrer as vítimas das cheias. Ainda fica por se comprovar, perante esta tragédia nacional, o comprometimento às causas demonstrado aquando do X Congresso do partido governante em que se viu muito dinheiro e bens a serem canalizados para Pemba. Perante um governo insensível e irresponsável, quem vai indemnizar as vítimas das enxurradas?”, **Ibidem**

“Mas olhemos para a questão dos médicos estagiários doutra forma: se tinham a obrigação de passar por um estágio como condição sem a qual não podiam ser considerados médicos, tendo faltado ao estágio, como se pode suprir essa falta? Para que

serve um estágio? Não será uma fase de capacitação e de transmissão de conhecimentos? Pode uma medida administrativa suprir a falta de um estágio? Estar-se-á a sugerir que podemos aceitar que profissionais despreparados possam ir ao mercado (com todas as consequências que daqui podem advir), em nome de acordos?”, **Amosse Macamo**

“Querido Pai da Nação. Há aproximadamente dois anos do aparente fim do seu mandato, tomei a liberdade de lhe fazer o meu último pedido. E espero que consiga satisfazê-lo, uma vez que pela grandiosidade das suas obras, até o filósofo moçambicano Silvério Ronguane propôs que a História da Humanidade se recorde de si como GUEBUZA, O CONSTRUTOR. Gostaria que o final da sua gloriosa etapa na direcção do país (2014) coincidissem com a disponibilização, ao povo moçambicano, de uma ARCA, parecida com a de Noé bíblico em que todos moçambicanos deverão nela embarcar em busca de outras possibilidades de vida. A razão para tal pedido é simples: até lá, não restará mais nada aos moçambicanos que não seja seu: dos homens as coisas. Com esta ARCA, o senhor terá feito um favor inimaginável aos moçambicanos, que, deixados à deriva e no alto-mar, lograrão outras alternativas de vida condigna: seja como escravos ou cidadãos”, **Egídio Guilherme Vaz Raposo**

“O que transpirou dos três “encontros de trabalho” que o Governo e a Renamo mantiveram em finais do ano passado, numa unidade hoteleira da capital do país, a pedido do maior partido da oposição, pode levar-nos a concluir, talvez apressadamente, que aqueles tiveram como resultado nada, como, aliás, disseram vários meios de comunicação social, comentaristas e analistas, talvez até com razão. Mas será que não houve mesmo resultado algum ao cabo daquelas sessões? Se houve, que resultado em concreto? Alguma utilidade para a nossa democracia ou para o doméstico processo de democratização?”, **Ericino de Salema**

OBITUÁRIO:

Francisco Ventura
1959 – 2013 • 54 anos



Faleceu, na última segunda-feira, o músico e guitarrista Francisco Ventura, mais conhecido por Chico Ventura, que em vida fazia parte da banda musical Eyuphuru, da cantora Zena Bacar, e do Wamphula Band.

Ventura era natural do distrito de Dondo, província de Sofala, e foi quem produziu o primeiro álbum do grupo Massukos, de Niassa. Embora não tivesse gravado um trabalho individual, ele deixa um grande legado para os jovens artistas e amantes da cultura de Nampula.

Alguns músicos da província de Nampula, ouvidos pelo @Verdade, enalteceram os seus feitos como pessoa, músico e guitarrista. Para Sebastião Damas, o desaparecimento físico de Francisco Ventura é uma perda irreparável para a cultura moçambicana e da província de Nampula, em particular. “Ele era único. Lembro-me dos momentos que juntos passámos na banda Wamphula Band, com a qual actuámos em várias casas de pasto”.

Para os artistas de Nampula, a sua facilidade na comunicação interpessoal fazia com que muitos artistas que hoje continuam a desenvolver a actividade aprendessem dele os primeiros passos da música, porque era uma pessoa que estava sempre disponível a transmitir conhecimentos.

Por isso, a sua morte não deve constituir motivo de desânimo para os artistas, principalmente os jovens. Eles devem, sim, fazer dos seus ensinamentos um pretexto para trabalhar em prol da cultura.

O jornal do povo



“Leio o @Verdade porque traz informação pontual. Penso que muitas informações nele contidas reflectem o nome do próprio jornal. Quanto ao design é bonito. Sugiro que chegue aos distritos mais recônditos do país porque lá há muitos problemas que ocorrem e vezes sem conta não são divulgados”,

Luís Cuamba.

Os nossos leitores nomearam os Xiconhocas da semana. @Verdade traça em breves linhas as motivações.

1. Moshin Sidat

O director da Faculdade de Medicina, Moshin Sidat, entra de rompante para a lista dos Xiconhocas da semana. Os nossos leitores dizem que ninguém mais do que ele merecia tamanho galardão. Recebemos propostas ousadas e que exigiam que o Professor Doutor Moshin Sidat ocupasse, sozinho, o pódio dos Xiconhocas da semana. É preciso não ter o mínimo de bom senso para reprovar médicos estagiários por uma ausência de oito dias, sobretudo quando o referido estágio é da responsabilidade do Ministério da Saúde.

O que é grave, no modus operandi deste Xiconhoca, é o facto de ignorar a aquisição ou não de competências por parte dos médicos estagiários. Ou seja, tudo depende da vontade de um Xiconhoca. Há quem gosta de brincar com coisas sérias.

2. Sofrimento Matequenha

O delegado político provincial da Renamo em Manica, Sofrimento Matequenha, perdeu uma excelente oportunidade para ficar calado. Afirmou, em Chimoio, que o seu partido vai boicotar as eleições autárquicas. É caso para questionar: “E nós com isso”? Os nossos leitores alegam que “numa altura em que muitos políticos estão preocupados em apoiar as vítimas das inundações, este partido, através do Sr. Matequenha, disse que este ano não teremos eleições”.

“Esperávamos”, continuam, “que fosse um encontro de angariação de apoio para as vítimas das cheias”. Nós concordamos com eles. Faria todo o sentido. No momento de luta os discursos incendiários deviam ser proibidos por lei. O Matequenha devia anunciar, isso sim, a criação de uma brigada da Renamo para fiscalizar os apoios que outros Xiconhocas como ele têm desviado.

3. Vicente Lourenço

Se há algo que caracteriza um Xiconhoca é a sua amnésia selectiva. Esse é o caso de Vicente Lourenço, presidente do município de Cuamba. O homem que entra na história do país por vencer uma eleição sem manifesto eleitoral ganhou direito a figurar no panteão dos piores dirigentes que Cuamba conheceu. Vicente Lourenço tem um talento descomunal para amealhar incompetências. Os nossos leitores dizem que a cidade de Cuamba já não tem estradas, mas sim buracos grandes. Sugerem que a urbe deixe de ser município. Quem quiser tirar um curso superior de incompetência e desastre na gestão da coisa pública pode procurar Vicente Lourenço. Um Xiconhoca como deve ser.

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 821111, uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 28B9A117) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.



Xiconhoquices

da Semana

1. Nampula sem fármacos para a malária:

Várias unidades sanitárias da cidade de Nampula não têm antimaláricos desde a última segunda-feira, facto que já preocupa os doentes. O problema é gritante relativamente aos doentes cuja condição financeira não permite que recorram às farmácias privadas, onde os antimaláricos e outros fármacos são vendidos a preços proibitivos.

O @Verdade visitou três farmácias e apurou que o preço de uma carteira do Coartem, um medicamento usado para o tratamento da malária, custa 120 a 300 meticais, contra 30 a 50 meticais praticados no mercado negro.

A ruptura de stock deste tipo de medicamento acontece numa altura em que o número de doentes está a aumentar. Em quase todas as unidades sanitárias é notória a presença de inúmeros doentes queixando-se de sintomas de malária. Nos centros de saúde 1º de Maio, 25 de Setembro e no Posto de Saúde de Namicopo, por exemplo, as filas de pessoas que procuram pelo tratamento são enormes.

Alguns funcionários das farmácias privadas em Nampula justificam os elevados preços de antimaláricos alegadamente devido aos enormes custos de importação dos mesmos. Segundo avançaram, Portugal e Índia

são os principais mercados que fornecem ao país.

O director de Saúde na cidade de Nampula, Leonel Namuquita, desdramatiza a situação e considera que não há motivos de alarme. Nas suas palavras, trata-se de uma crise que poder estar relacionada com alguma lacuna na gestão de fármacos por parte dos responsáveis dos estabelecimentos hospitalares.

2. Sem ligação por terra:

O tráfego rodoviário na Estrada Nacional nº1, que liga o Sul ao Centro e Norte de Moçambique, foi restabelecido após interrupção de cerca de 10 horas para trabalhos de reparação de emergência numa ponte, localizada na entrada da cidade de Xai-Xai, no bairro 8, danificada pela força das águas do rio Limpopo no princípio da tarde desta Segunda-feira (4).

A reparação de emergência consistiu na colocação de pedregulhos numa das zonas de encontro da ponte que sofreu erosão devido à força das águas.

De acordo com o director da Administração Nacional de Estradas, Cecílio Grachane, esta situação era esperada, pois desde o rompimento do dique de protecção da cidade o

caminho de escoamento das águas, que transbordaram do rio Limpopo há duas semanas, para o mar, tem passado pela ponte em vez de fazer o seu trajecto habitual, causando erosão e corroendo os pontos de encontro da mesma. Isso é mesmo uma Xiconhoquice. Afinal sabiam!

3. Fome em Chigubo:

As cerca de 25 mil pessoas totalmente isoladas devido à subida galopante das águas do rio Limpopo, em Chigubo, norte da província moçambicana de Gaza, enfrentam fome em virtude devido da escassez de produtos alimentares de primeira necessidade.

Marcelo Nhampule, administrador do distrito, diz que as pessoas que lá vivem e outras que casualmente estavam de viagem, como carvoeiros, têm pouco ou quase nada para comer, porque a estrada de terra batida que liga Chigubo a Chibuto, está cortada desde o passado dia 20 de Janeiro.

Nhampule, citado pelo jornal “Diário de Moçambique”, disse que foi feita uma ponte aérea através de dois helicópteros que só serviu para o transporte de uma tonelada de arroz e outra de milho, quantidade não suficiente para alimentar as pessoas que vivem em Dindiza, a sede do distrito de Chigubo. Afinal só quem vive em Dindiza é que pode

comer? Isto é mesmo uma Xiconhoquice. Apenas uma tonelada. Ou seja, gastaram mais em combustível do que em comida.

“O que recebemos é insignificante. Na distribuição priorizamos as pessoas que estão no centro de acomodação, mas, mesmo assim, não foi suficiente”, disse Nhampule, acrescentando que no centro de acomodação montado na escola secundária local vivem perto de 400 pessoas.

“Há carvoeiros provenientes de Maputo e Inhambane que estão retidos com os seus camiões e já não têm alimentos. As lojas estão vazias”, disse o administrador, apontando que a próxima ponte aérea está prevista para domingo.

Não é possível andar para além de 1.500 metros, a partir de Dindiza, mas sabe-se que há pessoas com fome nas localidades de Nhanale, Khubo, Zinhane, Machaila e Saúte, referiu Nhampule, frisando que há uma semana que não há nenhum contacto com estas zonas recônditas.

Por falta de comunicações, quer físicas, quer telefónicas, segundo o administrador, é difícil saber se há ou não doenças que normalmente eclodem em períodos de cheias, nomeadamente diarreias.

Comunicado

Cidadão informado vale por dois tenha sempre
@Verdade perto de si www.verdade.co.mz



A chuva mantém-se e os fundos para a assistência às vítimas das cheias esgotaram-se

O drama das cheias que assolam Moçambique, desde o início deste ano, ainda está longe de terminar. A chuva continua a cair intensamente, agora com maior incidência nas zonas Centro e Norte do país. Consequentemente, os níveis hidrométricos das bacias dos rios Zambeze, Púnguè, Inkomáti, Limpopo e Maputo mantêm-se elevados. O levantamento dos danos materiais e das vítimas humanas causados por esta calamidade natural prossegue numa altura em que o Executivo diz que precisa de mais de 100 milhões de meticais para fazer face às inundações.

Texto: Redacção

A Direcção Nacional de Águas (DNA) indicou que a bacia do Zambeze poderá registar subidas dos níveis de água por causa da chuva intensa que cai nos países a montante, nomeadamente na Zâmbia e no Malawi.

Caia e Marromeu estão com níveis acima do alerta. Rute Nhamucho, chefe de Departamento de Recursos Hídricos na DNA, referiu que face à previsão de chuvas em Moçambique, a bacia do Zambeze pode vir a transbordar e agravar a situação calamitosa em algumas zonas por onde passa. Rita Almeida, porta-voz do Instituto Nacional de Gestão de Calamidades (INGC), declarou, na terça-feira (29) passada, que os 120 milhões de meticais alocados ao Plano Nacional de Contingência para mitigar os efeitos das calamidades naturais esgotaram. O Governo lançou um apelo à comunidade internacional, parceiros de cooperação e pessoas singulares para que prestem todo o apoio que for possível.

Por sua vez, João Ribeiro, director-geral do INGC, veio a público rebater esta informação ao afirmar que Moçambique dispõe de capacidade interna para assistir às vítimas das cheias e não precisa de ajuda internacional. Segundo ele, a situação das enxurradas é grave mas ainda não está esgotada a capacidade interna para lidar com os danos materiais e apoiar as vítimas humanas. Entretanto, esta terça-feira (05), o Governo disse, depois da reunião do Conselho de Ministros, que o país precisa de mais de 100 milhões de meticais para as operações de resgate e assistência às vítimas das cheias.

Não se sabe ainda de onde virá este montante. Refira-se que em Moçambique a época chuvosa dura, habitualmente, até Março e Fevereiro é o mês de ciclones. Enquanto isso, o INGC actualizou a informação relativa às vítimas mortais em consequência das enxurradas no país, indicando que neste momento morreram 91 pessoas. As últimas três pereceram no distrito de Gilé, província da Zambézia, Centro de Moçambique, devido ao desabamento das paredes das habitações onde se encontravam refugiadas.

Mais 136 mil pessoas resgatadas das áreas de risco

A Unidade Nacional de Protecção Civil (UNAPROC), organismo operativo que age em situações de busca e salvamento, refere que 136.708 pessoas que se encontravam em zonas de risco foram regatadas nas províncias de Gaza, Zambézia, Sofala, Maputo província e noutras partes do país.

O Conselho Técnico de Gestão de Calamidades (CTGC) reuniu-se esta terça-feira (05) em Maputo e apontou que em Gaza perto de 13.464 pessoas foram evacuadas nos últimos 15 dias. Desde Outubro do ano passado os ventos fortes, a chuva e, por conseguinte, as cheias afectaram 212.943 compatriotas em todo o território nacional. Deste número, 151.122 encontram-se nos centros de acomodação.

Na província da Zambézia, as comunidades de Lorela, Sopa, Muquera, Monea, Intabo e Mucoloma, na Maganja da Costa, nas quais vivem 18.385 pessoas, foram afectadas pelas inundações depois do rompimento do dique de protecção de Nante, em consequência da subida dos níveis do rio Licungo. Na mesma província, os povoados de Nhanguo, Muziva e Bate-Muziva, no distrito de Nicoadala, 1.800 pessoas foram resgatadas devido às cheias causadas pela chuva que cai há mais de uma semana.

Onze mil alunos sem aulas em Nicoadala

Mais de 11 mil crianças do ensino primário completo no distrito de Nicoadala, província da Zambézia, Centro de Moçambique, não estudam em consequência da chuva que destruiu 13 salas de aulas e inundou 12 escolas. Neste momento, os alunos encontram-se refugiados nos centros de acomodação com os seus pais e encarregados de educação. Alguns professores foram igualmente afectados e perderam as suas casas, material didáctico e outros pertences.

Na localidade de Licuar, os alunos não vão à escola desde segunda-feira (28) e as autoridades estão a criar mecanismos para a recuperação do tempo perdido de modo que o cumprimento do calendário escolar não fique prejudicado, principalmente no tocante aos alunos da 7.ª classe que serão examinados no final do ano.

Quinze pessoas mortas em Nampula

Na província de Nampula, 15 pessoas morreram em consequência da chuva. As vítimas foram arrastadas pela água e atingidas por descargas atmosféricas na cidade de Nampula, na vila de Monapo e nos postos administrativos de Muhala, Natiquire, Namicopo e Muatala. Para além de mesquitas e edifícios públicos destruídas, parcial ou completamente, 1.025 casas foram também atingidas. Por via disso, pouco mais de 781 famílias, o correspondente a cerca 4 mil pessoas, vivem ao relento ou em casas de familiares.

Cortes de estradas e desabamento de pontes condicionam o trânsito

A vias de acesso que ligam a cidade capital da província de Nampula aos distritos de Moma, Mogovolas, Angoche e Mogincual registam um trânsito condicionado devido ao corte de estradas e desabamento de algumas pontes de construção precária, em consequência da chuva intensa que caiu nos últimos

dias. A situação é mais crítica nas vias que ligam a vila-sede de Namitil, no distrito de Mogolas, a Chalaua, em Moma, e entre Namitil e o Posto Administrativo de Boila, em Angoche, onde duas pequenas pontes metálicas desabaram. A Administração Nacional de Estradas (ANE) em Nampula disse ao @Verdade que para além daqueles troços, cenários idênticos são vividos entre os postos administrativos de Chipene e Lúrio, no distrito costeiro de Memba, onde, também, a ponte metálica desabou. A reposição vai exigir obras de engenharia e investimentos avultados.

As vias acesso de terra batida, sobretudo as que ligam a capital provincial de Nampula aos pontos da zona sul, bem como a região do interior, como é o caso de Ribáuè, Malema e Lalaua, são as que apresentam problemas sérios de transitabilidade.

De 28 de Janeiro a 01 de Fevereiro, alguns transportadores semicolectivos de passageiros, maioritariamente de carrinhas de caixa aberta, que exploram as rotas Nampula/Moma, Nampula/Ribáeue e Lalaua, paralisaram as actividades alegadamente porque as condições de transitabilidade nas referidas vias iriam agravar o deficitário estado mecânico das suas viaturas. Os utentes daquele serviço ficaram horas a fio nas paragens, sem transporte.

A ANE assegurou-nos que os troços afectados já estão em obras de reposição provisória dos solos e asfalto arrastados pelas enxurradas enquanto se aguarda pelo abrandamento da chuva para uma intervenção de grande envergadura. Estão disponíveis cerca de 13 milhões de meticais para esse tipo de trabalho.

Administradores roubam donativos das vítimas de inundações em Gaza

A Fundação Gift Givers, uma organização humanitária sul-africana, diz ter descoberto, esta segunda-feira (04), que uma parte considerável dos donativos canalizados ao centro de acomodação de Chihaquelane, no distrito de Chókwè, província de Gaza, Sul de Moçambique, não está a beneficiar somente as vítimas das cheias, mas também os administradores e suas famílias.

Texto: Redacção

Aquela organização afirma que descobriu igualmente listas fictícias nas quais constam, no topo, os nomes de pessoas que não precisam de nenhuma ajuda, por sinal familiares dos que lideram o processo de distribuição de donativos.

O fundador da Gift Givers, Imtiaz Sooliman, referiu que quando descobriu que nas alegadas listas falsas constavam nomes de familiares de administradores e de outros funcionários do Estado ordenou que se interrompesse o processo até que tudo ficasse esclarecido.

“As coisas correram mal por causa dos funcionários do Go-

verno de Moçambique. Dei instruções para se fazer o levantamento das mulheres, crianças, idosos e doentes necessitados, mas ao invés disso descobrimos, hoje (segunda-feira), que essas listas eram falsas ou fictícias porque tinham nomes de pessoas que não precisam de nada. Eles estavam a roubar ao povo que nós queríamos ajudar”, disse Imtiaz Sooliman.

Segundo ele, a falcatrua foi descoberta horas antes de se proceder à distribuição de diversos donativos avaliados em dois milhões de rands naquele acampamento.

Neste contesto, está explicada a razão de tanta gente ter receio de canalizar, por via de terceiros, ajudas às vítimas das calamidades naturais em Moçambique. É que os apoios que, supostamente, são entregues para atenuar o sofrimento daqueles que realmente necessitam alimentam também os familiares dos que têm a tarefa de distribuir os donativos.

De acordo com a Fundação Gift Givers, há um esquema montado para roubar os donativos avaliados em milhões de rands que estão a ser aplicados nas acções de ajuda humanitária destinada a 60.000 sobreviventes das inundações no país.

Este roubo, diga-se, vergonhoso, a avaliar pela situação deplorável em que se encontram as pessoas a quem as ajudas se destinam, ocorre numa altura em que a Fundação Gift Givers aponta que mais de 3.500 famílias – muitas com crianças gravemente doentes – estão aquarteladas no centro de acolhi-

mento em Chókwè.

Logo que os camiões de alimentos e ambulâncias chegaram a Chókwè, acompanhados por soldados sul-africanos, as pessoas correram para o centro de Chihaquelane para pedir ajuda.

Neste contexto, ao invés de serem os administradores ou outras pessoas ligadas ao Aparelho do Estado a distribuir os donativos, a Fundação Gift Givers está a dar comida, água e vestuários directamente aos necessitados. A prioridade vai para as crianças.

Domingos Utui, líder de uma igreja nas proximidades de Chihaquelane, disse que a situação é lastimável.

“Temos muitas famílias acampadas em edifícios e escolas. Elas fugiram para aqui porque não tinham para onde ir. O Governo tem sido lento a dar assistência e o povo não tinha escolha senão vir até nós”, relatou Domingos Utui a Imtiaz Sooliman.

Ainda de acordo com o líder da igreja, “não temos nada para ajudá-los. As nossas aldeias não têm comida. A sua presença aqui é uma resposta às nossas orações. Sem a ajuda da África do Sul, muitos teriam morrido”.

Perante estas queixas, Sooliman disse que a sua organização irá ficar em Chókwè o tempo necessário.

Animais em extinção: Ausência de legislação penaliza flamingos

Um cidadão armado, cuja identidade não foi apurada, que se fazia transportar numa viatura de marca Mitsubishi Pajero, com a chapa de matrícula, MNE-36-08, atirou, na manhã do último domingo (03), contra um bando de flamingos que povoava uma área depois do bairro dos Pescadores (Costa do Sol, na capital moçambicana) nas proximidades da discoteca 2001, em direcção à aldeia da ADDP. Matou alguns, mas parece não haver como penalizar este tipo de actos por falta de uma lei específica sobre a matéria.

Texto: Redacção • Foto: Cidadã Reporter

Uma cidadã que na altura passava pelo local surpreendeu o homem e fotografou-o na companhia do seu comparsa que apanhava os animais já mortos. Ele só parou de disparar contra as aves quando se apercebeu de que nas imediações havia alguém a prestar atenção às suas acções e a ameaçar ligar para as autoridades...

Segundo a mesma cidadã, que por sinal se dedica à criação de animais, os referidos flamingos mudaram-se para aquele local há poucos dias e os residentes nunca lhes fizeram mal.

Inquieta com o sucedido, ela reportou o facto ao @Verdade e contactou, no mesmo domingo, a Polícia da 13ª esquadra no bairro do Triunfo, mas até esta quarta-feira (06) ainda não tinha recebido nenhuma resposta satisfatória sobre a localização do “assassino” dos flamingos, nem explicação sobre a legalidade ou não daquele acto. A cidadã disse-nos desconfiar que a corporação não tenha nenhum interesse em investigar o caso, a avaliar pela forma como o assunto estava a ser tratado.

O que mais deixa desassossegada a fonte a que nos referimos é o facto de o visado andar aos tiros num bairro residencial.

A reação da Justiça Ambiental

O @Verdade contactou alguns ambientalistas para saber deles até que ponto abater os flamingos pode ser ou não crime.

Anabela Lemos, da Justiça Ambiental, disse que a caça furtiva de animais, em Moçambique, é uma realidade. Entretanto, os esforços do Governo para travar esta situação parecem ser nulos.

Neste momento, os caçadores decidiram atacar os flamingos, uma espécie de ave que, infelizmente, está em extinção, disse Anabela Lemos, que acrescentou ter tomado conhecimento do assunto através da rede social Facebook.

A sua atitude perante o caso foi fazê-lo chegar às entidades competentes, uma vez que não cabe à Justiça Ambiental dar o devido seguimento legal. Contudo, nada foi feito e, à semelhança da cidadã que presenciou e reportou o acto, as suas expectativas foram goradas.

De acordo com a Justiça Ambiental, em Moçambique este problema debate-se com a ausência de uma legislação que penalize, de forma severa, os caçadores de animais, sobretudo dos que estão em extinção. Este vazio legal dá azo a que os malfeitores actuem livremente e permane-



çam impunes. O problema é deveras preocupante, uma vez que neste momento os flamingos estão a ser abatidos e comercializados na via pública sob o olhar impávido e sereno de quem devia velar pela sua protecção.

“Na Matola registamos casos de flamingos que estão a ser vendidos na rua”, afirmou Lemos, para quem o país deve respeitar a convenção internacional que prevê a protecção de espécies em extinção, e o flamingo é uma delas. Até já devia ter sido criada uma lei específica para responder a essas situações.

“A nossa posição, em relação a este caso, é de que essa caça consubstancia um crime que deve ser punido”, disse Lemos.

Os animais em extinção devem ser protegidos

Em contacto telefónico com o @Verdade, Emília Polana, da Direcção Nacional para a Coordenação da Acção Ambiental, mostrou um desconhecimento total do caso de abate de flamingos no bairro dos Pescadores em Maputo. Entretanto, explicou que os animais em vias de extinção devem ser protegidos e não podem ser vendidos.

Emília Polana confirma a ausência de uma lei específica moçambicana que versa sobre a protecção dos animais e explica que há, neste momento, acções tendentes a mudar o cenário uma vez que o Governo já assinou a convenção internacional sobre o assunto.

Para além disso, a nossa fonte garante que foi preparada uma proposta de lei sobre a protecção dos animais em extinção e contra o comércio nacional e internacional dos mesmos. O referido documento será apreciado e aprovado numa das sessões do Conselho de Ministros ainda este ano.

O que são flamingos?

Os flamingos são aves pernaltas, gregárias, de bico encurvado, que vivem em bandos numerosos, medindo entre 90 e 150 centímetros. A sua plumagem pode ser bastante colorida em tons de rosa vivo. São animais que se alimentam de algas e pequenos crustáceos através de filtração. Vivem em locais próximos da água de onde provém a sua dieta, composta principalmente por vegetação e invertebrados aquáticos.

Algumas espécies conseguem inclusivamente habitar zonas de salinidade extrema. São também animais de hábitos migratórios, que podem voar aproximadamente 500 quilómetros por dia em busca de alimento e locais para a nidificação.

Eles vivem em grandes colónias que variam de 3 a 6.000 pares. Assim, reproduzem-se em grupos e durante a postura, cada uma das fêmeas deposita apenas um ovo que, em média, gera uma nova ave decorridos 29 dias. Entre três e seis anos atingem a maturidade sexual e podem viver longos períodos tanto em vida livre (33 anos) como em cativeiro (44 anos).

Reacções no [facebook.com/JornalVerdade](https://www.facebook.com/JornalVerdade)

CIDADÃ REPORTA:

Um Homem armado, conforme ilustra a foto estava ao final desta manhã aos tiros a um inocente bando de flamingos, logo depois do Bairro dos Pescadores, perto da discoteca 2001, a caminho da Aldeia da ADDP, enquanto um comparsa ia apanhar os animais mortos; e só parou de atirar e se retirou do local no seu Mitsubishi Pajero MNE-36-08 quando a pessoa que tirou a foto protestou e ameaçou ligar para as autoridades...

Estes animais mudaram-se para este local há poucos dias e os residentes locais nunca lhes fizeram mal. O ano passado viveu lá durante uns meses, junto com os patos no lago mais perto das casas apenas um flamingo durante meses.

Não é a pobreza que faz com que as pessoas matem os animais os selvagens (de forma tão brutal)!



Manel Pacheco Aqui na minha terra era prisão pela certa, ninguém se atreve a incomodar aves protegidas pela lei. Abraço a Moçambique. 2/2 às 19:22 · Gosto · 7



Joaquim Joao Correia E' necessario deter este criminoso... 2/2 às 19:24 · Gosto · 2



Edmilson Dengo Infelizmente ele nem o faz por fome, é por diversão e poder econômico mesmo! 2/2 às 19:25 · Gosto · 5



Danilo da Silva Alguém prenda esse animal! 2/2 às 19:27 · Gosto · 3



Danilo de Nascimento Ainda existem patifes sem amor aos animais (que por sinal alguns estão em vias de extinção). 2/2 às 19:27 · Gosto · 1



José Chicumba ... Aposto que será parte da ementa em algum restaurante. 2/2 às 19:38 · Gosto · 3



Tsutsi Fumo este nigga ta ket pha, lugar dele é no B.O pha!!! cadei ele é q fez, ele é q faz? 2/2 às 19:32



Eduardo Vasconcelos Pobreza?... com um automóvel destes e uma espingarda!... A pobreza é outra: De espírito, de educação cívica e de cidadania! Isso sim! 2/2 às 19:33 · Gosto · 3



Malcom X Marshall Machanguana Tiros certos em lugar errado, contra alvos inocentes. 2/2 às 19:35 · Gosto · 1



Renne Orquideo Nasser Com esta foto pode-se prede esse criminoso? Isto nao pode ficar assim! 2/2 às 19:36 · Gosto · 2



Antonio Carlos Pinto Ferreira E proibido abater Flamingos. E uma especie protegida. Alem disso estamos no defeso. Acho que a policia nao precisa de muito mais para identificar este energumero. E po-lo atras das grades. 2/2 às 19:38 · Gosto · 5

Casino: Direitos laborais na roleta

Mesmo com o “Auto de Advertência”, o Casino Polana SA continua relutante em respeitar a lei no que diz respeito ao pagamento do subsídio de trabalho nocturno. Os atropelos aos direitos laborais não param por aí e vão desde a violação do “Acordo da Empresa”, manipulação de horários, até a criação de um sindicato manietável.

Texto: Rui Lamarques

O Casino Polana SA, na cidade de Maputo, tornou-se um inferno para os trabalhadores de mesa nos últimos dois anos. Um grupo de funcionários alimenta a ideia de justiça dia e noite. Tudo isso porque a direcção geral da empresa decidiu, assim do dia para a noite, praticar o horário diurno. Na verdade, essa alteração de horário, sem consultar o órgão sindical, visa a eliminação do pagamento de 25 por cento sobre o salário consagrado no artigo 115º/3 da Lei do Trabalho.

A mudança do horário de trabalho ocorreu no dia 25 de Novembro após a visita de uma brigada da inspecção de trabalho, a qual constatou que a empresa viola os direitos dos trabalhadores “no pagamento de remunerações pelo serviço noturno.

O acto da direcção da empresa contraria o disposto no artigo 87º que obriga a estabelecer horários compatíveis com os interesses dos trabalhadores, para além de violar gravemente os princípios de favor laboral.

No entanto, o entendimento do Casino, numa carta endereçada à Direcção do Trabalho da Cidade de Maputo, lê-se: “Com todo o respeito pela V/ opinião, não é devido o subsídio de trabalho nocturno previsto no nº3 do artigo 115 da Lei nº 23-2007 de 1 de Agosto, pois os trabalhadores do Casino Hotel Polana exercem as suas atividades em regime de trabalho por turnos, tal como, aliás, consta nos respectivos contratos de trabalho. Nos termos conjugados dos artigos 91 e 92 da Lei nº 23-2007, o trabalho por turnos, mesmo abrangendo o período nocturno não é considerado como trabalho nocturno.”

Refira-se, contudo, que nos anteriores seis anos (2007, 2008, 2009, 2010, 2011 e 2012) vigorou um horário no qual os trabalhos eram feitos de noite. Nas listas a que o @Verdade teve acesso não há registos de funcionários que tenham trabalhado de dia.

O mais grave, porém, está no facto de terem permanecido no local de trabalho mais do que 48 horas semanais. Há casos de trabalhadores que em 2007, 2008, 2009, 2010 e 2011 registaram 63 horas semanais.

No entanto, quanto aos trabalhadores cujos contratos não têm regime de exclusividade encontraram outras alternativas para aumentar os seus rendimentos fora da empresa, o Casino escudou-se na lei para afirmar que “a Lei do Trabalho ao fixar os limites de horários diários no caso de 8 (oito) horas, o faz para proteger a própria capacidade humana para o trabalho (...) a própria Lei tem como objectivo impedir que os empregadores possam submeter os seus trabalhadores a cargas horárias desumanas”.



Atropelo ao artigo 60

O artigo 60 da Lei 23/2007 refere que o empregador, dentro dos limites decorrentes do contrato e das normas que o regem, pode fixar, dirigir, regulamentar e disciplinar os termos e condições nos quais a actividade deve ser prestada. No entanto, o Casino ignora esse dispositivo legal e fixa horários ao sabor dos interesses da direcção sem consultar o Comité Sindical.

Uma carta endereçada a um funcionário refere que “a Direcção Geral do Casino Polana SA, com surpresa tomou conhecimento de que V. Excia. no período diurno é quadro da empresa... onde cumpre todos os dias o horário normal (...). Ora, esta situação de modo algum o Casino Polana pode aceitar e tolerar. Assim, perante o exposto, insta-se V. Excia. a optar pelo emprego que pretende, se pela empresa..., ou pelo Casino Polana SA”.

Em sublinhado deixa uma nota: “**caso opte por continuar no Casino Polana SA, deve apresentar prova de ter renunciado ao seu vínculo laboral com a empresa..., no prazo de 05 (cinco dias).**”

Os trabalhadores aguardam que algo aconteça, de preferência brevemente, com a impaciência de quem vê os seus direitos violados. O horário ‘imposto’ pela direcção não tem aprovação do comité sindical. Por outro lado, os contratos vigentes entre a empresa e os funcionários não têm nenhuma cláusula de exclusividade. No entanto, o Casino Polana impede os seus funcionários de desempenharem actividades noutras empresas.

Desacordo nos cálculos

A direcção da empresa informou ao sindicato dos trabalhadores que a base de cálculo é a multiplicação do salário bruto pelo número de dias de trabalho efectivo. No entanto, o nº 3 do artigo 115º da Lei 27-2007 de 1 de Agosto diz que o subsídio é igual a 25 por cento do salário. A esse respeito, os trabalhadores receberam cartas individuais com os valores a receber e o respectivo desconto.

No entanto, o novo código do Imposto sobre Rendimentos de Pessoas Singulares (IRPS) refere que as pessoas que auferem um salário abaixo de 12 mil meticais estão isentas de serem taxadas no seu ordenado mensal. O Casino, de acordo com os recibos de pagamento dos trabalhadores, descontou o IRPS. “Não se pode confundir o valor retroactivo dos 25 por cento com o salário”, diz uma carta dos comissão de trabalhadores endereçada à direcção do Casino Polana. Efectivamente, o erro ou negligência que levou ao incumprimento do pagamento foi da empresa. Por isso, diz a comissão, “se o IRPS corresponde aos 25 por cento do salário que não foi pago no período correspondente a culpa é da empresa. Assim sendo e de acordo com o artigo 23 da Lei nº 2/206 de 22 de Março, a

empresa tem a responsabilidade de compartilhar no pagamento do IRPS que por sua culpa não foi pago atempadamente”.

Um sindicato forjado

O Estatuto do Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Indústria Hoteleira, Turismo e Similares (SINTIHOTS) refere, no nº 2 artigo 11, que “o associado inscrito assume a qualidade de sócio do SINTIHOTS, com direitos e deveres inerentes, incluindo o pagamento imediato da quotização sindical que será descontada directamente na folha de salário, no seu estabelecimento mensal”. Na alínea b do artigo 13 perdem a qualidade de associados os membros que deixem de pagar “a quota sindical por um período superior a cento e oitenta dias, e que depois de avisado por escrito não efectue o pagamento no prazo de 30 dias a contar da data de recepção do aviso”. Nesta condição, de um total de 102 funcionários 75 trabalhadores não preenchem os requisitos para fazer parte do Comité Sindical. Apenas 27 têm as quotas em dia. No entanto, na eleição do actual secretariado do sindicato a nível da empresa, 75 pessoas votaram sem direito e elegeram um “interlocutor dócil para a direcção da empresa”.

Funcionários que falaram à nossa Reportagem denunciaram o esquema. Escusado será dizer que o actual secretário do Comité Sindical, Daniel Salomão Nhandale foi promovido a supervisor e é, agora, o menino dos olhos bonitos da direcção. Tal manobra, dizem os funcionários, é um claro atropelo à alínea f do acordo de empresa que reza que um dos deveres da empresa é “respeitar a liberdade sindical consagrada na lei”. “O Comité Sindical não está preparado para fazer cumprir e evitar estratégias. Também é impotente para impedir que a direcção e os recursos humanos explorem os trabalhadores”, diz um funcionário perfeitamente identificado. No entanto, @Verdade prefere omitir o seu nome.

O que diz o Casino?

@Verdade contactou telefonicamente na manhã desta terça-feira (5 de Fevereiro) o director dos Recursos Humanos do Casino Polana, Edson Macuácu, o qual se prontificou a prestar declarações na sede deste jornal às 15 horas do mesmo dia. Antes da hora marcada recebemos a visita do responsável pelo pessoal da empresa. Por ter chegado antes do tempo acordado, pedimos ao nosso convidado que aguardasse 10 minutos para ser ouvido. O senhor recusou-se e disse que tínhamos os seus contactos telefónicos. No entanto, 10 minutos após ter deixado a nossa Redacção, deixou de atender às nossas chamadas. Ainda assim, deixamos espaço para que os responsáveis pelo Casino clarifiquem o problema e exponham o seu posicionamento.

Hospitais da cidade de Nampula sem medicamentos contra a malária

Várias unidades sanitárias da cidade de Nampula não têm antimaláricos desde a última segunda-feira, facto que já preocupa os doentes. O problema é gritante para os enfermos cuja condição financeira não permite que recorram a farmácias privadas, onde os fármacos são vendidos a preços proibitivos.

Texto: **Redacção**

O @Verdade visitou três farmácias desta parcela do país e apurou que o preço de uma carteira do Coartem, um medicamento usado para o tratamento da malária, custa 120 a 300 meticais, contra 30 a 50 meticais praticados no mercado negro.

A ruptura de stock deste tipo de medicamento acontece numa altura em que o número de doentes está a crescer. Em quase todas as unidades sanitárias é notória a presença de inúmeros doentes que se queixam de sintomas de malária. Nos centros de saúde 1º de Maio, 25 de Setembro e no Posto de Saúde de Namicopo, por exemplo, as filas são enormes.

Alguns funcionários das farmácias privadas em Nampula justificam os elevados preços de anti-maláricos com os elevados custos de importação dos mesmos. Segundo avançaram, Portugal e Índia são os principais mercados que fornecem ao país. O director de saúde na cidade de Nampula, Leonel Namuquita, desdramatizou a situação e

considerou que não há motivos para tanta preocupação. Nas suas palavras, trata-se de uma crise que pode estar relacionada com alguma lacuna na gestão de fármacos por parte dos responsáveis dos estabelecimentos hospitalares onde se verifica a crise.

“Os antimaláricos são disponibilizados através do depósito provincial localizado nesta cidade (Nampula).

Em caso de aumento do número de doentes, as direcções das unidades sanitárias devem apresentar planos concretos e requisitar quantidades significativas que possam suportar a semana toda”, justificou Namuquita, para quem alguns gestores dos hospitais só se preocupam em garantir os stocks de medicamentos depois de esgotar tudo o que tinham nos armazéns.

Num outro desenvolvimento, o director referiu que há funcionários que roubam medicamentos nas unidades sanitárias para vendê-los no mercado negro.

Alunos desconhecem o significado do Dia do Heróis Moçambicanos

Os alunos de diferentes escolas primárias completas da cidade de Nampula desconhecem o significado do 3 de Fevereiro e de outras datas históricas. Apesar de saberem que esse dia é feriado nacional, não têm noção, porém, do porquê disso, o que sugere haver lacuna por partes dos estabelecimentos de ensino e dos pais e encarregados de educação em relação à obrigatoriedade de os educandos conhecerem as datas memoráveis do seu país.

Texto: **Redacção**

O 3 de Fevereiro, ou simplesmente Dia dos Heróis Moçambicanos, é uma data instituída para honrar aqueles compatriotas que estiveram presentes, sobretudo os que se destacaram, na Luta de Libertação Nacional. A efeméride surge, precisamente, em homenagem a Eduardo Chivambo Mondlane, um dos fundadores e primeiro presidente da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), organização que lutou contra o jugo colonial português pela independência de Moçambique.

Ele morreu a 3 de Fevereiro de 1969 ao abrir uma encomenda que continha uma bomba, na casa de uma ex-secretária sua, Betty King.

Albino João, aluno da 7ª classe da Escola Primária Completa de Mutauanha, disse ao @Verdade que não sabe nada sobre o 3 de Fevereiro. O seu professor teria dito, na sexta-feira (01), que no domingo todos os alunos deviam estar na Praça dos Heróis para participar na cerimónia de deposição de uma coroa de flores.

Segundo nos contou, o seu professor teria ameaçado toda a turma ao afirmar que aquele que, porventura, não fosse à praça, na terça-feira não participaria nas aulas e, como castigo, ficaria na escola a fazer limpeza. “Eu não quero ficar prejudicado e prefiro marcar presença, pese embora não conheça a data”.

Joaquina Fernando e Catarina António, ambas alunas da 5ª classe, na Escola Primária Completa de Muthita, foram também interpeladas pela nossa Reportagem a caminho da Praça dos Heróis. Quando questionadas sobre a efeméride, puseram-se a rir e disseram que não tinham noção do que teria acontecido nesse dia. O professor da disciplina de Ciências Sociais teria explicado o significado da data, mas elas esqueceram-se.

Elas enfatizaram que os professores obrigam os alunos a participar nos eventos daquela natureza, mas esquecem-se de explicar o significado das datas.

Salimo Momade e Albertina Amisse frequentam a 7ª classe nas escolas primárias completas de Sera da Mesa e Limoeiros, em Nampula. Elas também não sabem que foi no dia 3 de Fevereiro de 1969 que Eduardo Mondlane perdeu a vida, vítima de uma bomba. E que para além de reconhecer os feitos dos que estiveram envolvidos na libertação da pátria do colonialismo português, a data serve igualmente para homenagear aquele herói nacional também conhecido como arquitecto da Unidade Nacional.

As duas alunas afirmaram que os professores falam pouco das datas históricas e comemorativas de Moçambique.

Jovem viola sexualmente criança de 1 ano em Nampula

Um jovem de nome Momade Bernabé, de 31 anos de idade, violou sexualmente uma criança de um ano e três meses, na última quinta-feira (31), no distrito de Nampula-Rapale, segundo a Polícia da República de Moçambique (PRM).

Texto: **Redacção**

Pedro Cossa, porta-voz do Comando-Geral da PRM, contou que aquele jovem trabalhava como empregado doméstico na casa dos pais da vítima, tendo-se aproveitado da ausência dos progenitores para cometer o crime. A criança foi submetida a exames médicos e comprovou-se que houve violação. Ela está fora de perigo e já teve alta, apesar dos ferimentos contraídos nos órgãos genitais.

Enquanto isso, há dias, outro cidadão de nome Luís Muianga, de 40 anos de idade, infectado pelo Vírus de Imunodeficiência Humana (HIV), agente causador do Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA), violou sexualmente a sua própria filha, de 13 anos de idade, no bairro Tsalala, arredores da cidade da Matola, província de Maputo.

O facto foi despoletado pela vizinhança que assegurou não ser a primeira vez que Luís Muianga abusava sexualmente da sua filha, segundo o porta-voz do Comando Provincial da PRM, Emídio Mabunda. Luís Muianga saiu de casa numa manhã com a sua esposa para a machamba. Chegados ao destino, ele inventou desculpas e regressou. Aproveitando-se da ausência do cônjuge, ele forçou a filha a praticar o acto. Ficou comprovado que era a terceira vez que tal acontecia. Entretanto, o visado negou as acusações que pesam sobre si. Nas suas palavras, a adolescente inventou tudo porque se quer ver livre dele, uma vez que volta tarde à casa e não quer ser chamada à atenção.

Caros leitores

Pergunta à Tina... Dei à luz há alguns meses. Posso fazer sexo sem preservativo?

Caro leitor, a coisa ainda está mal. Se puderes ajudar de alguma forma as vítimas das cheias, por favor fá-lo. Para além de ajuda material, as pessoas nas zonas de reassentamento precisam também de informação.

É que estas pessoas estão vulneráveis a vários riscos, incluindo o de violência sexual e infecções de transmissão sexual. Tu também podes sentir-te assim, vulnerável a riscos que colocam em causa a tua integridade física. Procura-nos se precisares de informação sobre a tua saúde sexual e reprodutiva, e denuncia qualquer acto de violação sexual. Não hesites

enviem-me uma mensagem através de um sms para **821115**
E-mail: **averdademz@gmail.com**

Olá Tina. Chamo-me Anastácia e tenho um filho de 7meses. Desde que dei à luz ainda não comecei a menstruar, mas já comecei a ter relações sexuais com o meu marido sem preservativo. Será que há risco de engravidar?

Olá linda. Oooh, é claro que podes engravidar! Isso disseram-me as enfermeiras quando saí do hospital depois do parto do meu primeiro filho. São os truques da natureza que nós não entendemos. Nós infelizmente não temos total controlo sobre a ovulação. Embora não estejas a ver a menstruação, isso não quer necessariamente dizer que os óvulos não estejam prontos para fertilizar.

É aconselhável que uses um método contraceptivo para evitar a gravidez com muita urgência. Para fazer isso, deves voltar à unidade sanitária onde fazias o pré-natal ou outra qualquer, e procurar a ajuda de um/a ginecologista ou enfermeira de saúde materno-infantil (SMI) para que estes possam aconselhar-te sobre o melhor método contraceptivo para uma mulher que esteja a amamentar. A amamentação não pode ser considerada um método contraceptivo. É aconselhável que uma mulher tenha filhos em intervalos de, pelo menos, dois anos. Por isso, cuida-te.

Ola Tina. Escrevo sob anonimato. Tenho 19 anos. Estou com o meu namorado há 1 ano e meio. Uma vez, quando estávamos a transar, sentia dores no abdómen sempre que ele me penetrava, como se a minha bexiga estivesse cheia. Será que tenho algum problema?

Olá fofinha anónima. Problema, problema eu não posso confirmar. O desconforto abdominal durante a relação pode ser resultante de qualquer coisa, desde a posição que vocês escolherem até uma possível infecção ou mesmo uma bexiga cheia. Eu talvez começaria por excluir possibilidades, da mais grave a menos grave. Podias começar por ir a uma consulta de ginecologia para que a/o médica/medico faça os necessários testes para perceber se não tens algum tipo de infecção ginecológica.

É muito comum, quando temos uma infecção de transmissão sexual, sentirmos esse tipo de desconforto. Mas, enquanto isso, também podes ir acompanhando o teu próprio corpo, percebê-lo, conhecê-lo, prestando mais atenção para perceberes se estás com a bexiga cheia durante a relação, ou se a posição que vocês escolheram não é confortável para ti. E, mais importante ainda, evita contrair outras infecções de transmissão sexual usando sempre o preservativo.

Muhala: Um bairro cujo crescimento contrasta com a disponibilidade de infra-estruturas

“Hii Noroa Mohala Voo”, ou seja, “nós já vamos e vocês podem ficar.” Foi assim que surgiu o nome do bairro de Muhala, na cidade de Nampula. A história reza que na altura alguns cidadãos eram detidos pela PIDE devido ao não pagamento de impostos e outros pronunciavam, quando fugiam, essas palavras.

Texto & Foto: Nelson Miguel

Para além dos naturais da cidade de Nampula, o bairro de Muhala – cujo crescimento contrasta com a disponibilidade de infra-estruturas e os problemas, sobretudo de saneamento do meio, tendem a aumentar – foi, no princípio, habitado pela população proveniente dos distritos de Mogovolas, Mogincual, Moma, Angoche e do Posto Administrativo de Corane, no distrito de Meconta.

De há uns tempos para cá, cidadãos de outras províncias e oriundos da região dos Grandes Lagos povoaram aquela área. Actualmente é visível uma mistura de gente de diversas origens, em particular africana.

Muhala está localizado na cidade de Nampula. Tem cerca de 60.046 habitantes, segundo o último Censo da População e Habitação.

É constituído por sete unidades comunais, nomeadamente Eduardo Mondlane, 7 de Abril, Josina Machel, Paulo Samuel Khancomba, Serra da Mesa, 1º de Maio e 25 de Junho. Em termos de fronteiras, no norte é limitado pela Avenida Eduardo Mondlane, Rua Mártires de Moeda e pelo bairro de Namutequeliua.

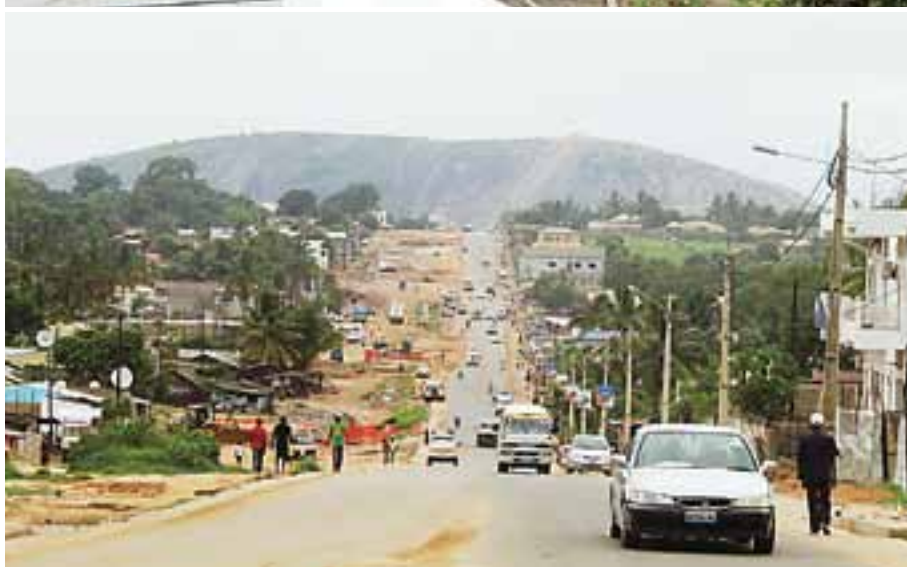
No sul pela Avenida Frente Popular de Libertação de Moçambique (FPLM) e pelo bairro de Muahivire. Na zona este faz limite com os rios Nawithipele e com o Posto Administrativo de Anchilo, no distrito de Nampula-Rapale, e a oeste com a Avenida Samora Machel.

Muhala, diga-se, é também um bairro que enfrenta problemas sérios de construções desordenadas.

A presença massiva de estrangeiros vindos da região dos Grandes Lagos está a preocupar a população local alegadamente porque eles se encontram a viver ilegalmente e desenvolvem actividades comerciais.

Água, saneamento do meio e vias de acesso

No bairro de Muhala há muitas comunidades sem água potável. Localmente existem 31 fontanários, dos quais 10 estão avariados. Os moradores das unidades comunais 25 de Junho, 1º de Maio e Serra da Mesa, por exemplo, percorrem cinco a sete quilómetros para ter acesso ao precioso líquido. Caso contrário, recorrem ao rio Muha-



la, de onde buscam a água para todas as actividades caseiras, incluindo para o consumo. O saneamento do meio daquele bairro é precário. O lixo e O fecalismo a céu aberto são alguns dos vários problemas com que se debate.

Os residentes das unidades comunais 7 de Abril; Josina Machel, Eduardo Mondlane e Paulo Samuel Khancomba, por exemplo, recorrem ao rio Muhala para fazer necessidades biológicas e para depositar os resíduos sólidos.

O mercado de peixe está degradado e A limpeza é nula. De todos os lados exala um cheiro nauseabundo. Enquanto isso, as unidades comunais de 25 de Junho, Serra da Mesa e 1º de Maio são as únicas que estão ordenadas e as restantes se encontram em estado deplorável.

As vias de acesso são precárias e na sua maioria são de terra batida, com excepção de uma e outra que estão a ser pavimentadas. Aliás, há zonas onde não é possível circular de viatura nem de motorizada.

Saúde e Educação

O bairro de Muhala não possui uma unidade sanitária sequer. A única que existia e que se situava na zona onde foi construído o mercado dos Belenenses deixou de funcionar quando as autoridades locais pretendiam reabilitá-la, o que não aconteceu até que foi vandalizada e destruída. A população local, quando precisa de cuidados sanitários, divide-se pelos postos e centros de saúde circunvizinhos. Uma parte recorre ao Hospital Central de Nampula e a outra ao recém-construído Centro de Saúde de Muhala-Expansão, outra ainda ao Centro de saúde 1º de Maio. As doenças mais frequentes são a malária e as diarreias.



Educação e criminalidade

Na componente da Educação aquele bairro possui três escolas primárias e completas e duas secundárias. Serafim Cahia, chefe da Direcção Social de Muhala, disse ao @Verdade que há falta de estabelecimentos de ensino, sobretudo porque a procura é maior que o número de crianças que querem estudar. Esta situação não encontra resposta na construção de novas infra-estruturas.

Devido a esse problema, muitas crianças e jovens ficam sem estudar porque as vagas são insuficientes.

Alguns percorrem entre três e cinco quilómetros para aceder a uma escola.

Segundo o Comando Provincial da Polícia da República de Moçambique (PRM) em Nampula, na pessoa do seu porta-voz, Inácio Dina, o bairro de Muhala é o quarto com problemas sérios de criminalidade, em particular de homicídios, roubos e ofensas morais.

Enquanto isso, os moradores apontam que alguns crimes se devem ao reflorescimento de locais de diversão nocturna, cujo controlo é incipiente por parte das autoridades.

Jardins e Mercados

Isidro Sapatero, de 52 anos de idade, reside na Unidade Comunal Josina Machel, disse-nos que a sua preocupação neste momento tem a ver com a falta de mercados e espaços de recreação.

Não há parques e jardins, nem um recinto desportivo. No bairro de Muhala só existe um mercado, o dos Belenenses.

Na Unidade Comunal 25 de Junho foi iniciada a construção de um bazar com fundos do sector privado mas as obras não terminaram por razões não explicadas, desde 2011.

O tecto foi sacudido pelo vendaval e as paredes reduzidas a escombros.

Livro de Reclamações d'Verdade

O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal @Verdade, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Reclamação

Bom dia, Jornal @Verdade. Somos funcionários do Conselho Municipal da Vila de Massinga e queremos, através da vossa correspondência, apresentar um caso que tem a ver com os frequentes atrasos no pagamento de salários. O pior foi ter passado a quadra festiva sem dinheiro porque não nos pagaram a tempo.

Por causa deste problema, os funcionários do município da Massinga reuniram-se, no passado dia 20 de Dezembro, com o edil desta autarquia para pedir explicações em torno dos sistemáticos atrasos no pagamento de salários.

Do encontro mantido apenas houve promessas que indicavam o dia 25 de Dezembro como data limite para se remunerar os trabalhadores, o que não aconteceu.

O mais crítico é trabalharmos como escravos quando o pagamento é demorado. Por exemplo, o décimo terceiro vencimento referente ao ano de 2011 só nos foi pago em Julho de 2012. A prioridade foi dada aos membros da Po-

lícia Municipal, que receberam inclusive os retroactivos.

No dia 25 de Janeiro passado, o presidente do Conselho Municipal da Vila da Massinga convocou mais uma reunião e prometeu pagar ainda dentro desse mês, o que mais uma vez não aconteceu alegadamente porque estava à espera do fundo de compensação autárquica para ver se cobria as despesas dos honorários. Os trabalhadores tiveram o seu dinheiro no dia 01 de Fevereiro corrente, mas sem o décimo terceiro.

Entretanto, facto curioso é que no mês de Dezembro o encarregado da contabilidade da edilidade, Tomás Muloi, importou uma viatura num período em que os funcionários passaram as festas entregues à sua sorte.

Gostaríamos de saber quando é que o município vai resolver a questão dos atrasos sistemáticos dos salários e do décimo terceiro porque se repetem todos os anos. Temos filhos por cuidar e já chega de atrasos enquanto diariamente entra dinheiro nos cofres do município.

Resposta

Ciente da relevância da inquietação dos funcionários daquela autarquia, o @Verdade contactou, telefonicamente, o presidente do Município da Vila da Massinga, Clemente Boca.

Primeiro, reconheceu os problemas levantados pelos trabalhadores. De seguida, explicou que os atrasos se devem à fraca colecta de receitas, o que não garante a execução sustentável das despesas correntes e extraordinárias previamente traçadas.

De acordo com o edil, apesar do atraso verificado, o salário de Dezembro já foi pago. Falta o décimo terceiro referente ao ano 2012, mas o município está a enfrentar dificuldades relacionadas com a exiguidade de dinheiro

proveniente das receitas. Segundo explicou, houve vários factores que concorreram para a falta de dinheiro, dentre eles a transferência da edilidade do antigo edifício para o novo, o incumprimento da colecta de impostos e o défice na cobrança da taxa de lixo.

O imposto predial autárquico não está a ser cobrado porque ainda não havia cadastro dos edifícios existentes na vila da Massinga.

O edil referiu também que trimestralmente recebe dois milhões de meticais do Fundo de Compensação Autárquica do Governo Central. Porém, o valor não cobre as necessidades do município porque estas aumentam a cada dia que passa.

As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorrectos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua **Reclamação** de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos. Envie: por carta – Av. Mártires da Machava 905 – Maputo; por Email – averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS – para os números 8415152 ou 821115. A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.

Alimentação equilibrada ajudar a prevenir o cancro

Celebrou-se, esta segunda-feira (04), o Dia Mundial de Luta Contra o Cancro, cujo objectivo é desmistificar algumas ideias preconcebidas sobre a doença e informar acerca das suas reais causas. Em Moçambique aponta-se que a falta de uma alimentação equilibrada – altamente nutritiva – e a diminuta capacidade de rastreio por parte dos hospitais são alguns factores que concorrem para o aumento do número de doentes todos os anos.

Texto: Coutinho Macanandze

Segundo a nutricionista do Ministério da Saúde, Yara Novele, no país os cancros do colo do útero, da mama e o sarcoma de Kaposi são os que mais afectam as mulheres, enquanto os homens são apoquentados pelos cancros da próstata, o sarcoma de Kaposi e do fígado. Todos eles são curáveis e podem ser prevenidos, desde que haja um rastreio atempadamente. A faixa etária em que a doença se faz sentir com mais predominância entre os homens e mulheres é a dos 35 anos em diante.

O cancro do colo do útero manifesta-se, na sua maioria, em países pobres,

segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) e o diagnóstico é feito já numa fase avançada, ao contrário do que acontece nos países desenvolvidos, onde pode ser identificado prematuramente.

Entretanto, o referido rastreio tem sido deficiente, o que faz com que haja aumento de casos desta doença de forma preocupante para o sector da saúde. A este problema junta-se a falta de recursos financeiros para o tratamento por parte da população.

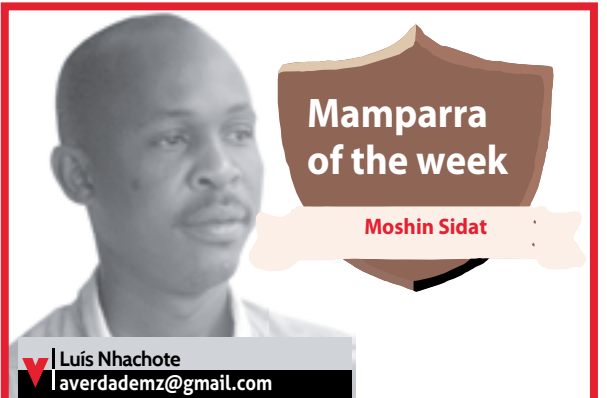
Yara Novele disse que os cancros considerados altamente mortais em

Moçambique são os do útero e da mama porque os doentes aparecem nas unidades sanitárias já em estado avançado da doença. As autoridades moçambicanas reconhecerem a gravidade da situação, mas os esforços de prevenção e tratamento ainda são ineficazes.

Nesse contexto, o Ministério da Saúde decidiu incluir o a despistagem dos cancros do colo do útero e da mama nas consultas do planeamento familiar. Esta medida permite acompanhar o tratamento da doença cedo. Contudo, os serviços ainda não estão disponíveis em todas as unidades sa-

nitárias e as zonas rurais são as mais desfavorecidas, apesar de serem onde vive a maioria da população moçambicana.

A nutricionista Yara Novele aconselha os moçambicanos a optarem pelo consumo, por exemplo, de alimentos ricos em vitaminas como frutas, legumes, verduras, sais minerais, proteínas, carboidratos, fibras e outros compostos alimentares que auxiliam a defesa natural do corpo e a destruição do cancro que danifica as células do organismo. A para disso ajudam igualmente a bloquear ou a reverter os estágios iniciais da doença em alusão.



Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avós e Avós

“A implementação das decisões do Conselho da Faculdade pela Direcção da Faculdade de Medicina não invoca os dispositivos legais que os estudantes do 6º ano violaram, tratando-se apenas de juízo de opiniões, não tendo qualquer fundamento legal que a suporte”

- Associação Médica de Moçambique

O Mamparra desta semana é Moshin Sidat, director da faculdade de Medicina da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), que por despacho chancelou a reprovação de 100 médicos estagiários que de forma solidária aderiram à greve da classe, decorrida entre os dias 7 e 15 de Janeiro último.

Com esta mamparrada, os 100 médicos do universo de 137 finalistas, não irão concluir o curso este ano.

A chancelar a decisão, em jeito de cumplicidade, está o Ministério da Saúde (MISAU), entidade que esperava receber esta centena de médicos, alegadamente porque não pode contrariar a decisão de Moshin Sidat.

Na sua estreia neste infundável universo de mamparras, Sidat, no despacho assinado pelo seu punho e letra, aponta que “todos os estudantes do sexto ano que comprovadamente faltaram às suas obrigações académicas consideram-se reprovados no segmento do Estágio Médico Integrado onde se encontravam quando o referido incumprimento ocorreu”.

O referido despacho indica ainda que a data de repetição do estágio em que reprovaram fica ao critério dos departamentos onde o mesmo deve decorrer, ou por outras palavras, o responsável pode e muito bem decidir que o trabalho deve ser refeito no próximo ano, por exemplo.

Jorge Arroz, o presidente da Direcção da Associação Médica de Moçambique (AMM), estupefacto com esta mamparrada, disse à Imprensa que foram surpreendidos pelo despacho e que estão neste momento a analisar uma série de dispositivos legais disponíveis com vista a averiguar até que ponto a decisão faz sentido.

Pelo que ficou acordado quando a AMM e o MISAU “fumaram o cachimbo da paz” que pôs termo à greve, ficou decidido que não se tornaria nenhuma medida administrativa contra os grevistas, o que significa que as faltas marcadas nas unidades sanitárias perdiam todos efeitos.

Mas Moshin Sidat, e seus correligionários, mandaram, com uma enorme mamparrada, o pacto público para o caixote do lixo, para gáudio da arrogância soberba.

Basta deste tipo de Mamparras, mamparras e mamparras.

Até para a semana!

Cidadania

goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

CIDADÃO Raul REPORTA:
Esperemos que os políticos vermelhos nas províncias sigam este exemplo. O grande chefe vermelho teve de engolir alguns "sapos" na praça dos seus heróis no 3 de Fevereiro de 2013.



Custodio Serafim
Kikiki... Exa é boa!
há 14 horas

Elidio Chachaio
bem feito... há 14 horas

Olimpio Langa
Hey outras cenas.
kkk há 14 horas

Osvaldo Francisco
kikikikikiki, nao
aguentei com essa,
se nao aguenta sai... estao
sempre apitar aqui e nao
querem ceder mais dizem
que nao ha nada há 14 horas

Tsutsi Fumo
hahaha hahaha
haha GALOS TAO
A COMER MILHO! há 14
horas · Gosto · 2

Simão Pascoal
Hossi Interessante
esta foto ya há 14
horas

Calisto Mahoche
Khalass Ñ estamos
brincar. Força MdM
há 14 horas · Gosto · 1

Simão Pascoal
Hossi MDM-
Movimento
Democratico de Moçambique
Viva há 14 horas · Gosto · 1

Sergio Alberto
Sinais de mudança
afinal de contas
num pais democratico nada e
impossivel há 14 horas ·
Gosto · 2

Taibo Satar vi
pessoalment ao
vvo e a kox... há 14
horas

Marcia Tomas Ixto
mostra que os
dirigents
mocambicanox tem nocao
do k e democracia d verdade,
mesmo tendo k engulir
alguns sapos. há 14 horas ·
Gosto · 3

Argentina
Sequeira Porque
esses sapos são
provocados pelo seu
CORRUPTO GOVERNO. Ele
tem que saber que o POVO
DE MOÇAMBIQUE NÃO É
BURRO. há 13 horas · Gosto · 2

Joaquim Sampaio
FINALMENTE A
FRELIMO É
FORÇADA A SER
DEMOCRATICA... há 13 horas

Saide Jacinto Ali
Isso é uma
chamada d
atenção, há 13 horas

Lino Marques
Povo no poder
chega de chuchas
da proxima sera pior há 13
horas

Gilberto Siteo O
poder e do povo
para povo há 13
horas · Gosto · 1

Agostinho Magaia
Povo no poder há
13 horas · Gosto · 1

Sonya Soares
adoreiiii há 13
horas

Inocencio
Marcelino Tarrupe
Todos nox somos
livres d colher oq é melhor
pra nos. Max lamento
bastante pra outror partido
qui ainda nao se deram em
conta k todas stituixos
publicas e algumas privadas
sao do partido no poder. Isto
quer dizer a opozixao nada
tem em moz. há 12 horas ·
Gosto · 1

De-Deus
Guibango Rich
Avante num pais
sem dirigentes corruptos. há
12 horas

Belarmino Fainda
E o pais do padza!
Pra quem curtiu a
novela de cobras e lagarto ja
sab difinir corretament a
historia d moz, aqui o poder
nao conquista-se aranca-se
isto chama-x jogo d carts. há
11 horas

Narciso A.
Machava Pois é,
teve o que o
compete/ competia ter, Que
tamanha vergonha! Até
parece gostar enquanto no
fundo do sorriso ha tanta
humilhação. há 11 horas

Donelio Donny
Mundlovo duvido
que os tenha
engolido, penso que ainda
estejam a coaxar na garganta
dele, kekekekek!!! BIG LIKE há
11 horas · Gosto · 1

Mario Nhazua
Sande Amei,
pensei que sou o
unico. há 11 horas

Momade Braimo
os cocoricos estao
a cm do povo....
Corajosos estao a se
identificar!.. Be careful... há 3
horas

Ticaqui Ziruvi o
man engoliu
mesmo há 2 horas
· Gosto

goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

Jovens estudantes de diferentes escolas da cidade de Nampula desconhecem o significado das datas históricas de Moçambique, neste caso o 3 de Fevereiro. "O meu professor ameaçou-nos e disse que aquele que faltar a praça na terça-feira não vai participar aulas, vai ficar a fazer limpeza na escola e eu como não quero ficar prejudicado prefiro marcara presença, pese embora não conheço a data, avançou.

Preço Justo Moz
Herois da frelimo,
bem dito. E nao
moxambicanos Ontem às
9:17 · Gosto · 1

Edgar Timana
Geração do Slim
Ontem às 9:18

Marcos Langa Max
se nao fosse a
frelimo vce nao
xtaria ai a escrever" HEROIS
DA FRELIMO e Nu
MOÇAMERICANOS," vce nao
conhece a historia d
Moçambique. Ontem às 9:22
· Gosto · 1

Dercilio Diön Tou
a ver comentario d
algunx faxineirox
da frel Ontem às 9:24 · Gosto
· 3

Louis Madeleine
Atencao ao
falarmos da
FRELIMO e da Frelimo. Sao
termos completamente
diferentes. Ontem às 9:28

Isaias Goncalves
da Silva A razao
esplica.....!!!
Mozambique da Frelimo
Ontem às 9:29

Marcos Langa Kual
é o outro partido k
lutou pla
independencia d
mocambique? Ontem às
9:36

Angela Maria
Serras Pires A
independencia foi
dada porque Portugal teve
uma revolucao, nao
divaguem a frelimo estava
completamente dominada a
Historia nao pode ser
inventada Ontem às 9:42 ·
Gosto · 2

Erasmus Beto
Uamusse Exxex
extudentex é
muito trixte viver num país e
n conhecer a historia do seu
País. Afinal estudam parakuê.
E os Pais n servem para lhes
educar e explicar. Estudem
muito mesmo. Ontem às
9:42

Paulo Matabele
Não entendi o seu
comentário Angela
Maria Serras Pires... pode
detalhar melhor? Ontem às
9:49

Aniceto Zacarias
Diferença de
termos? Será que
há diferença entre VERDADE
e Verdade? Acho que os
termos não são homógrafos.

Quanto aos alunos, é
epidemia nacional, aliada à
sociedade conturbada que
somos. Ontem às 9:50

Idmar Porto
Marcos Langa o
Partido Frelimo
não lutou pela independência
e nem tem 37 anos! Quem
lutou pela independencia foi
o movimento de libertação
nacional a FRELIMO. Pensa
um pouco, antes da
independencia não eramos
independentes, portanto não
existiam partidos políticos,
mas sim movimentos de
libertação. FRELIMO
(movimento de libertação)
fundado no dia 25/06/62
FRELIMO (partido) fundado
no dia 03/02/1985 Ontem
às 9:57 · Gosto · 3

Ticaqui Ziruvi ta
muito interessante
este forum, to
aprender um pouco daquilo q
desconheco da frelimo
Ontem às 10:05

Idmar Porto Como
se não bastasse a
própria história
cheia de factos omitidos. Se
temos duas versões da morte
de Eduardo Mondlane, qual
das duas devemos dar aos
estudantes? Os únicos
culpados do
desconhecimento da nossa
história, são esses senhores
que privatizam a nossa
História. Que com o poder
que têm usam famosos mal
informados (que o diga Mc
Roger), para privatizarem a
história. Quem não viu Mc
Roger a dizer que quem
assinou o Acordo Geal da Paz
foi o Guebusines (Guebuza)?
Ontem às 10:06 · Gosto · 2

Chirrute Alberto
Junior Este é o país
d pandza Ontem
às 10:09 · Gosto · 1

Edmilson Neves O
pior e que é!
Ontem às 10:13

Juan Mudlhay Villa
E obvio k afalta de
qualidade de
ensino nas escola tambm
prejudica os alunos não so o
ensino max tambm a falta d
entresse por parte d alunos
não goxtam d ler.e
lametavel Ontem às 10:19 ·
Gosto · 2

Chirrute Alberto
Junior A qualidade
do ensino é
duvidosa mesmo mas
tambem nós alunos não
temos habito d ler, a não ser
nas redes sociais há 23 horas

goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

CIDADÃO REPORTA:

Aqui na escola Primária Completa de São Damaso, em Maputo, as crianças estudam embaixo das árvores sem carteiras nas salas e sem vedação em torno da escola. Os livros de distribuição gratuita não chega para todos só dão 1 para cada 2 e dizem para comprar fora. Mas se é proibido destes livros agora o encarregado vai encontrar onde? Ajudem nos

Stélio Alfredo
Manjate As
madeirax vau p
china Domingo às 20:38

Lino Marques e ixo
mesmo mais
viaturas de luxo
nunca faltam e dinheiro para
os derigentes comerem por
final de semana mbora da ki
chega de nos dar cagado
pentear Domingo às 20:42

Sérgio Joaquim
Macamo Isso
prova k a qualidade
d ensino no pais ainda e '
muito baixo Domingo às
20:42

Ticaqui Ziruvi sao
coisas d vergonha,
a educacao nunca
vai ter boa qualidade nestas
condicoes, esse governo nao
quer q a gente progrida
Domingo às 20:43

Isaac Mabuie Isso
é falta de boa
governação. Esse
governo não se emenda
mesmo. So aqui em Moz, e
ainda dizem que as crianÇas
são flores que ñ murcham.
Domingo às 20:53

Asher Salustia
Cruelmente
verdade. Força
Jornal. Domingo às 21:00

Olive Lirico E
depois dizem,
vamos combater a
pobreza. Combater a pobreza
num pais cheio de
analfabetos? Um pais onde o
governo não se preocupa
com a situação do povo?
Não! Domingo às 21:05

Maverus Dambo
eu nao sei que o
estadio nada dizer
que vender livro gratuito e
proibido + os proprio
professor saos os primeiro a
vender levro gratuito em
escola p khongolote
Domingo às 21:07

JV Manhique vao
justificar dzendo qi
xte ano tivemos
xeias n país Domingo às 21:10

Nellbor Helton N
xerve xta
justificacao porqk
n mandam importar outrox
Domingo às 21:14

Rodrigo
Constantino
Massumagy E o
tempo d mudarmos essa
fantochada essa (Frel) nao
ganha nas proximas
(ELEICOES) se for pela nossa
vontade e nao burlarem e

jogarem tudo limpo. Merda
de dirigentes k
disconsiguiram trazerem a
boa nova k speramos a 3
decadas and some noise e
logico nos trouxeram a paz e
liberdade e agora nos
escravizam mentalmente
alegando esse mesmo
preconseito pisam e repisam
na mesma tecla com ou sem
doacoes da ajuda externa e a
F.M.I Continuamos na
mesma porcarias. Bem,bem o
k e isto? O k falta pa
mudarmos este cenario.
Domingo às 21:22

Vanildo R Chicane
mais um sapo que
voces vao ingolir
nao se dando tempo de nem
polo no fogo mas o mais
ingrassado hoje lamentan no
dia de votar sao iludidos por
bones e t sher vermelhos
Domingo às 21:33

Binövitch Elidio O
governo nao tem
dinheiro, dinheiro
que era para comprar livros
gastao por coisas alheias.
Domingo às 22:09

Luysa Carlos
Macamo Que
tristesa custa
comprar livros pra exas
pobres crianças k nada
sabem? ainda disem
"proibido a venda de livro" é
"gratuito" isso é totalmente
vergonhoso Domingo às
22:45

Fcolen Colen vem
a caminho o
dinheiro angariado
na festa de aniversario que
foi publicitada pela TVM
hiihihi Domingo às 22:55

Carlos Evaristo
Vicente Como
vamos ter
aqualidade do ensino com
essas condicoes? Domingo às
23:22

Dava Sebastiao O
poir para m e k
minha filha estuda
nessa escola tive k comprar
no mercado Ontem às 6:57

Lisete Jamal
Trieste! Os livros
de distribuição
gratuita, não são são
suficientes como também
andam à venda nas livrarias...
Portanto, se fosse proibido
vende-los acham que ano
após ano estariam expostos
nas prateleiras das livrarias há
anos e sem ninguém fazer
nada? E são damaso é apenas
um simples exemplo do que
acontece no país do Pandza!
Ontem às 7:16

A propósito do artigo de Gustavo Mavie

Estava aqui a ler o artigo do jornalista Gustavo Mavie, director da Agência de Informação de Moçambique (AIM), intitulado “Ensaio sobre Demagogia: Elísio Macamo tem razão quando diz que há demagogia na condenação à festa do 70º aniversário de Guebuza”. No referido artigo, o jornalista diz, dentre outras coisas, o seguinte e passo já a citar:

1. “A excepção dos indivíduos que possam estar a criticar aquela festa porque estão mal informados (...) acredito que há efectivamente os que fazem essas críticas por mera e deliberada demagogia, convencidos de que, com isso, irão ganhar o poder político, ou então ajudar os partidos que defendem a conquistar o poder que há 38 anos está nas mãos da Frelimo de Guebuza.”
2. “Eu por acaso fui uma das pessoas que, juntamente com alguns colegas jornalistas participámos no evento, e não me pareceu uma festa cara quando comparada com aquilo que o aniversariante fez para nós seus compatriotas.”
3. “A festa do aniversário de Guebuza foi na essência um simples almoço. Os pratos consistiam na sua maioria de arroz, feijoada, matapa, cacana, chiguinha, mukapata, nhangana, caril de amendoim, algum camarão, carne de vaca, de porco e de galinha e algumas saladas e frutas da terra, ou seja, aquilo que nós como cidadãos comuns comemos todos os dias.”
4. “Quanto a mim, Guebuza, bem como todos os vivos e mortos que nos resgataram da trágica noite colonial e racista, merecem de nós mais e abundantes festas e homenagens, porque são uma das formas de os agradecermos. (...) Merecem porque sem eles, poderíamos estar ainda na cova da morte comum em que os nossos multiplicados inimigos nos tinham atirado passavam 500 longos anos.”
5. “É demagogia considerar Guebuza de insensível, quando a sua sensibilidade ficou mais do que comprovada ainda muito jovem, quando deixou tudo e enfrentou todos os riscos e até prisões, e caminhou muitas vezes a pé, até conseguir ir juntar-se à Frelimo em Dar-es-Salaam em 1963, para lutar contra o colonialismo.”
6. “É demagogia acusar Guebuza quando foi ele que, uma vez mais, viria a aceitar, 16 anos após voltar da luta pela independência, deixando de novo tudo e ir fixar-se em Roma, onde negociou com a sua sabedoria, durante mais de dois anos, a Paz

de que desfrutamos agora há mais de 20 anos.”

Depois de eu me faltar de rir, fiquei aqui a conversar com os meus próprios botões concretamente sobre estes 6 pontos que citei e saiu-me isto, seguindo a mesma ordem do autor:

1. Se, para Gustavo Mavie, os que criticaram o Banquete dos Insensíveis estão mal informados, o que é que ele fez para os informar, antes ou depois de o mesmo se realizar? Em nenhum momento ele informa sobre o custo da festa, sobre a Pertinência da TVM a ter transformado em assunto de interesse nacional e sobre a origem dos fundos que financiaram a festa e a transmissão da mesma em directo, em canal público e durante quase todo o dia (sim, disse apenas que algumas hortaliças e cereais foram doados, tendo o resto sido adquirido no “mercado do Xipamanine” e num valor que merecia o “estatuto do Grande Líder”). Mais ainda, Gustavo Mavie diz que outros cidadãos criticaram os comeretes e beberetes na Ponta Vermelha porque estão desesperados em ocupar o lugar de Guebuza na Presidência e da Frelimo no poder. Do estilo eu, Edgar Barroso, indignei-me pública e abertamente contra aquele insulto público porque quero ser Presidente da República! E que os milhares de cidadãos que o repudiaram veementemente querem ser deputados, ministros e directores da AIM!
2. Para o Gustavo Mavie, o Banquete dos Insensíveis não foi nada faustoso porque Guebuza lutou contra o colonialismo português. Os seus gastos pessoais de hoje devem ser custeados pelos nossos impostos hoje, sem que pestanejemos, zurremos ou miemos, pura e simplesmente porque Guebuza esteve em Nhachingweia ontem! Francamente... Só dos nossos impostos, quanto é que ele recebe como Presidente da República? Quanto é que ele recebe como Antigo Combatente? Quanto é que ele tem como fortuna pessoal fruto do seu “empreendedorismo de sucesso”?! Para onde é que vai esse dinheiro? Tem mesmo ainda de ser sustentado pelos impostos daquelas mamas e vendedores ambulantes que, volta e meia, os seus agentes repressores escorraçam das ruas? Tem mesmo de ter os seus caprichos pessoais sustentados pelos impostos que eu pessoalmente pago, de forma regular e devida?! Poupe-nos...
3. O Gustavo Mavie diz que os mil “donos do país” que estiveram no Banquete dos Insensíveis comeram e beberam tudo o

que cidadãos comuns consomem, no seu dia-a-dia. Ai é? Pode, um dia desses, o Gustavo Mavie acompanhar-me lá para o bairro de Tsalala onde vivo e mostrar-me com os seus próprios dedos os cidadãos comuns que lá comem “algum camarão” no seu dia-a-dia? E o que tem a dizer sobre os whiskies da minha idade (ou muito mais velhos) que estiveram lá nas mesas da festa do Guebas? Há também disponíveis lá no Contentor Amarelo do meu bairro, para todo e qualquer bolso do cidadão comum?! Tsk.

4. O ilustre Gustavo Mavie diz que Guebuza e os “donos do país” merecem todas as festas, regalias e luxúrias de Moçambique porque, sem eles, ainda estaríamos colonizados... Diz juro?! Estaríamos como quem, a Palestina? Todo o cidadão com a 8ª Classe feita (pelo menos os da minha geração ou das anteriores) sabe que processo de descolonização em África era irreversível, naquela altura, e que se não tivessem sido os “donos do país” a zarpar para a Tanzania outros o seriam, indubitavelmente. Deu com os burros n’água aqui... E mais ainda, será que só por nos terem libertado do colonialismo (oportunisticamente ou não), estarão eles no direito inalienável de explorar o povo que libertaram por tempo indeterminado?! Sob todo e qualquer pretexto?

5. Diz o Gustavo Mavie que é demagogia dizer que Guebuza é insensível ao sofrimento do povo porque ele deu a juventude e andou a pé pelo povo! É muita ingenuidade para um homem da sua idade, ilustre compatriota! Então o Edgar de hoje não pode ser assaltante à mão armada porque ia à catequese e foi baptizado quando moço?!

6. Diz o Gustavo Mavie que ninguém em Moçambique tem legitimidade para criticar os excessos, a ostentação e a insensibilidade de Guebuza porque ele ficou 2 anos em Roma a negociar os Acordos Gerais de Paz... A sério?! Aposto que também não temos legitimidade de questionar a sua competência na direcção da Agência de Informação de Moçambique porque já tem décadas e décadas de jornalismo, mesmo mostrando e demonstrando pensar como o meu irmão mais novo (o meu irmão mais novo tem 13 anos de idade).

Demitam esse senhor.

Edgar Barroso

Um olhar sobre o transporte na província e cidade de Maputo

Cordiais saudações, moçambicanos e moçambicanas, compatriotas. Permitam-me partilhar convosco este balanço opinativo, fruto da observação do ciclo de transporte de passageiros desde o seu agravamento no dia 15 de Novembro do ano passado, de 5,00 para 7,00 meticais e de 7,500 para 9,00 meticais. Não se trata de uma verdade categórica e tão menos final. É, antes de mais, uma constatação passível de críticas e ou acréscimos.

Embora o dilema da falta de transporte continue na província e cidade de Maputo, importa observar que os encurtamentos são raros, senão inexistentes, desde que foram agravadas as tarifas. Parabéns aos chapeiros pelo cumprimento do prometido, embora em alguns pontos (Zimpeto-Museu, Benfica-Museu, só para citar exemplos), no período da noite, ainda persista esta tendência de encurtar a rota.

O facto é que esta situação melhorou nos últimos meses e o povo agradece. Porém, ainda se assiste a um braço-de-ferro entre os transportadores (chapeiros) e a Polícia Municipal, o que cria desgosto e ausência de alguns carros nas estradas para transportar os utentes.

Nos termos da alínea c) do artigo 160º do Regulamento da Polícia Municipal, a Assembleia da República decretou o seguinte:

Artigo 4º - Competências da Polícia Municipal nas suas Atribuições: a) Fiscalização do cumprimento das normas de estacionamento de veículos e circulação rodoviária, incluindo a participação de acidentes de viação; b) Vigilância nos transportes urbanos locais.

Vezes sem conta já fora reportado que estas autoridades não dignificam o fardamento que envergam e nem fazem jus ao ordenado que auferem, e quem paga a factura é o povo. Ora, estes espalham-se por todas as paragens, o que é bom até certo ponto (pois a sua presença disciplina os chapeiros). O errado é, no exercício das suas competências e os utentes assim o podem testemunhar, mandar parar inúmeras vezes o mesmo “chapa”. Isso acontece com frequência nas rotas Museu-Xiquelene, Xipanine-Baixa, Laulane-Museu, Benfica-Anjo Voador...

Esta prática não é errada até certo ponto. Porém, ao invés de trabalhar e deixar os outros trabalharem, estes (agentes da Polícia Camarária), para permitir que o transportador siga viagem, cobram valores

que variam de 50 a 100 meticais, propagando, deste modo, a corrupção nas nossas estradas e nas suas fileiras.

É bem verdade que os chapeiros não estão isentos de responsabilidade, uma vez que também compactuam com estes actos deploráveis para um servidor da Administração Pública. E quem paga neste ciclo? É o povo, pois o chapeiro reclama que o seu trabalho não compensa porque tem de trabalhar para a Polícia e para o patrão. Por sua vez, a Polícia alega incumprimento das regras e afasta-se de actos de clientelismo nas rodovias. Ao patrão, que vê os seus documentos sempre na Comando, sufoca. Este é, várias vezes, impelido a retirar a viatura do ramo, prejudicando o trabalhador e o estudante que tem de chegar a tempo ao seu posto de trabalho e à escola, respectivamente.

Para ultrapassar esta questão avanço o meu parecer: Primeiro, é necessário que os governantes criem condições para que esta actividade seja aprazível de se praticar (desde estradas em condições até à fiscalizações honestas). Segundo, aos investidores cabe o abandono do espírito de facilidades de documentação, o que, de alguma forma, possibilita que em alguns casos esta não seja reconhecida junto às autoridades como legal.

Por último, dos transportadores/chapeiros apelamos a um espírito de paciência na estrada pois sob sua responsabilidade estão vidas humanas, e renitência em pactuar com actos de corrupção no exercício das suas funções (um transportador com toda a documentação necessária para circular não precisa de pagar valores fora do previsto por Lei a nenhum agente da Polícia).

Em suma, o teor do meu pensamento é o de que para que se ponha cobro a estes actos é necessária a participação de todos nós. Todos temos responsabilidades no processo de construção de um Moçambique melhor, e para tal precisamos de dizer não às ilicitudes.

Hoje, acabamos com os encurtamentos do mesmo jeito que ontem os nossos pais expulsaram o colono. Façamos a diferença! Sempre por um Moçambique para os moçambicanos.

Cláudio Chivambo

O significado do primado da Lei num Estado de Direito Democrático

Barack Hussein Obama acabou de tomar posse, numa cerimónia privada na Casa Branca porque devia ser assim de acordo com a lei. O primeiro mandato de Obama terminou no domingo e o país não devia dormir “órfão do Presidente” somente por ser domingo. Assim, o Supremo Tribunal de Justiça americano foi mobilizado para se fazer até à Casa Branca para conferir posse ao BHO (Barack Hussein Obama). Na segunda-feira, a cerimónia repetiu-se, mas já perante um enorme público.

Ca entre nós

Exemplo 1: A Lei de Probidade Pública entrou em vigor há muito tempo mas aos que se encontram em situação de conflito com ela nada acontece.

Exemplo 2: Às 11 horas e 15 minutos do dia 2 de Fevereiro de 2005 o Presidente da República de Moçambique tomou posse. Era Armando Emilio Guebuza. Na verdade, era suposto que o mandato terminasse a 2 de Fevereiro de 2010. Já que foi a mesma pessoa a tomar posse, preferiu fazê-lo mais cedo, a 14 de Janeiro de 2010. Veremos quando for para deixar o poder, se vai deixá-lo a 14 de Janeiro de 2015 ou vai retroactivamente diferir para 28 de Fevereiro de 2015 para compensar o mês que não gozou em 2005.

Exemplo 3: O mandato de Khalau terminara em Dezembro de 2012 mas foi apenas semana passada, dia 18 de Janeiro, que o PR lhe reconduziu, tendo assim permitido que o Comandante-Geral da Polícia, que também tem curso superior em direito, dirigisse ilegalmente a PRM por pelo menos uma semana.

Exemplo 4: Foram encontradas na casa de um cobrador de impostos, portanto, alfandegário, 23 toneladas de CERELAC – tendo sido confiscadas pelas autoridades alfandegárias. Dias depois a própria polícia, e sem nenhuma explicação plausível, disse que nada de errado havia com aquele produto. Por acaso CERELAC é material de trabalho dos alfandegários?

O número 2 do artigo 12 do Estatuto do Pessoal da Autoridade Tributária proíbe os funcionários deste sector o exercício de qualquer outra actividade, com excepção a sujeita a autorização do Presidente do TA, das seguintes actividades: docência, criação, produção e investigação científica, literária, artística, desde que o exercício dessas actividades não colida com as exigências do trabalho. Portanto, só podemos concluir que as 23 toneladas de Cerelac eram para consumo próprio.

Exemplo 5: A recente visita do Primeiro-Ministro aos órgãos de comunicação social fez despoletar problemas bicudos no relacionamento entre a direcção de órgãos públicos de comunicação social e os seus trabalhadores.

a) Na TVM, a massa laboral exigiu a cabeça do respectivo PCA. Foi Cremildo Lipangue, em representação da massa laboral, que reclamou de desmandos e injustiças praticadas pelo PCA.

b) Em resposta a isso, no domingo, “a TVM passou todo o dia com Armando Guebuza”, tendo transmitido na íntegra e em directo toda a cerimónia comemorativa do aniversário do PR e ainda tendo levado o aniversariante ao programa “Moçambique em Concerto”.

Concluindo: “Vontade Política” é isto. As leis existem. Mas elas podem ou não ser aplicadas se os indivíduos e entidades com responsabilidade para fazê-las cumprir não agirem.

Egídio Vaz

Democracia

“Há um grande medo de financiar as actividades que colocam o povo a pensar”

Alvim Cossa, coordenador-geral do Grupo de Teatro do Oprimido (GTO) – uma agremiação sociocultural que há mais de 10 anos estimula os moçambicanos com vista ao exercício da cidadania e democracia participativa – concedeu uma entrevista exclusiva ao @Verdade, na qual considera que, em Moçambique, “há um grande medo de financiar as actividades que colocam o povo a pensar”.

Na sua opinião, é por essa razão que todo o apoio material para a efectivação das actividades daquela organização provém do exterior. A má notícia é que, apesar do reconhecido mérito que há nas acções da referida colectividade – sobretudo no que se refere à ampliação do espaço do debate democrático – determinados círculos sob a direcção do Governo não param de ameaçar o conjunto...

Texto & Foto: Inocêncio Albino



@Verdade: Como é que surge o Grupo de Teatro do Oprimido em Moçambique?

Alvim Cossa (AC): O Grupo do Teatro do Oprimido (GTO) tem origem no Colectivo Gota de Lume – um grupo cultural criado em 1993. A partir daquele ano começámos a fazer as nossas actividades de tal sorte que participámos no Festival do Teatro Amador da Cidade de Maputo, em que ficámos na segunda posição. Em 1996/7 eu, Alvim Cossa, na altura coordenador da colectividade, comecei a trabalhar na Casa da Cultura do Alto-Maé.

Em 1999, tive acesso a um catálogo de bolsas da UNESCO para artistas dos países do terceiro mundo. Centenas de pessoas, como eu, concorreram, mas tive a sorte de ter sido o seleccionado. No ano seguinte, 2000, parti para o Rio de Janeiro onde fiz um estágio na Sede do Teatro do Oprimido. Em finais de Junho/Julho de 2001, época em que terminou o estágio, regresssei a Maputo, onde reuni alguns actores e começámos as actividades do Teatro do Oprimido. De lá para cá, muitas peripécias ocorreram. O grupo ganhou o reconhecimento social de modo que estabelecemos parcerias de trabalho com várias instituições, com destaque para o UNICEF, o FNUAP, a Cooperação Suíça, a DSF, entre outras, com as quais continuamos a trabalhar.

O que aconteceu é que o grupo se fortaleceu. Passámos a realizar actividades fora da capital do país, Maputo, e realizámos a primeira oficina regional da zona sul, na província de Inhambane, em que todos os grupos do Teatro do Oprimido existentes na época participaram. Mais adiante expandimos a iniciativa para o centro e o norte de Moçambique.

@Verdade: Aqui, localmente, nas instalações do GTO-Maputo, como é que o grupo funciona?

AC: Nós somos uma direcção colegial. Nos escritórios de Maputo trabalhamos com cinco pessoas, mas no passado – altura em que tínhamos muitas actividades no país – já operámos com 13 pessoas. Estamos sempre a debater as actividades que irão acontecer. Ainda que os nossos estatutos definam que o GTO possui um director-geral, preferimos utilizar o termos coordenador para que todos possamos coordenar as actividades entre nós: olhamos para a forma

como o trabalho deve ser feito e cada um responde por um determinado sector. Há pessoas que respondem pelas províncias da zona norte, outras pela região do centro, e outras ainda pelo sul. Temos ainda uma direcção administrativa.

@Verdade: Quais é que são os principais objectivos do grupo?

AC: O grande objectivo do nosso grupo é contribuir para a criação de uma sociedade activa e interventiva. Queremos ter pessoas capazes de olhar para a realidade e intervir. A situação que não suportamos é o receio que as populações têm de intervir. Abespina-nos o défice de intervenção que há.

Os constrangimentos são de natureza política

@Verdade: O grupo existe há 12 anos. Quais é que foram os principais constrangimentos que experimentaram no início?

AC: Penso que o facto de estarmos a introduzir uma disciplina cultural nova, no país, não nos criou nenhum constrangimento. A receptividade ao Teatro do Oprimido em Moçambique foi espantosa para todos, mesmo para os grupos que faziam o teatro convencional na época. O grande constrangimento que sempre tivemos foi de natureza política, porque o Grupo de Teatro do Oprimido não é uma colectividade de entretenimento. É um conjunto de artistas que instigam as pessoas à reflexão. Estimulam os cidadãos a pensar e a questionar sobre tudo. Foi isso que nos causou problemas de natureza política.

Nos dias actuais continuamos a debater-nos com tais constrangimentos, porque ainda não há muita percepção da importância dos grupos culturais que estimulam as pessoas a reflectir, a exorcizar os seus demónios, a partilhar as suas ideias e iniciativas. Ora, o nosso trabalho serve para isso – pôr as pessoas a falar – o que não está a ser muito bem recebido em alguns círculos.

A outra insatisfação a ter em conta está relacionada com a falta de espaços para a realização do trabalho artístico. Nós estamos a operar com grupos culturais que se encontram em pontos recônditos do país. Refiro-me, por exemplo, a colectividades que se encontram em Ribáuê, em Nicoadala, em Nipepe, entre outras, que nunca ouviram falar de um teatro de carácter reflexivo como é o GTO.

@Verdade: Quer citar exemplos objectivos que elucidem algumas incompreensões – por parte de alguns circuitos – em relação à importância do trabalho que fazem?

AC: O exemplo concreto mais recente foi o da realização de um espectáculo de teatro em Marracuene. A obra foi criada no âmbito de uma campanha feita pelo Ministério da Saúde para a humanização dos serviços de

saúde, a fim de que se combatam os problemas que surgem do mau atendimento hospitalar. A nossa peça coloca algumas questões que constituem o quotidiano da pessoa doente em relação ao pessoal da Saúde. Para nós está claro que um enfermeiro não pode atender 200 pessoas num só dia. Isso é humanamente impossível. Mas essa realidade gera outros problemas nos serviços sanitários.

Quando apresentámos a obra, a directora distrital de Saúde em Marracuene e o pessoal médico insurgiram-se fortemente contra o trabalho do grupo. Chamaram-nos nomes e, no fim de tudo, ameaçaram processar-nos perante a Justiça supostamente por instigar à violência e à desobediência. Mas, na verdade, o Teatro do Oprimido é um espaço de debate, de interacção e troca de experiências em que qualquer pessoa pode intervir e expor a sua opinião.

Facto estranho é que eles estiveram no local do concerto, tiveram todas as oportunidades (de contrapor, de argumentar em benefício próprio) que o nosso movimento lhes confere para o efeito e não o fizeram. Portanto, esse é um exemplo claro e breve de que não somos bem vistos. Mas isso acontece amiúde em todo o país, em locais em que quando as pessoas começam a questionar, ou a levantar questões do fundo, o grupo é interpretado como se estivesse a provocar um ambiente de instabilidade política, o que não é a intenção do grupo nem do Teatro do Oprimido. Mas a grande preocupação é fazer com que as pessoas pensem. O ser humano deve reflectir.

Há uma tendência para desvalorizar sentimentos

@Verdade: Subentende-se aqui uma espécie de falta de preparação, por parte dos aludidos circuitos sociais, para o debate democrático que o grupo propõe...

AC: Certo! Infelizmente, nós ainda temos um grande défice de debate democrático no país. Eu não sei porque isso acontece. Não tenho conhecimentos antropológicos nem sociológicos para fazer uma avaliação a este nível. Mas a verdade é que temos uma grande lacuna de debate democrático na nossa sociedade, em todas as esferas. Não discutimos nas relações entre marido e mulher, no seio familiar, entre a vizinhança, entre pais e filhos, colegas de trabalho. Portanto, essa falta de liberdade – para que as pessoas possam exprimir-se – estende-se até os pontos de governação e liderança, onde quando alguém é questionado

Democracia

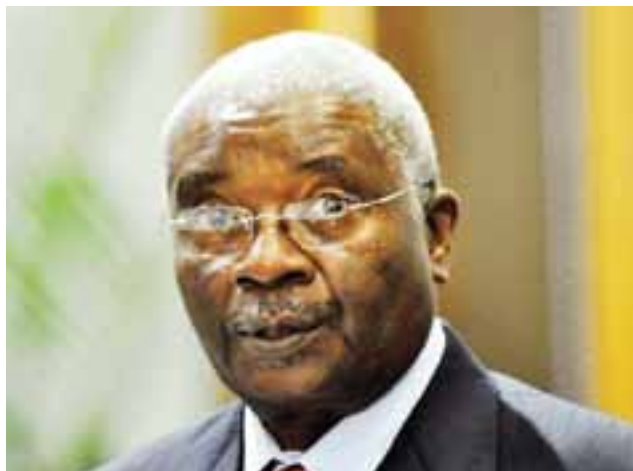
Atraso na promulgação da lei eleitoral pode comprometer futuros pleitos eleitorais

O facto de o Presidente da República, Armando Guebuza, não ter promulgado ainda a Lei Eleitoral aprovada no ano passado pela Assembleia da República poderá comprometer as actividades da Comissão Nacional de Eleições, uma vez que esta depende deste dispositivo para preparar e realizar as eleições autárquicas de 2013 e as gerais e legislativas do próximo ano.

Segundo o Centro de Estudos de Democracia e Desenvolvimento (CEDE), apesar de o Chefe do Estado ainda estar dentro do prazo legal estipulado para a promulgação de uma lei, que é de três meses, este atraso pode deixar pouco espaço de manobra para que a CNE realize atempadamente uma série de procedimentos que antecedem qualquer pleito eleitoral, o que contribuiria para a ocorrência de alguns problemas.

Tal deve-se ao facto da necessidade de a lei não ser só do domínio da CNE, mas de todos os intervenientes que participam na vida política do país. Porém, isso está cada vez mais comprometido uma vez que com a demora não restará tempo para a realização de acções de divulgação para que a mesma seja de domínio público.

Texto & Foto: Redacção



“Os partidos políticos, a sociedade civil, entre outras organizações, devem ter tempo de se familiarizar com a nova Lei Eleitoral”, recomenda o CEDE e afirma que “isso é possível com a colocação, ainda cedo, da lei à disposição do público, mas isso está refém do Presidente da República”.

Aliás, o CEDE alerta para o perigo de, por falta de domínio da referida lei, ocorrerem casos de má interpretação da mesma, situação que, infelizmente, já aconteceu no passado. Entretanto, a Assembleia da República afirma que remeteu há semanas a Lei Eleitoral à Presidência da República para que o Presidente proceda à sua promulgação.

Publicidade

A marrabenta é daki.
o meu cartão também.

Ap utilizar o cartão daki ou o cartão BCI Visa Electron nos pagamentos em POS, o BCI reforçará o apoio a Instituições de Solidariedade Social em valor equivalente a 0,15% do montante transaccionado, sem qualquer custo para o titular do cartão.

Se ainda não é titular, peça hoje mesmo o seu cartão daki em qualquer Agência do BCI e contribua activamente para um Moçambique melhor.

daki. O cartão de Moçambique.

BCI
É daqui.

AR retoma actividades no próximo mês

Arrancam, no próximo dia 13 de Março, os trabalhos da VII Sessão Ordinária da Assembleia da República (AR), cuja agenda compreende trinta e três pontos a serem discutidos, sendo que alguns transitaram da sessão passada.

Texto & Foto: Redacção



Dos principais pontos de agenda para a presente legislatura constam a Informação da Comissão Ad Hoc para a Revisão da Constituição da República, Informação da Comissão dos Assuntos Constitucionais, Direitos Humanos e de Legalidade atinente à Revisão do Código Penal, Proposta de Lei de Sindicalização da Função Pública, Proposta de Lei de Acesso às Fontes, entre outros.

Entretanto, durante o balanço das actividades da AR durante a VI Sessão, constatou-se que foram debatidos e aprovados 47 pontos, dos 65 agendados, ou seja, ficaram por discutir 18, daí que a AR entenda que o desempenho do ano passado foi positivo graças ao trabalho abnegado da Comissão Permanente,

em coordenação com as comissões de trabalho, Governo e sociedade civil.

No que concerne aos documentos internos da “Casa do Povo”, na sessão passada foi aprovado o Plano Estratégico da AR para um período de 10 anos, ou seja, de 2013 a 2022. Este instrumento define as linhas mestras que indicam os caminhos a ser percorridos pela AR.

Deste documento constam os objectivos estratégicos a médio e longo prazo, os resultados almejados e o conjunto de acções a desenvolver. Foi também aprovado o Plano de Actividades da AR e o respectivo orçamento de 2013, o que permitirá a concretização das acções programadas.

Democracia

se sente confrontado e desrespeitado.

Por isso, penso que a abertura de espaços para o debate democrático é um dos grandes ganhos que o Teatro do Oprimido está a trazer ao país. Nós estimulamos as pessoas a olhar para a realidade e – insurgirem-se contra ela se for necessário – não viverem passivamente. É necessário que as pessoas se preocupem em procurar saber porque é as suas vidas estão a trilhar determinados caminhos. Porque é que não é do outro jeito? E procurarem encontrar outros procedimentos melhores. O Teatro do Oprimido é uma ferramenta que traz, no espaço social, propostas para as pessoas mudarem. Então, ainda não temos um aproveitamento dessas metodologias todas para o verdadeiro desenvolvimento nacional, incentivando o espírito de debate que é o que nos falta.

@Verdade: Considera que o medo para a mudança ainda é muito grande por parte dos moçambicanos?

AC: Eu penso que é grande. Por exemplo, num belo dia, eu estava a acompanhar um debate no Facebook no qual as pessoas comentavam sobre a visita do Primeiro-Ministro à AIM. Diz-se que, diante do governante, um dos trabalhadores levantou a mão e disse que havia problemas na instituição. Mas o Primeiro-Ministro questionou se ele representava mais alguma pessoa, ou se estava unicamente a falar em nome individual. Foi nesse contexto que um dos comentadores disse que o que aquele trabalhador comentou era verdade, então, não precisava de estar a representar mais ninguém. O facto é que se está diante de um problema que é verdadeiro. Deve-se assumir e corrigir a situação. Mas outros quatro trabalhadores da AIM expressaram uma opinião similar à do primeiro, para instantes depois Alberto Vaquina dizer que os trabalhadores insatisfeitos são apenas cinco.

Ora, esse exemplo é um grande sinal de que para que as coisas funcionem é preciso que haja uma grande avalanche de pessoas a reivindicar em relação ao mesmo assunto. Repare-se que com a greve dos médicos no país, houve um grande trabalho de determinados órgãos de comunicação social a fim de fazer o povo pensar que se tratava de um grupinho de pessoas. Ou seja, há sempre uma tendência para desvalorizar sentimentos, procedimentos, incluindo o trabalho reflexivo que as pessoas fazem, minusculizando-as, ridicularizando-as, desvalorizando-as, e eu penso que essa distância é muito grande. Mas felizmente sinto também que há muita vontade de se percorrer o espaço para a reversão da realidade.

Não temos financiamento nacional

@Verdade: Partindo-se da realidade narrada, ainda que se esteja a fazer um trabalho artístico de louvar, a manifestação de comportamentos reactivos e contrários à vossa intenção – por parte de determinados grupos políticos – faz-nos pensar que isso pode ter uma repercussão negativa no que diz respeito ao acesso de apoios financeiros. Qual é a realidade neste campo?

AC: Sobre as instituições que financiam as actividades artístico-culturais em Moçambique, a relação é muito boa. A realidade que nos entristece é que não temos nenhum financiamento nacional. É isso que nos rouba um pouco a nossa autenticidade. Perdemos a liberdade criativa como artistas. Acabamos por cumprir agendas que são determinadas pelo financiador. Então, os financiadores devem dar-nos apoios para que possamos desenvolver as nossas iniciativas como as concebemos.

Ou seja, se uma organização nos dá um valor de mil meticais e diz que temos de fazer um trabalho sobre o meio ambiente, nós desenvolveremos essa actividade no ponto do país que ele nos indicar, quando temos problemas de saneamento do meio ao nosso redor. Por exemplo, agora, com essas chuvas, fomos vítimas de uma situação que destruiu os nossos

bens, mas estamos a trabalhar em volta de questões que têm a ver com a salubridade do meio noutros pontos do país. Não temos a liberdade de criar uma peça em que se debatem problemas locais com a nossa vizinhança. Esse é um dos grandes problemas que enfrentamos como artistas.

A falta de possibilidade de desenvolver actividades como nós queremos que sejam feitas, no local por nós definido, faz com que se roube aquilo que nos define como artistas e passemos a ser operários da arte.

@Verdade: Em outras palavras, pretende dizer que o financiamento para a produção artística no país – no contexto das vossas actividades – provém unicamente do estrangeiro?

AC: De facto, em Moçambique não há absolutamente nenhum financiamento para o sector artístico. Existe algum patrocínio para o sector do entretenimento, mas ainda há um grande medo de financiar actividades que coloquem o povo a pensar, a olhar por si mesmo e a buscar alternativas para sair dos seus pesares.

@Verdade: Na sua percepção, o que está por detrás desse grande medo?

AC: Eu acho que um povo que pensa é uma ameaça. Ninguém quer ver um povo que pense, que questione. Ninguém está interessado nisso. As pessoas têm medo disso.

@Verdade: Como é que se fará a reversão desta realidade, no contexto actual?

AC: Eu penso que isso depende da chamada vontade política. Isso é fundamental para o progresso de todos os sectores sociais. Por exemplo, nós temos em Moçambique uma rede de casas de cultura, agora estamos a ter outra de centros culturais nas universidades, temos também uma Companhia Nacional de Canto e Dança, temos internatos, centros de formação de professores, com amplos salões bem construídos e bonitos. O que é que custa, por exemplo, ao Governo criar um programa de circulação de espectáculos?

É possível levar um grupo de Nyau, por exemplo, hospedá-lo no Centro de Formação de Professores da Matola a fim de que possa realizar concertos no Centro Municipal da Matola ou em Maputo. Podia-se, na mesma senda, pegar um grupo de Xigubo de Maputo, abrigá-lo no Centro de Formação de Professores de Marrere, em Nampula, de modo que possa fazer actuações lá. O que é que isso custa ao nosso Governo? Nós estamos a falar de um património cultural que não é conhecido. Infelizmente, o Festival Nacional de Cultura ainda não é a plataforma de divulgação do património cultural nacional, porque – ainda que seja popular –, por vários motivos, o evento não possui uma participação massiva da população. Mas nós podemos criar as condições para pôr os espectáculos em movimento no país.

Eu penso que as instituições públicas devem lutar para manter, divulgar e criar condições para o desenvolvimento do que é público como é o caso da nossa cultura. Qual é o grande constrangimento disso? Trata-se de uma questão de vontade política.

Temos muitos juristas e continuamos sem justiça

@Verdade: A existência da escola de teatro fomentou a produção de mais artistas desse sector. A verdade é que – apesar do surgimento da academia – o país continua sem infra-estruturas para desenvolver actividades culturais. Nesse contexto, qual é o futuro do teatro moçambicano?

AC: Não quero ser pessimista, mas anualmente temos milhares de cidadãos formados em ciências jurídicas e continuamos com o povo sem direito à jus-

tiça, sem advogados, sem juizes. Temos milhares de sociólogos e antropólogos formados e a sua escassez é enorme. Penso que é muito cedo para pensarmos que haverá uma mudança tão rápida no cenário artístico nacional, fundamentalmente porque ele é uma área órfã. A área da cultura sobrevive porque cada artista garimpa por si mesmo, por algo que o ajude a sobreviver.

Para mim, ainda falta um cruzamento intersectorial, porque o ISArC está a formar gestores culturais mas não sei se existe uma ligação clara dos mesmos aos criadores que estão a ser formados noutras universidades. Onde é que eles se irão entrosar? Se se reparar nas pessoas que se formaram no ISArC, constata-se que mais de metade é constituída por funcionários do Estado. Regressam para os seus sectores – sobretudo nas direcções provinciais – onde irão continuar a prestar serviços burocráticos costumeiros. Muitas pessoas estão a fazer uma formação superior que lhes permita procurar melhores empregos.

Agora que a Universidade Eduardo Mondlane graduou os estudantes de Teatro, se nós que fazemos teatro pararmos para analisar, dos estudantes graduados quantos estão a trabalhar na área? Constatamos que são três ou quatro. Os demais não são conhecidos. Provavelmente, a uma hora dessas, estão a trabalhar num banco ou numa ONG qualquer.

Para que haja impacto no trabalho que está a ser feito agora, a nível superior do sector artístico, precisamos de inserir os formados em artes nos Centros de Formação de Professores, de modo que os professores que são graduados nos Institutos Magistérios Primários estejam em condições de realizar uma formação artística nas escolas para ver se daqui a 20/30 anos teremos directores e PCA's que tiveram uma cadeira de teatro, de música ou dança na escola para que saibam o valor da arte na formação de uma personalidade.

Nessa altura, se calhar, essas pessoas quando discutirem os orçamentos das suas empresas ou o Orçamento Geral do Estado poderão saber dizer que precisamos de potenciar as artes porque eu me formei como homem com esta e aquela cadeira. Então, para mim, ainda precisamos de potenciar a formação. Se as pessoas não tiverem nenhuma sensibilização artística ao longo da formação académica dos professores, como é que pretendemos que um professor leccione sem nenhuma bagagem artístico-cultural, como indivíduo?

O impacto (da nossa crise) é nacional

@Verdade: Quando o GTO-central entra em crise – como aconteceu agora com estas enxurradas – qual tem sido a dimensão do impacto?

AC: Alastra-se imediatamente para todo o território nacional. Infelizmente, o nosso meio artístico é informal. Nós trabalhamos com um pouco mais de 100 grupos de teatro que são informais. Nós é que os representamos jurídica e financeiramente. Os financiamentos dos projectos que eles realizam vêm através do GTO-Maputo. Isso significa que se um grupo que está em actividade em algum distrito e o seu relatório mergulhou na água, em Maputo, não há como fazê-lo aprovar pelo doador e, imediatamente, o grupo entra em colapso em termos de projectos. As nossas crises, aqui, estendem-se em tempo real a todos os grupos no país.

@Verdade: Olhando para o impacto do incidente, de quanto dinheiro precisariam para repor o funcionamento normal do GTO?

AC: Há coisas que nenhum dinheiro iria repor como, por exemplo, os relatórios cuja elaboração custou anos de pesquisa e um trabalho oneroso. Perdemos relatórios de contas e de outras actividades, incluindo pesquisas e cursos ministrados aqui, por formadores estrangeiros que haviam sido filmados.

Comunicado

Cidadão informado vale por dois tenha sempre
@Verdade perto de si facebook.com/JornalVerdade



Democracia

Jovem corre o risco de ser expulso do bairro por ser membro do MDM em Nampula

Um jovem, de 30 anos de idade, que responde pelo nome de Saraiva Damião, residente no bairro de Muatala, na cidade de Nampula, corre o risco de ser despejado da residência onde mora com a sua família por se ter filiado ao Movimento Democrático de Moçambique (MDM).

Texto & Foto: Nelson Miguel

A situação começou quando Damião, por sinal delegado do núcleo de Micolene no bairro de Muatala pelo MDM, iniciou a campanha de mobilização porta a porta para angariar membros e também por ter hasteado a bandeira do seu partido no quintal da sua casa. “No dia em que hasteei a bandeira na minha casa, vieram cinco membros do partido Frelimo e obrigaram-me a retirá-la, afirmando que a minha residência não era a delegação política do meu partido e dizem que posso ser expulso do bairro”, conta e acrescenta: “Já fui informado de que caso continue a mobilizar membros para o Movimento Democrático de Moçambique poderei ser levado para um local incerto e torturado”.

Damião afirma ainda que, durante a discussão, os referidos jovens obrigaram-no por várias vezes a inscrever-se no partido dos “camaradas”, apelo feito também aos seus companheiros que aderiram ao MDM, graças à sua mobilização. “A maior satisfação que tive naquele momento é que

todos membros, na maioria jovens, não aceitaram afirmando que estavam no MDM por livre vontade”, diz.

De há uns dias para cá, a relação com a vizinhança não tem sido boa. O jovem conta que dificilmente dialoga com o secretário do bairro e os vizinhos membros do partido Frelimo. “Hoje, quando acontece algo na minha casa, poucas pessoas vêm ter comigo para saber o que se passa ou mesmo para prestar ajuda. Muitas vezes, sou informado de que, caso continue no partido MDM não poderei beneficiar de nenhum apoio por parte da população e, muito menos, do secretário do bairro. Por mais que seja para ter uma simples declaração do bairro. E já fui intimidado”.

Ameaças são extensivas à sua família

Saraiva Damião é casado e pai de três filhos. Ele diz que, para além de si, os indivíduos, pertencentes ao grupo dinamizador, já estiveram reuni-



dos com a sua esposa na sua ausência e aconselharam-na a sair do MDM, e que caso não o fizesse poderia perder todas as oportunidades de emprego e de acesso aos fundos que têm sido disponibilizados aos moradores daquele bairro. “Tenho passado fome, fico sem

energia eléctrica e água para beber, os meus filhos adoecem e não dependo de ninguém para pagar as contas. A que oportunidades se referem? Ou querem retirar-me as que já tenho?”, questionou.

O nosso entrevistado afirmou

que nos últimos dias tem ido um grupo de senhoras à sua casa que se aliaram à sua esposa e não sabe com que propósito, visto que os esposos das mesmas pertencem ao partido Frelimo. “Algumas pertencem à Organização da Mulher moçambicana (OMM), a ala feminina da Frelimo, só não sei o que querem com a minha esposa”.

Proibido de hastear bandeira na sua casa

Damião, delegado do núcleo Micolene, bairro de Muatala, na cidade de Nampula, acusa ainda os membros do grupo dinamizador e o secretário do bairro de o terem proibido de hastear a bandeira do partido MDM na sua residência, alegadamente por estar a cometer um crime eleitoral. O nosso entrevistado afirma que os referidos indivíduos ameaçaram incendiar a sua residência. “Eu sei que eles se sentem incomodados por existir alguém, eu, a mobilizar potenciais membros a aderir ao MDM”.

Voz da Sociedade Civil

Mulher Moçambicana: Primeira nas medalhas, ausente na direcção desportiva

As mulheres moçambicanas já atingiram várias vitórias regionais, continentais e internacionais a nível do desporto, mas essas conquistas ainda não se traduziram em mais mulheres nos cargos de direcção nas diversas federações nacionais.

No chamado desporto-rei, o futebol, apenas há uma mulher no actual elenco directivo da Federação Moçambicana do Futebol. Na natação, existe uma mulher a exercer funções de directora executiva. No atletismo, onde o país se destacou com medalhas olímpicas conquistadas pela meio fundista Lurdes Mutola, há uma presidente demissionária. A modalidade, que por duas vezes elegeu mulheres ao cargo de presidente da federação, é a de xadrez.

Mas o cenário de mulheres em cargos de direcção termina aí; nas mais de 20 modalidades existentes no país, não há nenhuma mulher nos cargos de direcção. O caso paradoxal é o de netball! O netball apenas movimenta mulheres mas a direcção é toda ela ocupada por homens.

E o caso mais gritante é o de basquetebol. O basquetebol feminino é a disciplina olímpica colectiva que mais vezes elevou o nome de Moçambique a nível continental. A recente

conquista pela Liga Muçulmana de Maputo da Taça dos Clubes Campeões Africanos elevou para cinco o número de taças conquistadas em títulos de clubes seniores femininos contra quatro do gigante Senegal. As selecções femininas também já conquistaram várias medalhas.

Mas se pensavam que há alguma mulher na direcção da Federação Moçambicana do Basquetebol estão enganados. Nenhum elenco da federação do basquetebol pensou até hoje em incluir sequer uma mulher na sua direcção para ajudar no desenvolvimento da modalidade.

Apesar do Protocolo da SADC sobre o Género e Desenvolvimento não mencionar directamente o desporto, fala de até 2015 atingir-se uma paridade de género nos cargos de tomada de decisão, isto é, haver um número igual de homens e mulheres.

É preciso recordar que o Protocolo da SADC sobre Género e Desenvolvimento surge em resposta à constatação de que a maioria das mulheres na região da SADC não goza da liberdade de pensamento e acção, propícias ao avanço pessoal, porque tradicionalmente são vistas como subordinadas ao homem. As mulheres ainda são confrontadas com inúmeras

barreiras legais, políticas, económicas, sociais e culturais que afectam negativamente a sua plena participação como membros das suas respectivas sociedades.

Daí os estados membro da SADC terem adoptado o Protocolo no sentido de se alterar esse cenário através da transformação das estruturas das instituições sociais, tais como a família e a comunidade, sendo o desafio elevar a posição da mulher na hierarquia social do actual nível para o nível em que o homem se encontra.

No actual estágio, a mulher aparece como beneficiária passiva das acções dos homens. Mas é urgente que ela seja colocada nos cargos directivos de modo que os seus interesses estratégicos sejam alcançados. Daí que ela deve sair da posição de beneficiária passiva para a de actor no processo que visa mudanças estruturais.

Apesar de as federações serem entidades privadas de direito, é preciso que o Governo moçambicano encoraje as federações a incluir mais mulheres nos seus elencos directivos. A política nacional do desporto deve ser revista para incluir esta posição.

Todavia, esta não deve ser apenas um trabalho

do Governo. As organizações da sociedade civil devem também levar a cabo campanhas de sensibilização no sentido de chamar atenção às federações para incluir mulheres nos cargos de direcção. Se necessário, que se estabeleçam quotas, isto é, nenhuma lista electiva que não tente mostrar paridade deve ser aprovada.

Para além de que seria um reconhecimento pela sua actividade competitiva e patriótica, seria um reconhecimento de que elas também têm capacidades de liderança, não só dentro dos campos mas nos cargos executivos.

Aliás, colocá-las no centro de tomada de decisões vai reflectir a composição do género na nossa sociedade, o que provavelmente irá garantir que os interesses e necessidades específicas da mulher ganhem a visibilidade desejada na agenda do desporto nacional.

Não faz absolutamente sentido nenhum que as mulheres continuem a trazer ao país momentos de glória através da conquista de medalhas, mas quando se trata de serem representadas nos cargos de direcção sejam excluídas.

**Este artigo faz parte do Serviço Lusófono de Opinião e Comentário da Gender Links.*

Cidadão informado vale por dois tenha sempre
@Verdade perto de si twitter.com/@verdademz



Comunicado

Fumo sem freio

O reinado dos fumadores é uma realidade indesmentível. Pelo andar da carruagem, o sofrimento da maioria (não fumadores) não terá um fim airoso. O Governo é incapaz de fiscalizar um regulamento que ele mesmo criou.

Texto: Redacção • Foto: Miguel Manguze

A lei não podia estar mais errada quando refere que “a área para fumadores não pode exceder 25 por cento da área total do espaço público”. A realidade é outra e não obedece a nenhum regulamento. @Verdade andou em tempo de ronda em supermercados e restaurantes de duas cidades do país (Maputo e Nampula) e verificou que ninguém cumpre a lei. O fumo – proibido – encontra espaço na fraca capacidade de fiscalização e na convivência dos proprietários dos locais que deviam respeitar a lei.

Na avenida Julius Nyerere, na cidade de Maputo, estão localizados os melhores restaurantes da capital do país. Porém, o respeito pelo regulamento é pontapeado. Por decoro, decidimos não citar os nomes das casas de pasto, mas vamos retratar o que vimos. Um funcionário sénior da Saúde confidenciou-nos que ninguém verifica a qualidade do ar dos sítios que admitem fumadores porque o regulamento nasceu torto. Ou seja, não foi feito a pensar na fiscalização.

Um médico que não quis ser identificado refere que o regulamento “foi mal conduzido: esqueceu a componente técnica que era o suporte básico para verificar o seu cumprimento. Ninguém falou ainda do sistema de ventilação e nem dos limites de concentração de poluentes. Além de que os poluentes resultam não só do cigarro, mas de perfumes, vernizes, etc.”

Os reinos do fumo

No primeiro local, ao lado de um banco, não encontramos um espaço específico para fumadores. Contudo, informaram-nos de que se quiséssemos fumar teríamos de usar uma varanda, por ser um local aberto.

Ainda na mesma avenida fomos visitar uma casa onde os “VIP” de Maputo se concentram para acompanhar o futebol da Europa. Aqui o espaço para fumadores não é, como o regulamento preconiza, “uma sala separada do resto do público por paredes sólidas”. É um espaço ao ar livre sem janelas onde o fumo é livre de ir e vir de uma área para outra, desrespeitando completamente a letra c, do artigo cinco, que diz que “a ventilação da área para fumadores deverá ser direccionada para o exterior do edifício e não circular para outras áreas”.

Efectivamente, a separação entre os dois grupos depende do proprietário. @Verdade encontrou locais onde os não fumadores ocupam uma área pequena, com paredes sólidas. A obrigação de colocar uma porta de entrada onde deverá estar visível uma placa dizendo “área reservada a fumadores, escrita em letras pretas com pelo menos dois centímetros de comprimento e um e meio de largura” é algo que não se verifica.



Na cidade de Nampula, a situação é idêntica. Nos principais locais públicos do centro da urbe, nomeadamente restaurantes, bares e cafés, não existe nenhuma restrição ou espaços destinados aos fumadores. Um e outro estabelecimento dispõem de um espaço reservado aos fumadores, porém, não é respeitado. A título de exemplo, no café localizado no Centro Comercial Nampula, apesar de existir uma placa a indicar que é proibido fumar naquele sítio, os utentes ignoram deliberadamente a regra.

Sentado no espaço reservado aos não fumadores, Gustavo Amade, de 39 anos de idade, levanta-se e caminha até à zona da esplanada do café. Anda de mesa em mesa à procura de um cinzeiro, mas não encontra nenhum disponível. Retoma ao seu assento e aguarda pelo empregado de mesa. Abre uma pequena sacola, retira um cigarro e começa a fumar. Quando o servente chega, ele pede um recipiente para colocar as cinzas. Sem questionar, o servente cumpre o pedido do cliente.

No interior do café, os outros utentes parecem não se sentir incomodados com o fumo expelido. Os supostos não fumadores prosseguem indiferentes as suas ocupações. Porém, quando parecia que todos se conformavam com aquela realidade, um cidadão levantou-se, aproximou-se de Amade e desabafou: “Desculpa senhor, sabia que é proibido fumar neste espaço? Eu e os meus amigos não gostamos do cheiro de cigarro. Agradeceríamos que se mudasse para outro local”. A reacção não se fez esperar. “Eu não gosto do cheiro do álcool, mas nem por isso vos importunei”, respondeu Gustavo Amade, fumador há 10 anos.

O regulamento é claro e informa que “avisos e sinais indicando as áreas onde é permitido fumar e onde não é permitido fumar devem ser permanentemente expostos e sinais indicando que fumar não é permitido devem ostentar o seguinte aviso: qualquer pessoa que não cumprir com este aviso será processado e incorre em pagamento de multa nos termos da legislação aplicável à matéria”. Seria, contudo, mais fácil encontrar um estabelecimento que respeita as regras do que alguém que já tenha sido multado por tão clarividente regulamento.

Nos subúrbios de Maputo e Nampula, a liberdade para fumar é total. A diferença entre o centro da cidade e a periferia é inexistente. No centro da cidade há uma aparente divisão de espaços. Na periferia é diferente. Não há inscrições e nem espaços para fumadores. Porém, na prática, é tudo a mesma coisa. O fumo tem permissão total para circular em qualquer barraca do coração de Khongolote, Carrupeia ou num restaurante da avenida Julius Nyerere.

Estabelecimentos comerciais

De uma ronda efectuada a seis estabelecimentos comerciais de Maputo, foi fácil confirmar que a proibição de venda a menores de 18 anos não está a ser observada e nem é oficialmente verificada – em nenhum deles há registos nesse senti-

do – verificando-se também que a sensatez é o princípio genérico de respeito pelo regulamento. Uma criança, de 10 anos de idade, compra com uma facilidade insultante um maço de cigarros nas grandes superfícies comerciais da capital do país.

“É fácil”, garante Alberto, o rapaz de 10 anos que aceitou tomar parte nesta reportagem. Comprou cigarros em dois estabelecimentos comerciais escolhidos aleatoriamente pelo nosso repórter fotográfico. Embora o regulamento afirme, no nº 1 do seu artigo 12, que é “proibida a venda de produtos derivados de tabaco a menores de 18 anos de idade”, o dia-a-dia revela uma realidade preocupante e que ninguém observa: não existe o mínimo entrave no acesso ao tabaco.

Instrumento legal

O @Verdade dá-lhe a conhecer o instrumento legal que proíbe o acto de fumar em recintos fechados. O Decreto nº 11/2007 entrou em vigor em Maio de 2007.

Onde é proibido fumar?

A regra geral determina que não se pode fumar em recintos fechados destinados a utilização colectiva, dos quais constam edifícios públicos, estabelecimentos de restauração, bebidas ou dança, locais de trabalho, de atendimento público, transportes e destinados a menores de 18 anos, entre outros.

Quais são as excepções?

É permitido fumar em áreas que assegurem separação física entre zona de fumo e o resto das instalações; ou em áreas que garantam a ventilação directa para o exterior.

O que acontece no sector da restauração?

Nos cafés, restaurantes, bares e discotecas, o proprietário pode optar pela permissão ou proibição de fumar, desde que assegure a qualidade do ar para os não fumadores. Ou seja, podem ser criadas áreas de fumo (máximo: 25%), ou um espaço fisicamente separado (não superior a 25%), desde que não abranjam áreas destinadas ao pessoal.

Quem é responsável?

Ao dono do estabelecimento compete zelar pela aplicação da lei, devendo, em caso de violação, alertar as autoridades administrativas ou policiais.

Destaque

Restrição ao tabaco proporciona ganhos em saúde

Os hábitos tabágicos são adquiridos em grupo e a cessação também é influenciada pelo colectivo, segundo estudo sociológico. A proibição do fumo em espaços públicos ou de trabalho está a traduzir-se no decréscimo da afluência de doentes a emergências hospitalares em países que adoptaram a medida, refere um relatório da Organização Mundial de Saúde.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) apelou, um ano depois de Moçambique criar o regulamento, a que todos os países levem à prática medidas proibitivas do fumo activo e passivo. Esse apelo fundamenta-se num relatório de peritos que afirmam haver provas irrefutáveis de ganhos em saúde nas sociedades em que tais medidas foram adoptadas há mais tempo. Tais ganhos expressam-se, por exemplo, na diminuição de atendimentos de emergência hospitalar devido a problemas cardíacos.

No apelo que lança à comunidade internacional, a OMS refere que a melhoria dos níveis de saúde é notória ao fim de algum tempo e que as restrições não prejudicaram actividades económicas como os restaurantes e os bares. Contudo, em Moçambique essas melhorias ainda não se fazem notar. Até porque, apesar da regulamentação, ninguém cumpre o apelo da OMS.

Os fumadores passivos e os problemas de saúde

Primeiro, começaram as pequenas irritações à volta do nariz e dos olhos. E, mais tarde, apareceu a tosse que se tornou numa constante. Aos 15 anos de idade, a Honoré Miguel foi diagnosticada uma infecção respiratória. A causa do problema já era de esperar: o jovem, de 28 anos de idade, tornou-se um fumador passivo ainda muito cedo porque o seu progenitor é um fumador activo.

As pessoas que estão próximas de fumadores, especialmente em ambientes fechados, inalam mais de 400 substâncias que podem prejudicar a saúde. Os não fumadores expostos ao fumo do cigarro absorvem nicotina, monóxido de carbono e outras substâncias da mesma forma que os fumadores, embora em menor quantidade. A quantidade de tóxicos absorvidos depende da extensão e da intensidade da exposição, além da qualidade da ventilação do ambiente onde se encontra a pessoa.

As pessoas que aspiram involuntariamente o fumo libertado pelos cigarros dos fumadores são designados fumadores passivos. Define-se como tabagismo passivo a inalação do fumo de derivados do tabaco, nomeadamente cigarro, charuto, cigarilhas, cachimbo, por não fumadores, que convivem com fumadores em ambientes fechados.

Segundo a OMS, o tabagismo passivo é a terceira maior causa de morte evitável no mundo, subsequente ao tabagismo activo e ao consumo excessivo de álcool.

O fumo dos derivados do tabaco em ambientes fechados é denominado poluição tabágica ambiental (PTA). Tendo em vista que as pessoas passam 80 por cento do seu tempo em locais fechados, tais como trabalho, residência, locais de lazer e hospitais, o cigarro é considerado, pela Organização Mundial de Saúde, o maior agente de poluição doméstica ambiental.

A permanência em ambiente poluído faz com que se absorvam quantidades de substâncias, tais como a nicotina em concentrações semelhantes às de quem fuma. O ar poluído contém, em média, três vezes mais nicotina, três vezes mais monóxido de carbono, e até 50 vezes mais substâncias cancerígenas do que o fumo que entra pela boca do fumador, depois de passar pelo filtro do cigarro. Por tudo isto se deve evitar fumar em locais fechados.

Os fumadores passivos sofrem os efeitos imediatos da poluição tabágica ambiental, tais como irritação nos olhos, manifestações nasais, tosse, cefaleia, aumento dos seus problemas alérgicos e cardíacos, principalmente das vias respiratórias, designadamente a elevação da pressão arterial e angina (dor no peito). Outros efeitos a médio e longo prazo são a redução da capacidade funcional respiratória (quando o pulmão é incapaz de exercer a sua função), o risco de se contrair arteriosclerose, incluindo a probabilidade de se ter infecções respiratórias (em crianças). Além disso, os fumantes passivos morrem duas vezes mais por cancro de pulmão do que as pessoas não submetidas à poluição tabágica ambiental.

Os principais grupos de risco dos fumadores passivos são as grávidas, as crianças e os asmáticos. Os petizes que convivem com pais fumadores têm maiores riscos de infecções respiratórias, bronquiolites, asma, otite e infecções da garganta.

Fumar passivamente pode provocar as mesmas doenças que fumar activamente. Um cigarro aceso produz dois tipos de fumaça: a que o fumador aspira e devolve depois de filtrada nos pulmões e a que sai directamente do cigarro que possui as mesmas substâncias tóxicas da que é aspirada pelo fumador.

Os fumadores prejudicam a saúde dos não fumadores. Uma pessoa que não fuma, em contacto com fumadores, no final de um dia de trabalho chega a fumar o equivalente a uma média de 1 a 4 cigarros.

Os fumadores incomodam os não fumadores. Fumar não é apenas um problema dos fumadores. Cada vez mais autoridades governamentais estabelecem regulamentos que protegem o não fumador. Tem havido uma maior consciencialização dos indivíduos sobre o ar que se respira, não só em casa, como nos ambientes de trabalho e locais públicos. Porém, em Moçambique pouco ou quase nada é feito nesse sentido.

Deve fazer-se mais, estimulando-se locais de trabalho, escolas, unidades hospitalares e outros sectores da sociedade a desenvolverem uma política de protecção ao não fumador nos ambientes fechados.

MISAU diz que o regulamento está a ser cumprido

O Ministério da Saúde considera que o Regulamento de Consumo e Comercialização de Tabaco, aprovado pelo Decreto 30/2007, de 30 de Maio, está a ser cumprido, pese embora haja casos isolados de sectores que apresentam dificuldades na sua implementação.

Segundo Joaquim Matavel, do Departamento de Saúde Mental do MISAU, todos os restaurantes, espaços públicos (hospitais, transportes, aeroportos, repartições ou instalações do Estado, ...) têm sinais de proibição de consumo do tabaco, o que é um bom sinal.

Mas não é só pelo facto de se ter o sinal de proibição que o MISAU afirma que o regulamento está a ser cumprido. Quando este dispositivo legal entrou em vigor, foram feitas inspecções que continuam a ser realizadas periodicamente.

Porém, a indústria de restauração tem apresentado dificuldades no que diz respeito à construção ou criação de espaços para fumadores. “Eles afirmam que não têm especificações técnicas. É necessário frisar que a separação do espaço para fumadores não é apenas geográfica, tem de ser física. É necessário erguer paredes, montar um sistema de ventilação apropriado”.

Em relação aos estabelecimentos cujas separações de espaços são geográficas (e não físicas), estas têm recebido mensagens de advertência, mas nunca foram multadas nem lhes foi dado um prazo para sanar os problemas detectados.



Onde recorrer em caso de violação do regulamento?

A fiscalização do cumprimento do Regulamento de Consumo e Comercialização do Tabaco é feita, de forma coordenada, pelas inspecções da Saúde e da Indústria e Comércio. É a elas que se deve recorrer para os casos de denúncia.

A Inspecção da Saúde lida com questões de consumo do tabaco e dos males que este causa na sociedade. “O nosso papel é evitar ou retardar, o máximo possível, o consumo. Para aqueles que já fumam e que pretendem largar o vício, todos os serviços de Psiquiatria e Saúde Mental têm pessoal capacitado para atender a casos de procura de desabitação do tabaco”, diz Joaquim Matavel.

Já a Inspecção da Indústria e Comércio responde pela área da comercialização. Por exemplo, o regulamento, no número 1 do artigo 12, proíbe “a venda de produtos de tabaco a menores de 18 anos”, devendo para tal os comerciantes colocarem “dentro dos postos de venda um indicador claro e proeminente sobre proibição... e em caso de dúvida exigir que o comprador apresente prova de ter atingido a maioridade”. Cabe a esta instituição, adstrita ao Ministério da Indústria e Comércio, zelar pelo cumprimento desta matéria (comercialização).

Um dado novo e lacónico

Sobre a fiscalização, a Inspecção Nacional das Actividades Económicas (INAE) diz que a sua intervenção nos restaurantes, bares, entre outros, neste momento, é feita com base em denúncias que tem recebido.

E porque a maior parte das denúncias tem a ver com o mau atendimento, diz, a actuação da INAE acaba por não se fazer sentir no que diz respeito aos fumadores.

Entretanto, sobre as medidas tomadas em relação aos infractores que não observam a regra em causa, Elias Jamisse, inspector chefe da INAE, disse, sem especificar as medidas, que “nesses casos é aplicado o que está estipulado na lei.”

Efectivamente, a INAE não tem registo de restaurantes que tenham sido penalizados por desrespeito à lei.

África do Sul: Voluntários do CAN entram em greve em Port Elizabeth

Um grupo de 30 voluntários envolvidos no Campeonato Africano das Nações, CAN, edição 2013, esteve em greve a poucas horas do jogo dos quartos-de-final entre as selecções de Cabo-Verde e do Gana, que decorreu no último sábado no Estádio Nelson Mandela Bay, na cidade de Port Elizabeth.

Texto: Milton Maluleque

A polícia acompanhou de perto os manifestantes que entoavam canções e dançavam nas proximidades do recinto. Eles alegam que a Confederação Africana de Futebol (CAF) tinha prometido uma remuneração de cerca de três mil randes depois da formação, que durou cinco dias.

Os voluntários, na sua maioria jovens desempregados, têm o CAN como fonte de rendimento. “Eles não nos deram o dinheiro referente à nossa participação na formação. Iniciámos a nossa formação no dia 5 de Janeiro último e esta terminou no dia 16”, disse Themba Tshayingwe, um dos manifestantes.

“Eles (a CAF) prometeram-nos mil randes pela formação, ou seja, 200 randes por dia. Agora dizem que não nos vão pagar, alegadamente porque não são as pessoas indicadas para tal. E nós, como é que ficamos? Quem é que nos vai pagar?”, questiona.

Themba Tshayingwe garante que cerca de 500 voluntários ainda não receberam os seus respectivos subsídios, e muitos deles acabaram por recorrer a empréstimos para poderem deslocar-se ao estádio. “Estamos a usar o nosso dinheiro. Alguns de nós recorreram a empréstimos para custearem o transporte”.

Um outro voluntário, que responde pelo nome de Wonder Mkokeli, assegurou que não iriam trabalhar até que o assunto seja resolvido, e os seus pares chegaram a aventar a hipótese de pedir a intervenção do presidente do município.

“Através de cartas, pedimos ao presidente municipal para intervir, uma vez que este problema é antigo. Não temos dinheiro, somos desempregados. O nosso desejo é continuar aqui, queremos contribuir para o sucesso deste torneio, mas eles não estão a ser sérios”, afirmou Mkokeli.

Entretanto, a Confederação Africana de Futebol (CAF), contactada pelos jornalistas, recusou-se a tecer comentários em torno deste assunto.

Greves do ano passado custaram 6.6 biliões de randes à mineradora Amplants

As receitas da mineradora Anglo American Platinum (Amplants) sofreram uma queda de cerca de 180% no ano 2012, cerca de 6.6 biliões de randes, contra 7.9 biliões de ganhos registados no ano de 2011, devido às greves violentas que se registaram no sector. “Operacionalmente, o ano de 2012 foi o mais difícil para a Anglo American Platinum (Amplants) e para toda a indústria de platina”, disse Chris Griffith, director executivo da Amplants.



Texto: Milton Maluleque • Foto: AFP

Já na bolsa de valores, os ganhos por cada acção decresceram ao registar uma perda de 5.62 randes em 2012, depois de um ganho de 13.65 randes em 2011. “Inicialmente, isto deveu-se ao baixo volume de venda, ao impacto da alta inflação nos custos da mineração e ao baixo preço do metal processado”.

As greves ilegais do ano passado, a inflação e as condições actuais do mercado europeu teriam afectado a boa operacionalidade da companhia. Estas adversidades ditaram uma perda de cerca de 6.6 biliões de randes, sem contar com 463 milhões gastos em reavaliações de certos investimentos, de acerto de novos projectos e os 4.8 biliões de impostos.

Os volumes de venda da platina no ano passado foram consideravelmente baixos, motivados principalmente pelos dois meses de greve ilegal durante a segunda metade do ano.

Perda

A Anglo American Platinum perdeu cerca de 305 600 onças de platina refinada. A companhia reportou uma baixa de 8% de produção, correspondente a 2.22 milhões de onças devido à greve registada em 2012. A empresa viu ainda os seus lucros decrescerem de 10.13 biliões, em 2011, para 717 milhões em 2012, sendo que o total de descontos aumentou em 186%, cerca de 10,49 biliões.

A procura pode impulsionar o crescimento

Para contornar este cenário, Chris Griffith, director executivo da Amplants, considera que “se a produção da platina sul-africana regressar aos níveis do período que antecedeu as

greves, o mercado estará superabastecido”. Entretanto, prevê-se que a procura por este minério aumente este ano, apesar da crise económica que se regista no mercado europeu.

Devido a este mar de incertezas no que diz respeito ao mercado da platina, a Amplants deu a conhecer a sua estratégia para este ano, que passa pela redução gradual da produção, estimada entre 2.1 e 2.3 milhões de onças por ano, para uma quantidade muito próxima, dependendo da procura.

Esta medida seria alcançada com a transferência das minas de Khuseleka e Khomanani, a longo prazo, dos serviços de manutenção e de cuidados, bem como com a consolidação da operacionalidade das três minas de Rustenburg, cuja produção poderá reduzir para um nível sustentável de 320 a 350 onças por ano.

Consultas com o Governo

“Enquanto planeamos manter a nossa produção a um nível abaixo do actual, iremos substituir os custos elevados de produção pelos baixos, mas, com grande lucro na próxima década”, afirmou Chris Griffith.

Entretanto, porque o documento no qual constam estas recomendações requer uma consulta junto do Governo, sindicatos e outras organizações do sector, no dia 28 de Janeiro a companhia, o Ministério dos Recursos Minerais e a massa laboral decidiram adiar o processo de despedimentos à luz da Lei das Relações Laborais. Esta medida tem como objectivo a criação de um espaço para negociações. As partes acordaram que as consultas levariam mais de 60 dias, iniciados em Janeiro.

Multimilionário sul-africano doa metade da fortuna à caridade

Não se sabe qual é o valor exacto da doação de Patrice Motsepe, apenas se conhece que a sua fortuna está avaliada em mais de 2.650 milhões de dólares.

O sul-africano Patrice Motsepe, de 51 anos de idade, tem uma fortuna estimada pela revista norte-americana Forbes em 2.650 milhões de dólares, conseguida através da sua empresa mineira African Rainbow Minerals. O detentor da oitava maior fortuna do continente africano decidiu doar metade do seu dinheiro a uma instituição de caridade. É o primeiro multimilionário africano a responder ao apelo da Giving Pledge, uma iniciativa filantrópica lançada por Bill Gates.

A campanha Giving Pledge foi lançada em 2010 pelo fundador da Microsoft Bill Gates e pelo magnata Warren Buffett com o objectivo de levar as personalidades mais ricas do mundo a abdicarem de parte da sua fortuna a favor dos carenciados. Entre os mais de 90 milionários que já responderam à iniciativa estão o fundador da rede social Facebook Mark Zuckerberg, o governador de Nova Iorque, Michael Bloomberg, ou o herdeiro David Rockefeller.

Num comunicado divulgado na quarta-feira, Patrice Motsepe explica o que o levou a aderir à campanha. “A necessidade e os desafios são grandes e esperamos que a nossa oferta encoraje outros na África do Sul, em África e noutras economias emergentes a doarem e a fazerem do mundo um lugar melhor”. Com base nesse argumento, o empresário decidiu

“doar pelo menos metade dos fundos gerados pelos activos familiares (através da sua empresa) para ajudar os sul-africanos desfavorecidos, pobres e marginalizados”.

O sul-africano não revelou a quantia exacta que pretende entregar. O empresário confirmou apenas que a doação será feita à Fundação Motsepe, que criou com a sua mulher, Precious, em 1999, dedicada ao apoio de programas de educação e de agricultura.

Patrice Motsepe, nascido no Soweto, é o fundador e presidente executivo da African Rainbow Minerals, empresa que explora minas de ouro, platina, ferro e carvão na África do Sul e de cobre na Zâmbia e República Democrática do Congo. É ainda o proprietário do clube de futebol de Pretória, o Mamelodi Sundowns. O seu nome surge também na lista de financiadores do Congresso Nacional Africano, o partido no poder no país./Redacção/Agências

Publicidade

Cidadão informado
vale por dois tenha
sempre @Verdade
perto de si
www.facebook.com/JornalVerdade

Pinar Selek: Uma mulher a destruir “para que sirva de exemplo”

Acusada de organizar um atentado, esta socióloga turca foi presa, torturada e depois absolvida... até a justiça mudar de opinião. E qual teria sido o seu grande crime? Ter-se interessado pelos curdos e pelo PKK.

Texto: **Courier International** • Foto: **Gündem**

Há 14 anos que Pinar Selek é objecto de processos judiciais. Trata-se sem dúvida de, através do caso desta socióloga, “dar uma lição” a todos aqueles que desejam uma solução democrática para a questão curda. No âmbito da sua investigação, Pinar Selek encontrou-se com dirigentes do PKK (Partido dos Trabalhadores do Curdistão): era, portanto, preciso intimidá-la. A lista de torturas físicas e jurídicas a que foi submetida é interminável.

Pinar continua a ser considerada como a principal suspeita no caso do “atentado” no mercado egípcio de Istambul (que fez sete mortos a 9 de Julho de 1998). Foi presa e sujeita a torturas terríveis, de que ainda tem sequelas físicas. E apesar de já a ter absolvido por três vezes, o décimo segundo Tribunal Penal de Istambul, por “razões técnicas” que ninguém conseguiu entender, reverteu a decisão de absolvição no final de Novembro. O processo contra Pinar Selek foi reaberto e ela corre o risco de ser novamente condenada a prisão perpétua. (O julgamento foi retomado a 13 de Dezembro e adiado para 24 de Janeiro).

Militante pela diferença

Mas quem é Pinar Selek? Trata-se de uma das mais talentosas, mais humanas e mais corajosas sociólogas turcas dos últimos anos. Nasceu numa família de “opositores” do regime. O avô, Cemal Hakki Selek, foi um dos fundadores do Partido Trabalhista da Turquia (muito activo na década de 1960) e o pai, Alp Selek, é um famoso advogado de esquerda. Pinar continuou a tradição familiar de militância a favor dos mais desfavorecidos, concentrando a sua investigação sobre todos os que encarnam a diferença na Turquia: curdos, transexuais, crianças de rua.



Contribuiu para a criação de oficinas de rua para crianças e foi uma das fundadoras da revista feminista Amargi. Publicou obras científicas, contos e um romance, e está actualmente a concluir um doutoramento em Ciência Política em França (em Estrasburgo, onde vive exilada desde 2009. Antes disso, passou três anos em Berlim).

Após o atentado do bazar egípcio em 1998, um certo Abdülmecit Öztürk foi preso; durante o tempo de detenção, disse ter preparado a bomba que esteve na origem do atentado com Pinar Selek. No seu julgamento, afirmou que as declarações envolvendo Pinar Selek tinham “sido obtidas sob tortura”. Além disso, os relatórios de diversos peritos concluíram que a explosão no bazar egípcio se devera, na realidade, a uma fuga de gás. Por outro lado, todas as pessoas que conhecem as convicções antimilitaristas da “acusada” não imaginam nem por um momento que ela pudesse cometer tal acto.

Pesadelo dura há 14 anos

Este atentado foi, no entanto, um bom pretexto para quebrar o espírito de resistência que anima Pinar Selek e para “dar um exemplo”. De tal modo que a jovem socióloga, que tinha apenas 27 anos na época, não conseguiu sair deste pesadelo até hoje, aos 41 anos.

Quando Pinar Selek soube que a sua absolvição tinha sido anulada, declarou: “Eles não desistem. Tornei-me um alvo por causa da minha investigação. Este caso ocorreu num período marcado por complôs. Que eu continue a ser hoje vítima de uma tal conspiração leva-me a acreditar que o que acontece comigo está ligado às minhas tomadas de posição. Na Turquia, só há três opções para aqueles que, como Hrant Dink (jornalista turco arménio assassinado em Janeiro de 2007), Nazim Hikmet (poeta turco que morreu no exílio em Moscovo, em 1963) ou eu própria, amam o seu país e lutam pela liberdade: prisão, morte ou exílio”.

Síria: E depois de derrubar Assad?

Quando conseguirem derrubar a ditadura assassina de Damasco, os sírios terão de reconstruir o Estado em condições bastante difíceis.

Texto: **Jornal Al-Mustaqbal**, de **Beirute**

Do ponto de vista ideológico, o regime comunista caiu a 13 de Agosto de 1961, quando foi forçado a construir o Muro de Berlim, para impedir que os alemães de Leste fugissem às condições de vida que lhes eram impostas. A queda concreta só se deu a 9 de Novembro de 1989, quando os cidadãos começaram a destruir esse muro a golpes de martelo e picareta, diante das câmaras de televisão do mundo inteiro. Alguns encararam o acontecimento como o fim antecipado do século XX, enquanto Fukuyama o entendeu como um prenúncio do “fim da História”. Hoje, estou convencido de que o regime sírio caiu a seguir a 18 de Março de 2011, quando os cidadãos começaram a descer às ruas, exigindo liberdade e dignidade.

Desde então, a queda parece mais iminente do que nunca. Portanto, não será demasiado cedo para se falar das dificuldades que os sírios terão de enfrentar após essa queda. Tais dificuldades talvez sejam maiores do que as que os líbios tiveram de enfrentar depois da queda de Kadhafi. Porque, na Líbia, a revolução, ajudada pela intervenção estrangeira, foi mais fácil. Por outro lado, as fracturas existentes na sociedade líbia são pouco profundas. Por último, a baixa densidade populacional líbia e a riqueza petrolífera permitirão resolver muitos problemas sociais e financiar a reconstrução económica.

Os sírios não contam com nada disso. Os cofres estão vazios, algumas cidades inteiramente destruídas e os campos devastados. Além disso, há milhões de refugiados, que é preciso fazer regressar a casa, aos bairros e aldeias onde está viva a memória dos massacres e dos confrontos entre habitantes locais.

Para mais, não há como ganhar a vida. Sem contar com os efeitos da política do regime, assente na destruição e na pilhagem em grande escala, no esquecimento deliberado de algumas regiões e numa política de desenvolvimento que foi um fracasso.

O desafio mais penoso, mas também mais iminente, consistirá em formar uma “administração” política capaz de ganhar a confiança da população, para levar a bom termo o período de transição.

Contudo, as práticas das elites políticas e culturais no decurso da revolução revelaram que estas são, em grande medida, incapazes de se organizar de forma eficaz, de trabalhar colectivamente, de renunciar aos seus jogos políticos, de dominar as regras da diplomacia internacional e de chegar ao espírito de conciliação.

Atenção aos curdos

Outro desafio perigoso será recolher as armas e desarmar as milícias revolucionárias. Em paralelo, será necessário desmantelar o aparelho de segurança e espionagem de Assad, ao mesmo tempo que se for reconstruindo o exército.

Tudo isto já seria preocupante, mas o principal perigo tem a ver com duas outras questões. Em primeiro lugar, garantir a unidade síria no plano político, tendo em conta os direitos culturais e nacionais dos curdos. Em segundo, gerir as ambições do Islão político de impor a sua ideologia e estabelecer uma teocracia democrática.

A revolução síria merece estar rodeada por uma aura de sacralização, em virtude da sua coragem excepcional, da solidariedade de que dá provas e da sua capacidade de suportar os métodos brutais da repressão.

Tudo isso merece um veemente aplauso. Não deve, no entanto, transformar-se em fetichismo político, pois tal transformação iria pesar sobre o futuro do país, à semelhança do que aconteceu na Argélia, após a independência.

É preciso pôr termo à lógica de sacralização política. Logo que o regime caia, a revolução deve ser tratada como passado, submetida a análise histórica, ao exame dos seus comportamentos e ao inventário daquilo que herdou do antigo regime. Há um longo caminho a percorrer entre a queda do regime e a instalação de um novo regime, à altura dos sacrifícios dos sírios e fiel aos seus sonhos.

Fidel saiu de casa para votar pela primeira vez desde 2006

Nas eleições dos últimos anos, o líder cubano tinha votado em casa. A oposição boicota o escrutínio. Dissidentes apelam à abstenção ou ao voto em branco. Raúl Castro deve ser reeleito.

Fidel Castro apareceu em público no domingo (3) à tarde, o que não acontecia desde Outubro do ano passado. O histórico líder cubano deslocou-se à Praça da Revolução, em Havana, para votar nas eleições legislativas, ao contrário do que aconteceu nos anteriores escrutínios ocorridos desde que, em 2006, deixou o poder.

A última vez que Fidel, de 86 anos de idade, tinha sido visto em público foi, segundo a AFP, no passado dia 21 de Outubro, com o então ministro venezuelano Elias Jaua. Em anteriores eleições votou em sua casa, segundo informações da imprensa cubana. Vestido com uma camisa xadrez azul e casaco azul-escuro, falou com outras pessoas, junto à assembleia de voto.

As imagens da televisão estatal foram acompanhadas da informação do locutor de que falou sobre os esforços para reformar a economia da integração latino-americana, do Presidente venezuelano Hugo Chávez e de outros assuntos.

Foi ouvido, em voz fraca, a manifestar agrado pela participação nas eleições. “Estou certo de que o povo é um povo verdadeiramente revolucionário, que fez grandes sacrifícios. Não tenho que provar nada, a História o fará. Cinquenta anos de embargo não serviram para nada”, disse, em palavras captadas pela televisão cubana e pela venezuelana Telesur.

As eleições para a escolha de 612 membros da Assembleia Nacional e para as assembleias provinciais, em que a oposição não participa, devem conduzir à reeleição, no final de Fevereiro, de Raúl Castro, a quem Fidel passou o poder, para um segundo mandato como Presidente. Os deputados elegerão o Conselho de Estado, que indicará depois o líder. Os dissidentes apelaram à abstenção ou ao voto em branco.

As novas regras adoptadas pelo regime prevêem, pela primeira vez em meio século, a limitação a dois mandatos de cinco anos, incluindo no desempenho dos mais altos cargos do país. Raúl deverá, assim, deixar a presidência em 2018.

/Redacção/Agências

Mundo

Papa no Twitter: Não é assim tão ridículo

Bem podem gozar na Europa, mas as contas do Papa Bento XVI nesta rede social são um enorme sucesso em todo o mundo.

Texto: **Jornal The Guardian, de Londres**

Não surpreende que, quando o Papa finalmente apareceu no Twitter (em 12 de Dezembro) a saudar os seus milhões de seguidores, não tivesse muito para dizer. “Queridos amigos”, escreveu, “é com alegria que entro em contacto convosco via Twitter. Obrigado pela resposta generosa. De coração vos abençoo a todos.” Os seus seguidores também não tinham grande coisa para lhe dizer.

O Twitter é uma ferramenta para a troca de mensagens rápidas, que nunca foram a especialidade da Igreja Católica, embora esta sempre se tenha adaptado às tecnologias. Desde 1996 que o Vaticano tem sítio de Internet, administrado por uma comunidade beneditina instalada no deserto do Arizona. Foi um dos primeiros listados a ter uma estação de rádio. E tem canal de televisão.

O que mais surpreende é o alcance destas novas tecnologias. Tendemos a pensar que redes como o Twitter são para ocidentais ricos e enfiados. E é esse, sem dúvida, o público-alvo da sua publicidade. Mas o Datablog do The Guardian (que publica elementos estatísticos em directo na Internet) revela um público muito diferente. Imensos utilizadores do Twitter acompanham as mensagens do Papa no Médio Oriente, incluindo na Arábia Saudita. Os emigrantes filipinos, que vivem em condições próximas da escravatura naquele país, onde as igrejas são ilegais, não consideram absurdo nem fastidioso saber que o Papa lhes envia a sua bênção.

Só há dois tipos de coisas que um Papa pode dizer publicamente a um mundo laico: banalidades e incongruências. Mas os fiéis, quando o ouvem, percebem algo mais na sua voz. Na sua primeira resposta a uma pergunta do Twitter, encorajou o



interlocutor desta maneira: “Encontra Jesus que está presente nas pessoas que passam necessidade” – o programa para toda uma vida, resumido em menos de 140 caracteres...

Um mar de banalidades beatas

A primeira constatação é, pois, que as contas Twitter do Papa têm enorme êxito, ainda que não se espere que seja ele próprio a escrever as mensagens – embora as aprove – e muito menos que perca tempo a ler as respostas. Poucos chefes religiosos sabem usar convenientemente o Twitter. E alguns, obviamente, temem dizer disparates.

Outros, que o usam para fazer propaganda ou têm equipas a tratar disso, não sabem quando parar. O feed (fluxo de actividade de mensagens) do arcebispo de York (o segundo na hierarquia espiritual da Igreja Anglicana, depois do arcebispo de Cantuária) é um mar de banalidades beatas, capaz de matar qualquer réstia de vontade de viver em quem o lê.

As respostas do feed do Papa são quase tão previsíveis como as suas próprias mensagens. O que ressalta é o pequeno número de retweets (mensagens de resposta) em inglês utilizando o marcador @pontifex (a conta do Papa para inglês) em comparação com outras línguas. A equipa do Papa traduz as mensagens em sete idiomas (espanhol, italiano, português, alemão, polaco, árabe e francês). Lamentavelmente, não em latim, como salienta Korsikan_Deb (utilizadora com 60 intervenções). “E, no entanto, o Papa faz posts (publicações nas redes sociais – no Twitter, neste caso) em inglês. Achava piada ver frases em latim no Twitter!”

Outra situação espantosa é que não se vêem contas falsas serem bem-sucedidas, o que dá uma ideia dos esforços investidos pelo Twitter na extraordinária publicidade que lhe traz este utilizador. O Papa não está presente no (outras redes sociais) Facebook e Google+, o que dá ao Twitter uma enorme projecção publicitária. O único brincalhão de que houve conhecimento já desapareceu dos ecrãs: era uma conta que simulava ser de Avignon, onde os papas se exilaram no final do século XIV e onde uma linhagem de antipapas se manteve alguns anos após o Grande Cisma de 1417. Perguntava porque é que o Twitter não lhe dava um

estatuto igual ao do Papa de Roma...

Contas de cinco grandes figuras religiosas

Bento XVI, chefe da Igreja Católica Romana @pontifex 2,3 milhões de seguidores (em 2/1/2013, 20 dias depois do primeiro tweet)

Tweet dos primeiros dias: “Oferece tudo o que fazes ao Senhor, pede a sua ajuda em todas as circunstâncias da vida, e lembra-te de que Ele está sempre ao teu lado”.

Tenzin Gyatso, 14.º Dalai Lama, o maior líder espiritual do Tibete @DalaiLama 5,77 milhões de seguidores

Tweet recente: “Para usar correctamente a nossa inteligência, é muito importante ter a mente calma”.

Ayatollah Ali Khamenei, guia supremo da Revolução Islâmica, o mais alto dignitário da República Islâmica do Irão @khamenei.ir 7900 seguidores

Tweet recente: uma ligação para o seu discurso aos participantes na Conferência Internacional sobre a Alvorada Islâmica, em Teerão.

Rick Warren, pastor fundador da Saddleback Church, uma das maiores igrejas evangélicas dos Estados Unidos @RickWarren 800 mil seguidores

Tweet recente: “É a segunda-feira, e não o domingo, que revela a dimensão da tua fé”.

Satanás, o diabo, o anjo caído, o espírito do mal @satan 30 mil seguidores

Tweet recente dirigido à conta do Papa: “ROFL @pontifex”. (ROFL – acrónimo de Rolling On the Floor, ou seja, rebolar de riso).

Venezuela: O regime pode funcionar sem Chávez?

O desaparecimento de um dirigente carismático segue aproximadamente o mesmo guião. Algumas vezes o regime sobrevive, outras não... Que vai acontecer com Chávez, cujo estado de saúde não parece permitir-lhe assumir novo mandato?

Texto: **Jornal El Nacional, de Caracas**

Mais cedo ou mais tarde, os sistemas políticos baseados no culto da personalidade e na concentração de poderes nas mãos de um só homem – um chefe supremo, simultaneamente onisciente e onipotente – são confrontados com o problema da sua doença e morte, especialmente no século XX, que teve um grande quinhão de chefes de Estado totalitários e despóticos. A literatura e a Imprensa regurgitam referências dramáticas à longa e dolorosa agonia de tais dirigentes.

A lista é longa e variada, mas o cenário é mais ou menos o mesmo. Começam por tentar esconder a doença, o mais possível; quando a notícia é tornada pública, é a doença e o tipo de tratamento que são aureolados de mistério. Só no final, resolvidas as questões de sucessão ou de transição, começam a preparar o povo para a iminente morte do chefe supremo e o funeral sumptuoso que lhe permitirá atingir o Olimpo.

Quer sejam líderes de direita, como Franco, ou comunistas, como Estaline e Mao, a encenação é idêntica. Dois chefes passaram longas agonias, recordadas pela sua duração e pelo sofrimento suportado por estes doentes VIP: Tito, o ditador jugoslavo, e Boumédiène, o herói da independência da Argélia.

Herdeiros raramente à altura do antecessor

A maioria desses dirigentes autoritários, megalómanos e por vezes carismáticos tem como característica ficar no poder até

ao último suspiro, porque sabem governar melhor do que todos ao seu redor. O círculo de colaboradores mais chegados teme não ser capaz de estar à altura da tarefa e que o dirigente leve com ele para o túmulo a unidade do projecto político e o aparelho do poder.

Nos casos de Tito e Boumédiène, o seu desaparecimento provocou a queda dos respectivos regimes. Sem Tito, a nação jugoslava desintegrou-se e tornou-se palco dos mais violentos confrontos sangrentos e limpezas étnicas do século XX na Europa.

Sem Boumédiène, o sistema político por ele criado terminou e seguiu-se um período de transição. Em compensação, nos países onde existia um partido único poderoso e uma ideologia política claramente definida, com os seus livros sagrados e os seus dogmas, bem como um aparelho político intacto, como na URSS de Estaline e na China de Mao, o sistema político sobreviveu, modernizando-se sem ser posto em causa.

Venezuela: Entre a democracia e o poder carismático

Na Venezuela, em breve estaremos confrontados com este tipo de situação. No entanto, há alguns componentes novos. Por um lado, temos um quadro institucional formalmente democrático, que definiu claramente as disposições a seguir quando o Presidente partir. Por outro, temos um dirigente carismático, elevado pelo seu próprio partido ao cargo de grande figura do Estado e de chefe único, como num regime autoritário.

Chávez não foi um dirigente excepcional. Nem um revolucionário radical, que impusesse a eliminação da propriedade privada e uma economia estatal centralizada. Mas conseguiu, num passe de mágica, e essa foi a sua principal qualidade, fazer acreditar aos seus fiéis partidários que o país estava a passar por uma revolução e a mover-se rumo a um futuro melhor.

E será seguramente o fim dessa ilusão que vai deixar o maior vazio.

Dúvidas

Determina a Constituição venezuelana que a posse do Presidente Hugo Chávez, eleito a 7 de Outubro de 2012 com 55% dos votos, deveria ter-se realizado a 10 de Janeiro.

Porém, a saúde do Presidente – internado desde 11 de Dezembro em Cuba, onde se submeteu pela quarta vez a uma cirurgia, depois de lhe ter sido diagnosticado um cancro em Junho – deixou logo dúvidas sobre essa possibilidade.

Para a oposição, a data era imperativa e, na eventualidade de Chávez não poder prestar juramento perante a Assembleia Nacional, o Presidente da mesma, Diosdado Cabello (reeleito a 5 de Janeiro), deveria assegurar interinamente o lugar até que novas eleições fossem convocadas no prazo de 30 dias. Para o Governo, a cerimónia de 10 de Janeiro era apenas uma formalidade, pelo que o Chávez poderia prestar juramento depois de restabelecido.

A 8 de Janeiro começaram a desfazer-se as dúvidas, quando o Parlamento aprovou o adiamento da tomada de posse de Hugo Chávez e lhe concedeu o tempo necessário para se recuperar. A decisão foi confirmada no dia seguinte pela presidente do Supremo Tribunal de Justiça, Luisa Estella Morales. Na ausência de Chávez, o vice-presidente Nicolás Maduro é o sucessor por ele designado.

Dois ex-ministros ruandeses absolvidos de condenação por genocídio

A câmara de apelo do Tribunal Penal Internacional para o Ruanda aceitou pedido de recurso. Na primeira instância tinham sido condenados por cumplicidade e incitamento ao genocídio.

Dois antigos ministros ruandeses condenados na primeira instância a 30 anos de prisão, por envolvimento no genocídio de 1994, foram, na segunda-feira (4), absolvidos. O recurso que apresentaram foi aceite pelo Tribunal Penal Internacional para o Ruanda (TPIR), que ordenou a libertação imediata.

Justin Mugenzi e Prosper Mugiraneza, que em 1994 eram, respectivamente, ministros do Comércio e da Função Pública, foram condenados em Setembro de 2011 por “cumplicidade” e “incitamento directo e público ao genocídio” da minoria tutsi

do Ruanda. Agora, a câmara de apelo do TPIR, presidida por um juiz norte-americano, “infirmou a condenação”.

O genocídio do Ruanda começou após o assassinio do Presidente hutu Juvénal Habyarimana, cujo avião foi abatido a 6 de Abril de 1994. Segundo as Nações Unidas, entre Abril e Julho, cerca de 800 mil pessoas, essencialmente tutsis, foram mortas por extremistas hutu.

“Ninguém mais dirá que o Governo planeou o genocídio”, comentou Mugenzi. Reacção bem diferente foi a de Jean-Pierre Dusingemungu, presidente da associação de sobreviventes, que se declarou “consternado” pela decisão. “É uma forma de apoiar os *negacionistas*” e uma “recusa em mostrar que o genocídio foi preparado”.

Na primeira instância, os juizes do tribunal criado por resolução das Nações Unidas valorizaram o facto de Mugenzi e Mugiraneza terem participado no Conselho de Ministros que, a 17 de Abril de 1994, decidiu afastar o responsável pela provincia de Butare, um tutsi que até então impedia na sua região os massacres que ocorriam no resto do país.

Deram também importância ao facto de, dois dias depois, terem participado numa reunião pública em Butare, na qual o Presidente interino, Théodore Sindikubwabo, apelou ao massacre dos tutsis da região.

Esse envolvimento foi interpretado pelos juizes que ditaram a sentença de 2011 como um “empreendimento criminoso” com vista à eliminação dos tutsis de Butare. Mas os que apreciaram o recurso entenderam que o afastamento do responsável provincial, ainda que tenha contribuído para a generalização das matanças, poderia ter sido motivado por “razões políticas e administrativas”.

O recurso aceitou também a argumentação da defesa dos dois ministros, segundo a qual não conheciam o conteúdo do discurso de Sindikubwabo, dado como morto no exílio, em finais dos anos 1990.

Logo na primeira instância, Mugenzi e Mugiraneza tinham sido absolvidos das acusações de genocídio, cumplicidade e crimes contra a humanidade./ **Redacção/Agências**

Angola suspende actividades da IURD por 60 dias

O Governo angolano mandou suspender “toda a actividade” da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) por 60 dias, enquanto decorrerem as investigações da Procuradoria-Geral da República ao acidente que provocou a morte de 13 pessoas numa vigília em Luanda, no último dia de 2012.

Texto: **jornal Público, de Lisboa**

Foram também proibidas as actividades de seis outras confissões evangélicas que, “apesar de não estarem reconhecidas pelo Estado”, realizam “cultos religiosos e publicidade”, recorrendo às “mesmas práticas” que a IURD. São elas as Igrejas Mundial do Poder de Deus, Mundial do Reino de Deus, Mundial Internacional, Mundial da Promessa de Deus, Mundial Renovada e Igreja Evangélica Pentecostal Nova Jerusalém.

As decisões, divulgadas num comunicado dos “Órgãos Auxiliares do Presidente da República”, decorrem do trabalho da comissão de inquérito nomeada por José Eduardo dos Santos após o acidente de 31 de Dezembro, no Estádio da Cidadela. A Procuradoria fará agora o “aprofundamento das investigações e a consequente responsabilização civil e criminal”.

As conclusões divulgadas pela Presidência são muito críticas para a IURD – “mesmo na sequência das mortes e desmaios de pessoas, a Igreja não interrompeu a actividade”. A igreja é acusada de “publicidade enganosa” traduzida no *slogan* da vigília: “O Dia do Fim – venha dar um fim a todos os problemas que estão na sua vida; doença, miséria, desemprego, feitiçaria, inveja, problemas na família, separação, dívidas, etc. Traga toda a sua família”.

Essa publicidade, conclui o inquérito, “criou no seio dos fiéis e não só uma enorme expectativa de verem resolvidos os seus problemas, tendo por isso atraído para o local do evento um elevado número de pessoas, entre velhos, crianças e doentes”.

A IURD é responsabilizada por ter acolhido no local cerca de 152.600 pessoas, apesar de ter recebido indicações da direcção do complexo desportivo de que o recinto tem apenas capacidade para 30.000. O grupo evangélico concentrou 35.000 pessoas nas bancadas, 30.000 por trás de cada uma das balizas e 57 mil na parte frontal à tribuna. “A projecção feita pela Igreja quanto ao número de pessoas para aquele recinto não foi realista e pecou por excesso”, refere o inquérito.

A “adesão maciça” suplantou a previsão dos organizadores, levou à sobrelotação do recinto muito antes da hora marcada para o início da iniciativa e dificultou o trabalho da Polícia Nacional, dos serviços médicos e de protecção civil.

A partir de agora, a realização de cultos religiosos em recintos fechados, como estádios e pavilhões gimnodesportivos, dependerá da “prévia criação de condições de segurança, assistência e primeiros socorros”, refere também o comunicado.

O acidente no Estádio da Cidadela chamou a atenção para o crescimento da IURD em Angola, onde o culto evangélico reivindica meio milhão de seguidores.

KPMG
cutting through complexity™

Serviços de Auditoria Interna

KPMG é uma empresa com bastante know how em serviços de contratação e terciarização de contratos de auditoria interna, tanto a nível local como na arena internacional. O nosso objectivo é ser líder nos mercados que servimos e, especificamente, ser o número um em reputação no mercado moçambicano.

Os serviços de Auditoria Interna da KPMG Moçambique podem ser diferenciados pelos seguintes factores principais:

- Somos a líder no mercado moçambicano em auditoria interna;
- Usamos auditorias internas estrategicamente focadas na gestão de risco;
- Temos uma equipa qualificada e experiente em auditoria interna com experiência também em auditoria local e regional;
- Temos especialização na indústria e auditores treinados em diversos sectores que vão desde telecomunicações a ONG's;
- Acesso a competências especializadas para complementar o serviço de Auditoria Interna em áreas técnicas que exigem habilidades de especialistas, como a fiscal e legal.

A KPMG tem a capacidade, competência, profissionalismo, entusiasmo e motivação para parcerias no desenvolvimento de soluções de auditoria interna que agrega valor significativo para as organizações e contribui activamente para a consecução de seus objectivos estratégicos e do negócio.

Contacte-nos!

KPMG Auditores e Consultores
Rua 1.233, nº 72C, Edifício Hollard, Maputo
Tel.: +258 21 355 200 | Fax: +258 21 313 358
E-mail: mz-fminformation@kpmg.com



Ciclismo: uma modalidade com apenas 120 atletas em todo o país

O ciclismo é uma modalidade desportiva de corrida feita de bicicleta, cujo objectivo é chegar primeiro à meta ou, dependendo da disciplina, cumprir um determinado percurso no menor tempo possível. Surgiu na Inglaterra nos meados do século XIX, porém em Moçambique, já no século XXI, assiste a uma profunda estagnação a vários níveis.

Apesar da enorme vontade de se massificar no país, o ciclismo continua a ser uma modalidade que enfrenta vários obstáculos. Dos cerca de 23 milhões de habitantes, Moçambique tem apenas 120 atletas.

Nesta semana, o @Verdade conversou com Danilo Correia, presidente da Federação Moçambicana de Ciclismo (FMC), que abriu o livro da agremiação que dirige e falou do fraco apoio do Governo para a sua promoção, sobretudo no que aos fundos a si alocados diz respeito, assim como da questão dos direitos aduaneiros que continuam elevados para a aquisição de uma bicicleta desportiva.

Texto & Foto: David Nhassengo



@Verdade – O que se pode dizer da Federação Moçambicana de Ciclismo?

Danilo Correia – A federação está ainda numa fase de composição, apesar de existirmos há anos. Digo isto porque para mim uma federação passa a existir a partir do momento em que tem 11 ou mais associações.

Como é sabido, existe um número mínimo fixado por lei para a formação de uma federação, que são três. E nós, neste momento, só temos exactamente três associações.

@V – Por quantas associações provinciais é composta a federação?

DC – Quando se criou a federação tínhamos apenas três, mas agora contamos com quatro associações, nomeadamente a da província de Sofala, de Nampula, da cidade e província de Maputo. Esta última vai ser oficializada no próximo dia 23, quando realizarmos a nossa assembleia-geral.

@V – O que é necessário para que haja mais associações?

DC – Tudo passa pela colaboração dos fazedores do ciclismo dentro das províncias, para que estes criem, primeiro, grupos de trabalho para o estabelecimento das respectivas associações.

Como federação, o que notamos é que as provinciais têm dificuldades para se organizar, sobretudo na componente monetária. Em Moçambique, o ciclismo é praticado como uma forma de transporte, ou seja, a bicicleta é usada, em primeiro lugar, como um veículo de transporte e, em segundo, para a recreação. Só em último caso é levada para a corrida desportiva.

Um exemplo concreto disso é a província da Zambézia que, como todos sabemos, é tida como a capital da bicicleta. Usa-se a bicicleta como o seu principal meio de transporte e não desportivo. Portanto, com a colaboração e vontade dos fazedores desta modalidade naquela região do país, nós podemos promover a prática do ciclismo como desporto.

@V – E no que diz respeito às contas, em que situação está a federação?

DC – Neste capítulo, temos dificuldades como todas as federações têm. As nossas receitas provêm das quotas

dos atletas, que é um valor mínimo. Temos também o fundo que nos é disponibilizado pelo Estado através do Instituto Nacional do Desporto e do Fundo de Promoção Desportiva.

Contamos também, em forma de parceira, com o apoio do Ministério do Interior, do Comando da Polícia de Trânsito, do Ministério da Juventude e Desportos, da Associação dos Condutores de Veículos Motorizados (ACOVEMO) e de algumas empresas.

@V – Em que se baseiam as parceiras com estes patrocinadores?

DC – No caso do Ministério do Interior, do Comando da Polícia de Trânsito, do Conselho Municipal da Cidade de Maputo e da ACOVEMO, a parceria visa garantir a segurança do ciclista enquanto estiver em actividade. Visa, também, transmitir conhecimentos acerca da importância do uso das bicicletas e das respectivas regras de trânsito.

As empresas, que são os patrocinadores, ajudam-nos com recursos para organizar as corridas e para a premiação dos vencedores bem como para a compra de material desportivo. Em suma: os nossos patrocinadores arcam com as despesas de uma prova de ciclismo.

@V – Quanto custa uma corrida?

DC – Depende. Por exemplo, um circuito fechado organizado dentro da cidade de Maputo custa cerca de 25 mil meticais, um valor relativamente baixo comparado com o de um circuito longo e/ou fora da cidade capital. O campeonato nacional, por sua vez, tem outros custos e muito elevados. Chega a custar cerca de 200 mil meticais.

@V – Qual tem sido a resposta dos patrocinadores quando a federação apresenta esses valores?

DC – O ciclismo, infelizmente, ainda não é um produto vendável. As pessoas que nos apoiam são as que normalmente gostam desta modalidade desportiva e que querem ver o ciclismo num patamar elevado.

@V – Como mudar esse cenário? Como fazer com que o ciclismo seja uma modalidade de massas, à semelhança do futebol ou do basquetebol?

DC – Um conjunto de medidas. Mas posso destacar, por exemplo, a criação da cultura de ciclismo; a facilitação no acesso às bicicletas tornando-as menos caras; e a redução do custo de importação das mesmas, bem como a criação de fábricas. É necessário que se criem clubes ou os que já existem voltem a incorporar esta modalidade nas suas prioridades.

@V – Quanto é que a federação recebe do Fundo de Promoção Desportiva e qual tem sido o seu destino?

DC – Recebemos 350 mil meticais e grande parte deste valor destina-se à organização do campeonato nacional. Outra parte do valor é usada para a organização de diversas corridas.

@V – Este valor cobre as necessidades da federação?

DC – Claro que é irrisório. Mas temos de perceber que o Governo tem as suas limitações. Nós ainda somos uma federação pequena e, por mais que nos dessem mais dinheiro, continuaria a ser pouco para aquilo que são as nossas necessidades.

Mas há aqui um erro que se comete: o desporto em Moçambique não pode ser compreendido como algo que visa a alta competição. Somos um país com necessidades e, assim sendo, temos de garantir, primeiro, a unidade nacional, promover a saúde pública em segundo e, por último, promover actividades que ocupem a juventude.

@V – Significa, então, que não se pode sonhar com a alta competição neste país?

DC – Para se chegar à alta competição é necessário que se invista muito dinheiro e acho que o nosso país tem as suas prioridades. O nosso orçamento é muito pouco para investir no desporto e cabe a cada um de nós perceber isso, trabalhando dentro das capacidades.

Por exemplo: é uma ilusão dizer que nós teremos uma equipa de ciclismo a competir nos Jogos Olímpicos. Não digo que isso não possa acontecer um dia, mas temos de ser realistas, porque, caso isso aconteça, será um facto extraordinário e não fruto do trabalho que temos vindo a realizar, daí que teremos sempre poucos atletas nos Jogos Olímpicos.

@V – Por que que razão os custos de um campeonato nacional são elevados?

DC – Primeiro, é preciso perceber que o campeonato nacional junta atletas de todo o país. Em segundo, no ciclismo a federação arca com todas as despesas correntes da organização de um campeonato. Quando digo todas refiro-me à deslocação e à acomodação dos atletas.

@V – Qual foi o orçamento da federação em 2012, incluindo o que recebem do Governo?

DC – No ano passado trabalhamos com base num orçamento de 692 mil meticais, incluindo patrocínios e doações.

@V – Quantas competições são organizadas numa época pela federação?

DC – Neste ano (2013) vamos organizar 24 provas, nomeadamente: doze corridas de ciclismo de estrada mais o campeonato nacional, dez corridas de bicicletas em terra e a corrida de BMX, esta última que ainda é um projecto.

@V – Qual é o custo total dessas competições?

DC – Cerca de 750 mil meticais, valor que supera o do ano passado, em que, sem a corrida de BMX, gastámos 692 mil.

Desporto

CAN2013: humilhação e drama é o custo do Soccer City

Foram conhecidas na noite da última quarta-feira (06) as duas equipas finalistas do Campeonato Africano de Futebol (CAN), prova cujo término está previsto para o próximo domingo (10) no estádio Soccer City, em Joanesburgo, capital da África do Sul. Trata-se das selecções da Nigéria e do Burkina Fasso, que nas meias-finais derrotaram o Mali e o Gana, respectivamente.

Texto: David Nhassengo

A selecção da Nigéria foi a primeira a garantir o acesso à final da competição, a sétima na sua história, ao derrotar de forma humilhante o Mali, no início da noite de quarta-feira, por 4 a 1.

A equipa liderada pelo astro Seydou Keita foi a que entrou bem e bastante motivada a fazer um bom jogo, com o objectivo de carimbar o passaporte para a final. Prova disso foi o domínio completo que se verificou no primeiro quarto de hora, período em que efectuou três remates à baliza contrária.

As Super Águias, mais calmas, estudaram a equipa adversária e aperceberam-se que a mesma subia praticamente as linhas defensivas a cada investida ofensiva. Souberam tirar proveito disso tendo, ao minuto 21, enviado o primeiro aviso quando John Obi Mikel fez um remate portentoso que saiu ligeiramente ao lado da baliza.

Passou o susto mas não a onda ofensiva nigeriana que, quatro minutos mais tarde, resultou, pela primeira vez, em golo, por intermédio de Elderson, após um centro bem tirado por Moses pela direita do ataque. Com o tento, a equipa do Mali compactou-se e viu a necessidade de proteger a sua grande área, porém, não a tempo de evitar que Brown Ideye escrevesse o seu nome na lista dos marcadores da noite, quando o cronómetro assinava a primeira meia hora do jogo.

Com o Mali desnortado, antes do apito do árbitro para o fim da primeira parte, Emenike marcou o terceiro golo



Foto: Reuters

da Nigéria, decidindo prematuramente a luta pela final.

No reatamento, a selecção nigeriana entrou dominante, contudo, encontrou um adversário que saía rapidamente para o contra-ataque, na esperança de ainda reverter o marcador. Mas debalde. Ao minuto 59, Mikel fez um rasgo para Musa que só precisou de galgar terreno, escolher o ângulo e atirar a contar.

O golo de honra do Mali teve a autoria de Cheick Fanta Mady Diarra, ao minuto 75, que, ainda assim, não conseguiu disfarçar tamanha humilhação.

Burkina Fasso sofre mas chega à final

Após o empate a um golo registado nos 120 minutos (90 regulamentares + 30 de prolongamento), o lugar dos burkinabes na final foi confirmado através da marcação de grandes penalidades.

As “Estrelas Negras” foram as que se adiantaram

no marcador, ao minuto 13, por intermédio de Wakaso, na cobrança de uma grande penalidade, bastante contestada pelos jogadores da equipa adversária. Com o Gana em vantagem, as duas selecções prosseguiram com um jogo aberto, porém, encontrando enormes dificuldades para chegar com perigo à baliza contrária.

A igualdade no marcador foi restabelecida à passagem do minuto 60, por Bance, que marcou de cabeça. Com o empate a prevalecer, atingido o minuto 90, o prolongamento era a única saída, conforme rezam os regulamentos. Todavia, nenhuma das duas equipas conseguiu marcar, o que levou à marcação de grandes penalidades.

A equipa do Burkina Fasso foi a felizada ao converter três lances contra apenas dois do Gana, atingindo, pela primeira vez na história, a final de um campeonato africano de futebol.



Foto: Panoramic

Artista da Bola

Sábado



António Castro Sábado, tratado nos meandros do desporto por Sábado, nasceu na cidade de Maputo a 23 de Fevereiro de 1982. É federado e conta até ao momento com 16 anos dedicados unicamente ao tênis.

Começou a familiarizar-se com a modalidade na escola do Clube de Tênis de Maputo em 1997, tendo-se destacado como um dos melhores alunos na altura. No mesmo ano, Sábado ganhou o seu primeiro título ao sagrar-se campeão daquele centro educativo de novos talentos do tênis moçambicano, na categoria de iniciados.

Dois anos mais tarde, isto é, em 1999, com saudades do pódio, competiu e venceu o campeonato nacional de juniores. No mesmo ano recebeu vários convites para participar em torneios a nível de África Austral, com destaque para o circuito da África do Sul e da Suazilândia, não tendo, em ambos, porém, passado da primeira fase.

Foi em 2000 considerado o melhor jogador júnior de tênis do país para, no ano seguinte, participar e sagrar-se vice-campeão nacional sénior masculino. O mesmo feito foi alcançado por si em

2001 para depois, já em 2002 conquistar o trono, quer em singulares, quer nos pares.

A partir daí, Sábado só acumulou títulos atrás de títulos nos campeonatos nacionais de seniores masculinos e nas duas disciplinas (singular e pares). Foi, contudo, motivo de tristeza para o tenista perder, em 2003, a final da Taça Joaquim Chissano, o que o levou a vingar-se na conquista da prova em 2004, em singulares e pares.

Quando em 2005 venceu a Taça Mcel em Tênis, Sábado decidiu abandonar a modalidade como atleta, para abraçar a carreira de formador no Clube de Tênis da Cidade de Maputo. Todavia, não resistiu à tentação, tendo demonstrado vontade de regressar aos campos em 2012. Porém, o seu retorno não foi dos melhores, uma vez que no campeonato nacional daquela época não passou das meias-finais.

Este ano, foi vice-campeão nacional de singulares e pares na categoria de seniores.

Diz, em tom de brincadeira, que não tem nenhum sonho como atleta, pois em 2004 ganhou tudo o que tinha a ganhar: o campeonato nacional e diversos torneios locais. A sua ambição é ajudar os juniores a melhorar o nível porque, na sua óptica, está abaixo do que se registava há 10 anos.

O jovem conta que a maior dificuldade de um tenista moçambicano é encontrar apoio e patrocínio para poder competir em torneios internacionais, como meio de contribuir positivamente na rodagem porque, tal como acontece no país, jogar uma vez por ano não é benéfico a qualquer atleta nacional.

Comunicado

Cidadão informado vale por dois tenha sempre
@Verdade perto de si www.verdade.co.mz



Desporto

@V – A que nível estamos em termos de participação em eventos internacionais?

DC – Neste momento estamos a revitalizar a nossa selecção nacional de ciclismo de estrada. Tivemos uma selecção de seis atletas aquando dos Jogos Africanos de 2011 e deste número, ficaram apenas três. Os outros atingiram a idade adulta e já não estão em condições de competir ao mais alto nível.

Precisamos de encontrar mais quatro atletas e, para tal, estabelecemos parceria com uma academia de ciclismo da África do Sul para a formação de jovens promessas das associações do país.

@V – Quais são os projectos da federação?

DC – Neste ano, para além de estabelecer mais associações provinciais, queremos criar um parque de ciclismo na cidade da Matola para a prática do BMX, disciplina que mais atrai os jovens dos 12 aos 16 anos. Para além disso, queremos montar no mesmo local uma pista de corrida de bicicletas terra a terra (BTT). Já nos próximos anos vamos replicar estes projectos nas províncias.

@V – Onde funciona a sede da Federação Moçambicana de Ciclismo?

DC – Nós não temos infra-estruturas. Os nossos escritórios funcionam em casa do nosso vice-presidente. Mas projectamos a construção da sede na cidade da Matola. Para as provas continuamos a usar as avenidas da cidade de Maputo para as disciplinas de estrada e as ruas dos subúrbios para a disciplina de BTT.

@V – Por quantas disciplinas é composto o ciclismo?

DC – O ciclismo é uma modalidade desportiva composta por várias disciplinas. Tem como disciplina rainha a de estrada, curiosamente, a mais praticada; depois segue-se a BTT, a mais popular; e a BMX e a Indoor, esta última que é praticada nos Jogos Olímpicos.

@V – E quais são as praticadas em Moçambique?

DC – Nós praticamos o circuito de estrada e a BTT. Mas também praticamos uma disciplina que não mencionei, o ciclismo radical, que pressupõe escalar montanhas.

@V – Durante as competições têm sido registados conflitos entre os ciclistas e os automobilistas. Ainda prevalecem?

DC – Esses conflitos mantêm-se, sobretudo nos períodos de treino. Continuamos a testemunhar incidentes entre os automobilistas e os ciclistas, apesar do intenso trabalho que temos vindo a realizar para acabar com estas situações. Temos contado com um apoio relevante da Polícia de Trânsito e do Conselho Municipal neste aspecto.

Tenho, como exemplo, um ciclista nosso, curiosamente, em vida candidato a presidente da federação, que morreu nestas circunstâncias. O automobilista condutor foi detido, julgado e condenado, estando neste momento a



cumprir a pena.

@V – Para quando o fim destes incidentes?

DC – Entendemos que no centro da cidade de Maputo o fluxo de trânsito continua a aumentar e estamos a trabalhar em parceria com a polícia no sentido de garantir a segurança dos nossos ciclistas. Mas ficámos bastante satisfeitos quando soubemos que o município vai edificar uma ciclovia de 16 quilómetros ao longo da avenida da Marginal, inserido no projecto da Estrada Circular de Maputo. Isto sem contar com o projecto a que me referi, o de criar um parque de ciclismo na cidade da Matola.

@V – Qual é o número oficial de ciclistas desportivos em Moçambique?

DC – Temos um total de 120 atletas. Este número deve-se ao facto de neste país não existir esta cultura de transformar o ciclismo em desporto. Mas também há o caso de custos do próprio ciclismo, relativamente à aquisição da bicicleta.

@V – Quanto custa uma bicicleta?

DC – Os preços variam. Mas uma bicicleta normal

custa entre 6 e 15 mil meticais, e uma desportiva, diga-se, pronta para competir, custa até 180 mil meticais. Se for a reparar, estes valores são elevados para a economia nacional, o que faz com que esta modalidade não seja para todos. Mas o esforço da federação, com os poucos recursos que tem ao seu dispor, é de promover o ciclismo para o escalão menos favorecido.

Posso citar como exemplo as 15 bicicletas que recebemos da Federação Internacional de Ciclismo. Todas elas foram entregues aos atletas sem condições, mas que praticam esta modalidade.

@V – De que realizações se orgulha desde que assumiu a presidência da federação?

DC – Não se pode entender como obras do Danilo Correia. É o trabalho do elenco directivo da Federação Moçambicana de Ciclismo.

Mas de tudo quanto realizámos, o que mais me tocou foi a organização do Campeonato Africano de Ciclismo em 2011 e a realização da primeira época sólida de ciclismo no ano passado.

Natação: Golfinhos dominam o “Nacional”

O Clube de Natação Golfinhos de Maputo conquistou, no último fim-de-semana, por equipas, o Campeonato Nacional de Natação de Verão. No certame, que decorreu na piscina Raimundo Franisse na cidade de Maputo, os campeões amealharam nove medalhas de ouro e quatro de bronze.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Manguze

Na tabela classificativa geral, os Golfinhos de Maputo terminaram no topo da competição com um total de 1.368 pontos, seguidos pelo Ferroviário da Beira com 619. O Clube Desportivo Tubarões de Maputo completou o pódio com um total de 606 pontos.

Na cauda da tabela ficou o Clube Náutico da Beira com sete pontos, seguindo-se o Grupo Desportivo de Maputo com 97. O Ferroviário de Maputo foi o clube que terminou no meio da tabela classificativa geral, uma posição abaixo dos Tubarões com 348 pontos.



No que às medalhas individuais diz respeito, os Golfinhos lideraram o campeonato com um

total de nove de ouro, conquistadas por Ygal Tavares, Layla Tadiquir, Erico Cuna, Gisela Cossa,

Jalik Tavares, Jéssica Cossa, Elton Mangore, Faina Salate e Valdo Lourenço. Arrecadaram, ainda, quatro medalhas de bronze por Mário Cossa, Alline Ibraímo, Justânia Francisco e Igor Mogne.

À cidade da Beira, por sua vez, coube apenas uma medalha de ouro conquistada por Domingas Munhameze e cinco de prata ganhas por Mildret Alfredo, Maxim Luis e Melina Here, Nuno Gomes e Pedro Moureira. Aos nadadores Sodre Júnior, Narci Lopes, Glace Emília e Junaide Cane coube o bronze.

Em terceiro lugar ficaram os Tubarões da capital do país com uma medalha de ouro conquistada por Danilo, cinco de prata amealhadas por Yorhan Lourenço, Valentim Cossa, Denisse Mabbasso, Castro Júnior e Jannat Bique. A única medalha de bronze obtida por este clube pertence a Denilson da Costa.

Importa referir que estas provas decorreram entre sexta-feira (01) e segunda-feira (04) na piscina Raimundo Franisse, e contaram com a participação de seis equipas.

Comunicado

Cidadão informado vale por dois tenha sempre
@Verdade perto de si facebook.com/JornalVerdade



SEMANA DStv



SHERLOCK HOLMES: JOGO DE SOMBRAS

Sherlock Holmes e o seu assistente, o recém-casado Dr. Watson, juntam forças para derrotarem o seu mais temível adversário, o Professor Moriarty.
DIA 15 DE FEVEREIRO, 23:30, TVC1

A PROGRAMAÇÃO

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
GLOBO 19:55 Malhação 20:20 Lado a Lado 21:15 Guerra dos Sexos 22:15 Salve Jorge 23:25 Fantástico TVC3 16:20 Até que a Morte os Separe 19:55 O Filho da América 22:20 A Nossa Vida TV RECORD 20:30 Prova de Amor 21:30 Fala Portugal 22:00 Sansão e Dalila 23:00 Balacobaco 00:00 Legendários	GLOBO 20:00 Carnaval: Apuração de São Paulo 21:50 Malhação 22:20 Lado a Lado 23:10 Guerra dos Sexos 23:45 Salve Jorge SS1 MÁXIMO 21:30 Liga dos Campeões: Celtic x Juventus 23:45 Liga Italiana: Juventus x Fiorentina SS2 MÁXIMO 21:30 BAI: Campeonato Angolano de Basquetebol	GLOBO 19:55 Malhação 20:20 Lado a Lado 21:10 Guerra dos Sexos 22:10 Salve Jorge SS1 MÁXIMO 21:00 Destaques de Futebol do Máximo 22:15 Liga dos Campeões: Real Madrid x Man. United SS2 MÁXIMO 19:25 Liga dos Campeões: Celtic x Juventus 22:15 Liga dos Campeões: S. Donetsk x B.Dortmund	GLOBO 19:55 Malhação 20:25 Lado a Lado 21:15 Guerra dos Sexos 22:15 Salve Jorge 23:10 Big Brother Brasil AXN 20:56 Londres Distrito Criminal 21:46 C.S.I. Miami 22:36 Investigação Criminal SS1 MÁXIMO 19:55 Liga Europa: Bayer Leverkusen x Benfica 22:00 Liga Europa: Atletico Madrid x Rubin Kazan	GLOBO 19:55 Malhação 20:20 Lado a Lado 21:10 Guerra dos Sexos 22:10 Salve Jorge 23:25 Big Brother Brasil FOX FX 21:43 Rockefeller 30 22:05 Futurama 22:28 Wipeout 23:13 Rockefeller 30 23:35 O Escritório TVC1 17:20 Uma Vida Melhor 18:55 O Hospício 20:20 Drive - Risco Duplo	TVC2 17:10 Henrique IV - Parte 2 19:10 A Última Escolta 21:30 Get Low - A Lenda de Felix Bush 23:15 Martha Marcy May Marlene 00:00 Vingança de Uma Mulher SS1 MÁXIMO 14:40 Taça da Inglaterra: Luton x Millwall 16:45 Taça da Inglaterra: Arsenal x Blackburn Rovers 20:55 Taça da Inglaterra: Oldham x Everton	SS1 MÁXIMO 13:55 Taça da Inglaterra: Chelsea x Brentford 15:55 Taça da Inglaterra: Man. City x Leeds 17:50 Taça da Inglaterra: Huddersfield/Leicester City x Wigan Athletic 20:55 Liga Espanhola - Valhadolide x Atl. Madrid 22:55 Liga Espanhola - Real Madrid x R. Vallecana FOX LIFE 20:22 Medium

OS DESTAQUES



MINNIE SÃO VALENTIM

O Dia de São Valentim não foi esquecido e para celebrar a data mais romântica do ano, o Disney Junior preparou de 11 a 14 de Fevereiro uma programação especial dedicada ao amor, onde a Minnie será a estrela. Durante esta programação vai ser possível assistir à estreia de episódios das séries "Doutora Brinquedos" e "Manny Mãozinhas".

DIA 11 DE FEVEREIRO, 14:00, DISNEY JUNIOR



GUERRA DOS SEXOS KIKO RAPTA NANDO

Kiko prepara os últimos detalhes para o rapto de Nando. Nando diz a Ulisses que se esforçará para esquecer Juliana. Roberta questiona Nando sobre o mistério de Otávio. Kiko manda os seus cúmplices adiantarem o plano contra o noivo da sua mãe. Nando atrapa-se na sessão de fotos e acaba por beijar Juliana. Kiko e Nando chegam ao beco, mas Roberta, Vânia, Análú, Ulisses e Zenon seguem-nos e conseguem ajudar Nando. Roberta decide adiantar o seu casamento com Nando e quando o casal chega ao hotel, descobrem que a reserva não foi feita. Uma senhora aproxima-se de Roberta e, embora Nando desconfie, leva-os para um beco onde são assaltados por uma quadrilha.

DE SEGUNDA A SÁBADO, 21:10



RECEITA PRA DOIS

Um domingo mais saboroso e ao mesmo tempo divertido. O Chef Edu Guedes vai ensinar uma deliciosa receita enquanto conversa com o seu convidado especial, como se estivessem na cozinha de casa.

AOS DOMINGO, 14:45, TV RECORD



REAL MADRID X MAN. UNITED

Grande partida dos 16 avos da Liga dos Campeões – o título que Mourinho persegue há anos para o Real Madrid. Acompanhe todas as partidas, em directo e em exclusivo, no seu mundo dos campeões:

DIA 13 DE FEVEREIRO, 22:15, SS1 MÁXIMO



Pode efectuar o pagamento da subscrição mensal por internet Banking, via ATM da Rede Ponto24, com quaisquer cartões de débito nacionais de todos bancos do país ou ainda por telemóvel - apenas para detentores de cartões de débito da Rede Ponto24 através de *124#

* Para mais informação sobre o pagamento por telemóvel, contacte os bancos de Rede Ponto24.

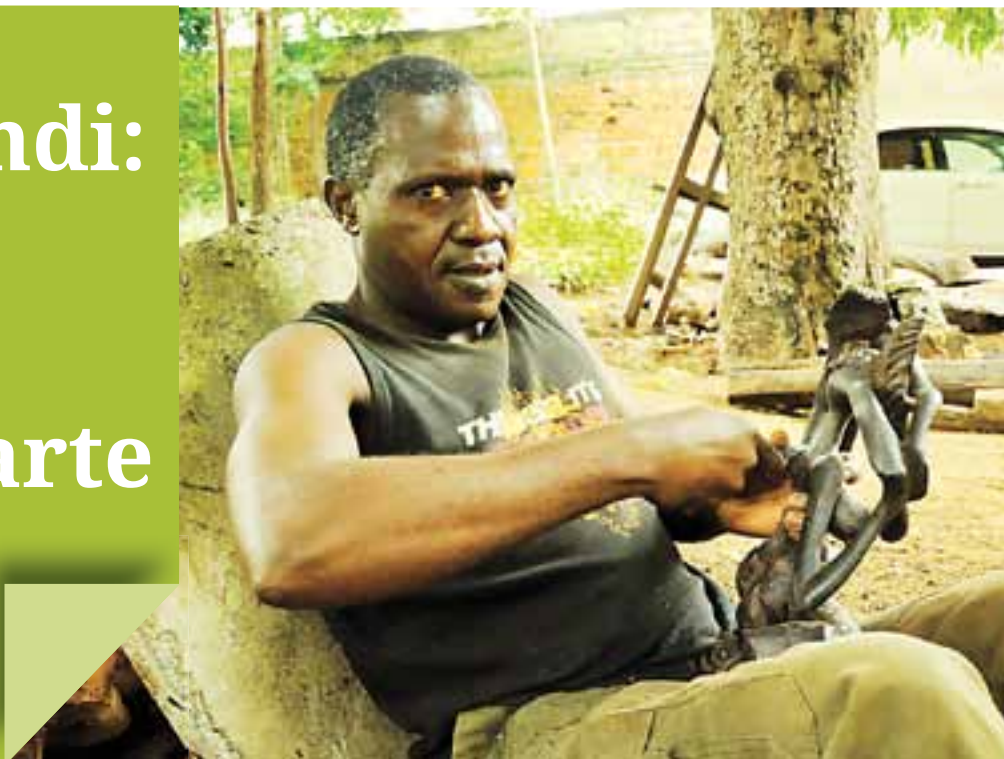
DStv

Ligue para (linha fixa) 21 220 217/18 ou 82 3788 para Mcel, 84 3788 para Vodacom ou envie e-mail para moz@dstv.com ou visite www.dstv.com

Nota: Informação correcta à data de impressão; para obter grelhas actualizadas diariamente visite www.dstv.com



Pascoal Mbundi: “Interesses comerciais depravam a arte maconde”



Pascoal Mbundi dedica-se à arte maconde desde a nascença. A sua trajetória artística é a metáfora de superação de obstáculos. Actualmente, possui vários sonhos, mas o principal é a vontade de transmitir a sua herança cultural aos mais novos. Mas faltam-lhe condições para tal.

Texto: Redacção/Alfredo Manjate • Foto: x

Se admitirmos que a grandeza de um artista – escultor ou pintor, por exemplo – não se aquilata em função da quantidade de exposições da sua própria produção, mas em virtude do impacto que as obras geram no espaço social, então, por essa via, pode-se afirmar que o pintor e escultor moçambicano, Pascoal Mbundi, possui um espaço de destaque no cenário das artes plásticas moçambicanas.

A par da veia que possui para as artes plásticas, em 1984/5, Mbundi cursou artes visuais na respectiva escola em Maputo, por intermédio de uma bolsa que lhe fora ofertada pelo então director da Escola Aeronáutica ao apreciar o seu traço de desenho. Concluída a formação, o artista nunca mais parou de investigar sobre o ofício para o qual se candidatou desde tenra idade.

O criador, cuja produção artística se confunde com uma busca constante de novas formas de fazer arte, a fim de realizar o que chama de auto-superação, nasceu no mesmo ano em que eclodiu a Luta Armada de Libertação Nacional: 1964. A época marcou profundamente a sua infância, como também a sua maneira de fazer arte.

O artista, que reside no bairro de Maxaquene, algures na cidade de Maputo, é amante da literatura – a sua inesgotável fonte de conhecimentos – mas a sua inspiração encontra-se na natureza. Nas suas obras, os traços de uma guerra por si experimentada na infância – incluindo outros moçambicanos – são fragmentos de uma época peculiar da história nacional que se preserva.

Na verdade, o escultor Mbundi desenvolve uma relação de amor e ódio com a natureza. Vezes incontáveis há, por exemplo, em que para a materialização das suas esculturas o artista se vê impelido a sacrificar o que há de importante no cosmos. Entretanto, nem o amor que nutre pela natureza ofusca a sua necessidade pela produção artística: “dói-me a alma quando tenho de pegar num tronco e começar a esculpir, porque sinto que o mesmo representa um ser vivo, uma árvore, à beira de ser maltratado”, considera.

Seja como for, porque para Mbundi da árvore que perece ressurgue uma outra personagem figurada pelas esculturas, a sua crise é suavizada pelo alívio que existe no protagonismo que é originar uma obra de arte.

Decifrar os mistérios da natureza

Há uma preocupação central na produção artística de Mbundi – a percepção da relação que se estabelece en-



tre os diversos elementos que constituem a natureza, sem excluir as controvérsias humanas que são a fundação de uma sociedade. É como o artista revela quando diz que “quero compreender a sociedade em que estou inserido”, ao mesmo tempo que elabora uma questão aparentemente leviana. “Porque é que se compara uma mulher a uma flor e que ligação isso tem com o amor?”

De acordo com o escultor, a busca pela compreensão da dinâmica social e a relação com os seres inanimados é um desafio sempre presente na sua acção artística. Aliás, para si, “isso é que é ser um artista”. Por essa razão, “quando leio descobro a minha essência. Encontro a compreensão da sociedade que de outra maneira não seria possível perceber”, refere.

Entretanto, como artista, Pascoal Mbundi afirma que possui muitas dificuldades para enquadrar a sua produção em função de uma determinada temática e numa conjuntura temporal. A sua obra carrega consigo traços de conflito bélico cuja justificação era a necessidade de libertar o povo do jugo colonial.

“Vivi numa época em que por causa da guerra, a sobrevivência das pessoas dependia da capacidade que cada uma possuía de abandonar um lugar para o outro. Praticamente, naquela época éramos nómadas. Provavelmente, é por essa razão

que não consigo contornar esses assuntos sempre que pinto ou esculpo formas de arte. De qualquer forma, a paz – um dos bens que aprecio imenso – está presente nos meus objectos artísticos”.

Transmitir o saber

Longe de recusar a evolução, Mbundi entende que, actualmente, os jovens têm a tendência de se desligar (por desconhecimento) dos preceitos básicos da produção artística. É em resultado disso que o artista investe parte do seu tempo a transmitir os seus conhecimentos aos mais novos, sobretudo os que revelam algum pendor para a pintura e a escultura. “Presentemente, tenho trabalhado com algumas crianças no sentido de ensiná-las a esculpir e a pintar, numa óptica artística. Gostaria de ter mais discípulos, mas, infelizmente, não tenho condições. Não tenho espaço nem fundos para operacionalizar o projecto”.

Depravar a arte maconde

Ainda que se conceba a comercialização das obras de arte como um direito de qualquer criador, Mbundi considera que quando se faz a arte tendo como foco exclusivo o mercado a mesma perde a áurea. É isso que tem contribuído imenso para a depravação dos objectos artísticos. Ou seja, “a essência da arte fica depravada pelo interesse mercantil. Infelizmente, isso tem acontecido com a escultura maconde nos dias actuais”.

Mbundi diz que “há uma dura ditadura do mercado artístico” que se aproveita da precariedade das condições sociais dos artistas moçambicanos para amputar a sua liberdade e imaginação criativa. Na verdade, a situação de muitos artistas que – por causa de limitações financeiras, como Pascoal Mbundi – apesar de possuírem longos anos de carreira, com uma boa produção, é a inexistência da possibilidade de expor as criações numa galeria de arte.

Refira-se, então, que as mágoas do mestre Mbundi se tornam fecundas sempre que pessoas a quem considera “gente de má-fé” o procuram desesperadas a fim de lhe submeter a entrevistas – que propiciam teses de cursos superiores, fazendo-lhe falsas promessas – de cujos resultados nunca toma conhecimento. “Há vezes que me surpreendo ao ver as minhas obras na Internet, sem nenhum conhecimento sobre como é que as mesmas foram lá parar. São raros os casos em que isso acontece com o meu consentimento”.

Plateia

Convite para a leitura: Uma Rosa Xintimana!

No primeiro capítulo de *A Rosa Xintimana* – uma das mais recentes obras do contista moçambicano, Aldino Muianga – *Faztudo Mundlovo, o protagonista, que partira da província de Gaza para a cidade de Lourenço Marques à procura de trabalho, já manifesta a vontade de regressar bem-sucedido. Isso é um passado que nos remete ao presente, instalando-nos uma grande dúvida – será que, actualmente, a cidade de Maputo constitui a terra prometida dos moçambicanos?*

Texto & Foto: Inocêncio Albino

Em *A Rosa Xintimana*, uma das obras de Aldino Muianga, recém-editada pela Alcance Editores, o conto “... da chegada de Faztudo a Lourenço Marques e dos envolvimento com a dona Miquelina, sua patroa...” não podia traçar outros cenários senão um verdadeiro convite para a leitura dos demais seis.

O autor, que nos propõe uma escrita madura, logo no início da obra, cria expectativas nos leitores: qual será o final de *Faztudo*? Será que o seu amo, o colono, irá descobrir que se envolve em relações eróticas com a sua esposa? Ou será que, ileso, regressará bem-sucedido à terra natal.

Ainda que não nos possamos atardar a argumentar sobre isso, Aldino Muianga, também, escreveu um livro em que não conseguiu abrigar a sua nostalgia em relação à terra dos laurentinos, Lourenço Marques, actual Maputo.

Apartando-se dos problemas do saneamento do meio, das bolsas de loucura que acoitam as suas gentes, da criminalidade, da mendicidade, da prostituição e corrupção – males da cidade de Maputo dos nossos tempos – o contista prenda o leitor com uma descrição da urbe que, se não o atrai para a leitura, no mínimo, desperta para o exercício da cidadania.

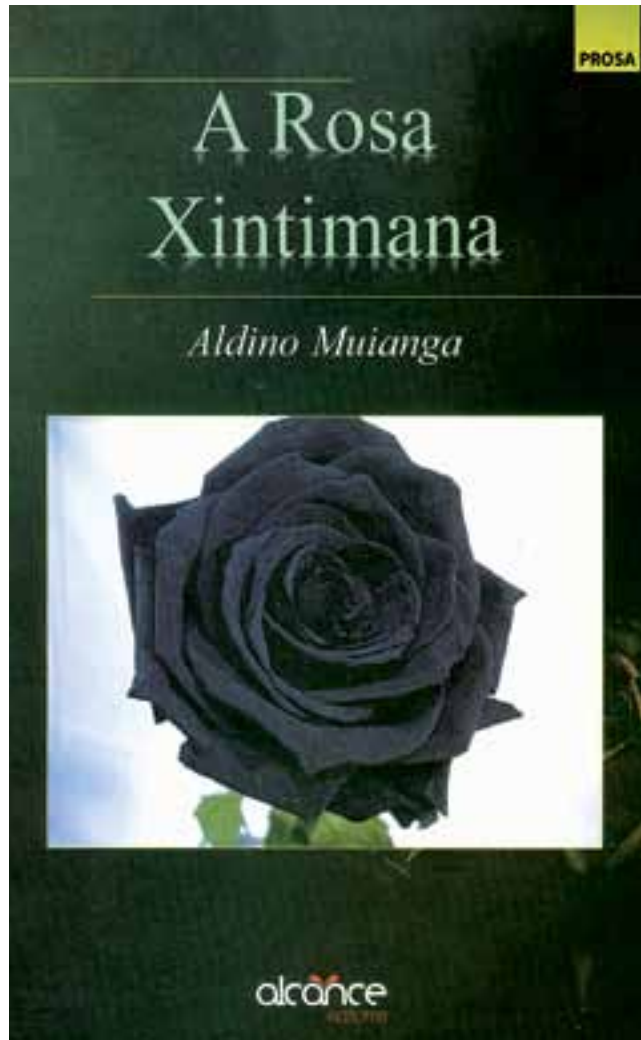
Por exemplo, começa ele por referir-se à “largueza daquelas avenidas, a imponência daqueles prédios altos, os jardins sempre verdejantes e floridos, os palácios coloridos do bairro da Polana, o jardim zoológico com animais vivos – de verdade! –, o Museu com aqueles bichos todos que a gente até nem sabe bem se estão vivos ou não, mais a estátua do Mouzinho a dominar a paisagem sobre a baía da cidade e a baía, montando sobre um cavalo de pedra”.

Encanta-nos o saudosismo – contida nesta obra – que se mistura com uma crítica sempre presente e necessária em relação à educação que se glorifica nos nossos tempos, muito em particular, quando Aldino sublima o minúsculo grau de escolaridade da sua personagem em detrimento do ensino hodierno. “*Faztudo abandonara a escola missionária de Mangundze há muitos anos (...). A sua maior riqueza é a terceira classe rudimentar que, segundo dizem, hoje vale mais do que o segundo ano dos liceus*”.

Aliás, segundo a obra de Muianga, naqueles tempos, “a formação religiosa era outra conquista que não *lhe permitia* descurar das coisas do espírito”.

Com estas qualidades, de Maputo, *Faztudo* “jurava que não regressaria como partira, de sapatos remendados, calções rotos e a camisa cheia de buracos. Viera ao encontro da sua sorte”. Afinal, “sabia de muitos conterrâneos que largaram as famílias e a terra, sem nome nem dinheiro, mas hoje eram gente com nome e posição social, bom emprego, casa vistosa de madeira e zinco, e documentos em ordem”, contando maravilhas acerca da cidade.

Na verdade, a dona Miquelina Santos, a esposa do patrão de *Faztudo*, o senhor Santos, “era uma pessoa precocemente envelhecida; a angústia em pessoa”. Diz-se que “uma inexplicável infertilidade roubava-lhe a felicidade de ser mãe. Nela é tudo carências: de afecto do marido, sempre ausente em negócios nos armazéns ou em viagens, e da companhia de uma criança a



quem podia chamar seu filho”.

Foi nesse sentido que, na ausência do marido, sempre acompanhada por *Faztudo*, Miquelina Santos começou o seu ritual de aculturação do machangana, até que, finalmente, se envolveu com ele sexualmente.

Mas antes, começou por o considerar “Uma dádiva! Mas o que mais nele me impressiona é a inteligência, o espírito de iniciativa e a lealdade. Sem falar no sotaque que em tudo se assemelha a qualquer um dos nossos. Com um pouco mais de escola passaria por um verdadeiro português”.

A verdade é que, alguns dias depois, com um pouquinho de sedução e assédio, entre *Faztudo* e Miquelina Santos, “a primeira de muitas outras manhãs que se seguiram, de envolventes e inenarráveis festivais de amor” ocorreu.

A este nível pode-se não ter respondido à questão sobre se Maputo ainda é a terra prometida dos moçambicanos. Uma leitura individual, feita pelo estimado cidadão, pode ser um caminho para chegar a essa verdade. Como se referiu antes, as demais seis crónicas reservam-se para o efeito. Facto, porém, é que conforme refere Ciro Lopes – que escreveu o prefácio da obra – “Em *Rosa Xintimana*, Aldino Muianga remete-nos à consideração das raízes antropológicas, históricas e sociais em que se cimentam os valores das tradições e dos comportamentos individuais”.

Muianga expõe-nos – como, com toda a mestria, Ciro Lopes concebeu – “personagens colocadas face a face com os conflitos de um universo hostil, que as manietta e as circunscreve no escasso perímetro dos seus poderes”, nessa “eterna busca pela felicidade de pessoas confrontadas com os ditames da cultura e das tradições”.

Nesse sentido, ler *A Rosa Xintimana* possui um valor sublime na medida em que um escriba que sabe que “mentir é o mesmo que dizer meias verdades, falar com metade da língua, escrever com metade da caneta”, não contaria outra história senão a que constitui a verdade.

E quando isso acontece – “pela qualidade estética da narrativa e pela profundidade da abordagem do tema, *constituindo-se* um depoimento social, um documento vivo que palpita nos arquivos das nossas memórias” –, para Ciro Lopes, *A Rosa Xintimana* torna-se muito mais do que um novo livro do escritor Aldino Muianga. Diríamos nós que se torna um mealheiro cujo tesouro só pode ser explorado por meio da leitura.



@Verdade sobre O País...

Há muitas verdades que eu já devia ter revelado ao País. O problema é que sempre que alguém escreve poesia, neste País, as pessoas pensam que ele se tornou um ser sublime, hipersensível e/ou sagrado. Quer porque, antes de mais, se acredita que o dito poeta era tudo o que, presentemente, se nos mostra ser; quer ainda porque só agora (na percepção deles) é que se tornou o que devia ser. Portanto, veio a ser o que é. Subentende-se nisto uma espécie de predestinação.

Ora, se existe algo que nessa matéria da escrita poética me incomoda, é exactamente esta percepção: pessoas que pensam que o poeta – uma vez que se tornou isso – trava uma constante e intensa relação com os deuses; entidades que arguem que o poeta se tornou nefelibata, lunático ou um ser extraordinário. Para mim, grosso modo, isto chega a ser depreciativo. Quem acha que – da maneira como vivem neste País –, se pudessem, alguém dentre eles teria escolhido ser poeta?

Ninguém se torna no que é, porque escreveu poesia. Aliás, para já, ninguém escreve poesia. A poesia, como acontece com a verdade, é escrita por ninguém. Ela é o acontecimento antes de suceder. É a verdade em torno da realidade.

Percebamos algumas diferenças entre o que se nos apresenta, nos órgãos de comunicação social, como sendo a verdade, isto é, a notícia e a poesia: a notícia é escrita por alguém. Mas esse alguém, por limitações de natureza humana, incluindo as impostas pelas orientações políticas da organização em que colabora, manifesta determinada parcialidade. Queda-se a partidos. Toma posições e vacila. Nos últimos dias, exemplos de figuras que se tornam carismáticas nisso – na exposição de *merdices* para os leitores – se tornaram fecundas.

Por exemplo, por vezes, quando a pessoa (não) tiver interesse – no assunto que pretende veicular – economiza a presumida verdade e noutras narra até o inenarrável. E se a suposta notícia, efectivamente, for verdade quem perde? A própria verdade, desta vez mutilada, é que perde. Portanto, manifestando-se de forma contrária a essa, a poesia expõe-se e, por essa via, impõe-se. Cria e estabelece as suas próprias leis e governa-se a si mesma. Afinal, ela é de ninguém.

A poesia, por ser e para ser isso, não escuda nenhuma mentira na verdade. Revela todas as verdades incluindo as suas mentiras. Se não compreendermos a dimensão das verdades que ela nos reporta, a poesia não se responsabiliza pelas nossas limitações na interpretação.

A poesia é uma pura notícia, com todas as qualidades a ela inerentes. É a notícia da verdade. A verdade da notícia, sem nenhuma limitação político-editorial.

Quando se refere a um ser humano, por exemplo, a poesia revela todas as verdades sem escamotear as suas qualidades. Digo, a verdade. Sim! Aquelas que também fazem do suposto homem um ser profano, hediondo, miserável e insensivelmente sensível.

Compreendendo a verdade que há em tudo isso, no dia em que eu enlouquecer – porque neste País essa é a única liberdade que se me podem limitar – vou escrever poesia. Parece que algo é contraditório aqui – porque a poesia é de ninguém. Então, deixarei de ser eu, vou-me tornar ninguém. A poesia, para se manifestar, precisa de um instrumento. Que seja eu – ninguém – filho, neto, tio, sobrinho, vizinho, primo, enteado, namorado, colega, companheiro, camarada, par de ninguém.

Isto, sim, é que será uma (verdadeira) notícia.

A partir daí vou revelar-vos, tintim por tintim, a verdadeira história sobre aquele célebre artista plástico a quem todos consideram um deus-homem no País.

Asseguro-vos! No dia que se me permitir escrever poesia, irei revelar-vos (ainda que tarde demais) que a mais íntima informação que todos possuem em relação ao mais eclético actor de cinema deste País – o que na minha notícia-poesia constitui a sua verdadeira camuflagem – é mentira. Vou expô-lo publicamente – como acontece com as suas belíssimas obras de arte – para que todos, finalmente, saibam a mentira da verdade. Nenhum biombo poderá protegê-lo.

Nesse dia, ignotos, pasmos, perplexos, desonrados e inconformados, todos ficarão boquiabertos, porém, felizes com a verdade.

Quando se incendiarem as máscaras que perpetuam a miséria deste País, ninguém, mesmo o radical, irá pensar em incendiar O País. Porque nessa altura O País irá expelir poesia em todos os cantos. Digo, a notícia, efectivamente, como verdade. Ou, por outra maneira, a verdade como notícia.

Mas antes, por favor, desnudem-se dos estereótipos e preconceitos que têm em relação à poesia. Ou seja, em relação à verdade, O País sofre!

Comunicado

Cidadão informado vale por dois tenha sempre @Verdade perto de si
www.facebook.com/JornalVerdade

Plateia

... e o guetho pariu um estilista talentoso!

No princípio, o jovem estilista moçambicano, Feliciano da Câmara, era um autêntico leigo nas lides da moda. No entanto, presentemente, com um percurso de dez anos, além dos quatro prémios arrancados no Mozambique Fashion Week um (dos maiores eventos da área em África) dos quais faz de si o estilista estabelecido em Moçambique, nenhum argumento pode contradizer o facto de que do destino não se foge, como quando afirma: “Eu acho que nasci para a moda”. Conheça a sua história...

Texto: Redacção • Foto: Cedidas por Feliciano da Câmara

Feliciano da Câmara nasceu em 1986. É originário de um dos bairros da cidade de Maputo, Maxaquene, sobre o qual a Imprensa não reporta nada (de bom) a não ser problemas de diversa índole.

De lá surgiu Da Câmara, que se tornou um estilista a ter em conta, no cenário nacional e, porquê não, internacional. A verdade é que todo um cenário grotesco – como o anteriormente narrado – por lá existe mas, em Maxaquene, também se fazem bons actores sociais como, por exemplo, jornalistas, músicos, desportistas, juristas, não obstante as dificuldades sociais que imperam no subúrbio.

Aliás, apesar de não haver nenhuma intenção de sublimar o talento de Feliciano da Câmara, como se fosse algo invulgar entre os seus contemporâneos, o facto é que o mesmo se impôs para contrariar as vicissitudes que se experimentam quando se é um adolescente de 12 anos de idade e órfão de pais. Foi nessa época em que a relação de Feliciano da Câmara com a costura, ajustando as roupas dos seus vizinhos, para ganhar algum dinheiro, se intensificou.

Mas até aí não lhe aparecia nenhuma luz sobre a possibilidade de um dia, ao menos, se tornar um estilista. Sucedeu, porém, que em certa ocasião um dos seus cunhados o solicitou para que ajustasse uma das suas vestes. O resultado do trabalho foi espectacular. Aliás, na altura, o seu comentário revela isso: “o Feliciano será o estilista da nossa família”.

O miúdo que, na altura, nunca antes havia ouvido em parte nenhuma falar-se do referido termo, atçou a sua abelhudice e quis saber com alguma especificidade, afinal de contas, o que é ser um estilista. Desengane-se, então, quem pensa que tal foi o primeiro sintoma de que Feliciano da Câmara – que agora não somente é nome, mas também é marca de vestes – seria uma figura a ter em mente na moda. Muito antes, aos seis anos de idade, quando era aluno do ensino primário, o artista do bem-vestir sagrara-se o mais asseado entre os seus pares, num certame criado pelos seus professores na escola. “Talvez esse tenha sido o primeiro sinal de que eu seria estilista”, considera o jovem.

Ainda que trave uma relação segura com a profissão por si escolhida, chegada a hora de explicar como essa conexão se inaugurou, Feliciano da Câmara não conseguiu evitar a manifestação de alguma insegurança quando afirma que “é uma pergunta difícil porque o meu nome surge nesse panorama de uma maneira muito diferente. Eu não sabia que era estilista, muito menos o que era estilismo”. As razões já foram explicadas.



Não me quis tornar vândalo

Inspirado pela razão de não querer tornar-se mais um mendigo, uma despesa avulsa para a sociedade, uma vez órfão de pais, muito cedo, entre os 12 e 14 anos de idade, Feliciano da Câmara apostou no trabalho. O seu comentário revelou outras experiências interessantes, se calhar, verdadeiras mágoas.

“Por causa da minha condição de órfão, infelizmente, não tive o desgosto ou o privilégio de os meus pais optarem por uma actividade profissional em detrimento da outra para mim. O meu pai faleceu quando eu tinha 10 anos de idade, para, quatro anos mais tarde, a minha mãe também encontrar a morte. Foi assim que a minha vida foi ganhando estrutura no meio do desespero. Eu comecei a costurar quando tinha 12 anos. Havia uma máquina de costura em casa que eu utilizava. Ainda que a minha mãe tenha visto isso, não sei se ela chegou a pensar que tal actividade poderia tornar-se a minha profissão, como também não sei se ela teria detestado ou apreciado”.

Se pensarmos que, de facto, como afirma Da Câmara, quando se é adolescente, demanda-se a satisfação de necessidades especiais, na condição em que o artista se encontrava – não obstante o prazer que tinha pela sua actividade – os interesses financeiros tiveram de se impor ao gosto pela costura.

Ou seja, na verdade, “quando comecei a coser trabalhava por gosto. Eu apreciava esse trabalho, mas mais adiante dediquei-me mais a ela por uma questão de necessidade. Eu já era órfão de pai e a minha mãe não conseguia suportar os meus caprichos. Então, diante disso, caso não se satisfizessem tais anseios, as possibilidades de eu tornar-me um miúdo de família eram escassas. Eu iria ser vândalo, o que eu não queria”. Portanto, “escolhi ser um menino de família, trabalhando. Eu realizei várias actividades por força de vontade. Intensifiquei a minha relação com a máquina de costura de modo que quase todos os meus vizinhos ajustavam as suas roupas na minha casa”.

Sair do Túnel

De acordo com Feliciano da Câmara, a sua fonte de inspiração é o quotidiano da sociedade

em que se encontra. As narrativas locais, incluindo as vivências das pessoas. É isso que a sua última colecção de roupas, Túnel, totalmente inspirada na sua história de vida, revela.

“Aprecio muito conversas no contexto das quais capto o modo de vida das pessoas, a forma como elas cresceram. A partir disso, sou capaz de criar uma colecção e retratar a sua vida. Por exemplo, a minha última colecção, Túnel, foi inspirada na minha história de vida”. É que em princípio, “no Túnel nós encontramos tudo escuro, mas no fim sempre aparece uma luz. Então, a minha colecção possuía essencialmente a cor preta acompanhada por uns detalhes dourados, incluindo anjos, que representam essa iluminação. Na mesma colecção incluí um número de dança com o objectivo de demonstrar que já estou numa situação melhor que a anterior”.

Feliciano da Câmara, que trabalha em paralelo com a rapper moçambicana Dama do Bling, é fã e seguidor do estilista português Nuno Gama. Presentemente, fala sobre a moda e os produtos afins com uma notável propriedade, como se tivesse alguma formação na área. Puro engano para quem assim pensa. Na verdade, “eu nunca estudei moda. Parei de fazer o ensino geral na 10ª classe, por falta de meios financeiros. Eu precisava de trabalhar porque a minha situação estava muito complicada. Fiquei órfão de pais numa situação em que não existia nenhuma pessoa para me sustentar. Por isso acabei por optar pelo trabalho: apesar de não aguentar com esse tipo de actividades já fui – por um curto período de tempo – um vendedor ambulante e cobrador de chapa”.

Além do mais, “acho que, de uma ou de outra forma, eu tinha de ser um estilista. Com os anos de carreira que tenho, acabei por investigar mais sobre a moda. Penso que o convívio com estilistas experientes dotou-me de muitos conhecimentos sobre o sector”.

Comunicado

Cidadão informado vale por dois tenha sempre
@Verdade perto de si twitter.com/@verdademz



Esculpir para sobreviver!

Forçado pelo custo de vida, em 2002, António Agostinho – ou simplesmente Amisse, para os seus amigos e apreciadores de arte, em Nampula – deixou de ir à escola e tornou-se escultor. Em Maputo, procurou melhores condições sociais, o que não encontrou. É que, na capital do país, faltou-lhe abrigo, amparo e solidariedade até que retornou às origens. Actualmente, persegue o sucesso a todo o custo...

Texto & Foto: Redacção/Sebastião Paulino

Dos seus 27 anos de idade e pai de 3 filhos, Amisse diz ter abraçado a arte de esculpir a convite de um dos seus tios. Na altura, ele frequentava a 7ª classe e vivia com os seus pais, mas, como as condições financeiras não eram as melhores preferiu abandonar os estudos e seguir as pegadas do tio para construir o seu futuro. “Quando o meu tio veio ter comigo para me ensinar aquela actividade parecia-me que não teria o gosto pela arte, mas algum tempo depois comecei a apreciá-la. Presentemente, é esta actividade que me garante o ganha-pão”, afirma em jeito de recordação.

Desde 2002 que Amisse trabalha como artesão. Infelizmente, até agora, de acordo com as suas próprias palavras, ainda não conseguiu realizar o seu grande sonho – doutorar-se em Matemática. De 2002 até 2004, o artista aprendeu a trabalhar o pau-preto para gerar obras de arte, até que em finais do último ano exercia a actividade como profissional na Associação Anihova.

Daí em diante, com o dinheiro que ganhava na agremiação, adquiriu um terreno no qual, ainda que precária, construiu uma casa em que vive com a sua família. O negócio de fazer arte não gera muito dinheiro, mas, para Amisse, é suficiente para sustentar os seus próximos.

Por dia, a sua produção máxima é de 20 artigos, dentre os quais se pode encontrar bijutarias, chaveiros, colheres, colares, brincos, pentes entre outros objectos. Vezes sem conta, artistas moçambicanos e estrangeiros, incluindo clientes comuns, demandam os seus produtos para usá-los e/ou revender. Os preços por si praticados variam em função do local e de quem os quer comprar. Aos domingos vende – a par de outros artistas e artesãos – os seus artefactos na feira local, em Nampula.

Lutar por um sonho

Porque para Amisse a pretensão de ser doutorado em Matemática é um sonho, este ano o artista irá retornar aos bancos da escola, mesmo que seja para estudar à noite. “O meu sonho é fazer o doutoramento em Matemática, em qualquer universidade do país. Adoro esta disciplina porque desde criança que me dedico a ela”, afirma ao mesmo tempo que acrescenta que está decidido a lutar pelo seu sonho.

De acordo com o artista, ainda que actualmente tenha um poder financeiro muito limitado, criar os filhos sem grandes constrangimentos é um acto nobre. Por isso, “quero estudar para lhes garantir um futuro melhor”.

Começou a prática da escultura por acaso, até que um dia descobriu que tal actividade fazia parte de si. Seja como for, porque o materialismo que o move fala muito alto, Amisse afirma que no dia em que conseguir um emprego melhor irá abandonar a produção artística.

Em profunda aflição na vida

Em 2008, António Agostinho deslocou-se da cidade de Nampula para Maputo, à procura de melhores condições de trabalho. Quando chegou à capital do país, no lugar de a sua vida melhorar, de sonhador tornou-se um mendigo. Faltou-lhe abrigo, comida e amparo. Por sete meses, procurou emprego mas o baixo nível académico deixou-o sem margens de manobra.

O pior de tudo é que, nas palavras de Amisse, em Maputo, nem



as agremiações que se dedicam ao trabalho artístico, por si contactadas, puderam recebê-lo. A falta de amizade jogou um papel nefasto para a materialização da sua pretensão.

Para regressar à cidade de Nampula teve de aproveitar a boleia de um dos seus conterrâneos – com o qual se encontrou em Maputo – que em poucos dias retornaria a Nampula. “Quando me disse que sairia dentro de dois dias, fiquei muito feliz porque apenas faltava um dia para voltar ao convívio dos meus familiares e deixar a vida que eu levava em Maputo”.

Na sua terra natal, o artista foi expressar o seu arrependimento à Associação Anihova – a qual abandonara sem nenhuma explicação – ao mesmo tempo que implorou para retornar à sua actividade laboral. Em 2009, o artesão voltou ao fabrico de peças de artesanato com as quais, no ano seguinte, participou na Feira Agropecuária, Comercial e Internacional de Maputo (FACIM). Foi lá onde granjeou a simpatia do público atraindo, para si, várias oportunidades, incluindo a estadia por um ano na capital do país.

Amisse disse que os seus produtos têm maior mercado em Maputo – onde são praticados preços competitivos – do que em Nampula, em que a comunidade local não os consome de forma satisfatória. Entretanto, apesar de a demanda dos seus produtos não ser grande, em Nampula, o escultor considera que é possível viver daquele ofício.

Ser bem-sucedido

Colocando as lamúrias e reclamações à parte, quando se recorda de que há pessoas que estão em situação social muito difícil ainda, orgulha-se da actividade que desenvolve. “Se as condições de trabalho nesta agremiação continuarem a melhorar, penso que até o final do ano 2013 vou abrir a minha própria oficina, a fim de ganhar autonomia”, afirma a terminar.



Mozambical

Niosta Cossa
www.verdade.co.mz

Stewart Sukuma - Nkhuvu

Há homens que, quando se comprometem com a celebração de algo, levam a sério o seu envolvimento e realmente celebram, no melhor estilo e qualidade possíveis. Sem medir gastos nem ideias.

Assim o fizeram Stewart Sukuma e parceiros quando criaram *Nkhuvu*, em 2007, uma celebração inventiva, ousada e infinitamente sedutora da música moçambicana.

Álbum que é estranho e simultaneamente familiar. De alguma forma, experimental e aventureiro. Ainda assim, da estranheza para a experimentação, alicerçando-se em aventuras sonoras novas mescladas com as antigas, Stewart acabou por criar uma obra-prima intemporal. Uma mistura de géneros e ritmos e línguas oníricas e ímpares, surpreendente a cada audição. Sim, cada nova audição parece uma nova revelação de um sonho confuso, mas belo e tremendamente forte, do qual não se esquece facilmente.

É um triunfo da humildade artística. De alguém que se deixa rodear por artistas assumidamente competentes e que consultam outros que, porventura, saibam mais do que ele.

Todavia, contrariamente ao que pode parecer, juntar tantas estrelas e artistas brilhantes num mesmo projecto nem sempre é a fórmula para o sucesso – principalmente se se tratar de artistas de escolas e visões diferentes como os que estão presentes em *Nkhuvu*. Entretanto, Stewart conseguiu unir estes talentos todos – Jimmy Dlodlu, LokualKanza, Bonga, Roger, Ivan Mazuze, Elisah, Mark Goliath – e manter o foco do álbum. Tal obra assegurou o seu equilíbrio: é um trabalho fantástico, sem altos e baixos, constante e profundo!

A sonoridade do álbum deve mais à África do que propriamente a Moçambique. É pop africano, à Salif Keita e à maneira do próprio Lokua Kanza, que vai entrando de música em música em Moçambique. Aquele que anda preocupado com qualidade artística musical vai encontrar aqui um disco majestoso.

É o momento definitivo de Stewart Sukuma. E um dos melhores álbuns do catálogo musical moçambicano. Se não for o melhor. É muita qualidade artística. Muita competência dos executantes. E são 18 temas, que, olhando para os números normais dos álbuns da música moçambicana, com excepção das obras de Hip-Hop (de 8/9/10/11/12 músicas), poderiam ter resultado num álbum duplo. Sem contar que é possível que um dia se venha a reconhecer que o trabalho gráfico da obra – capa e encarte – seja o mais sério e impressionante que alguma vez se realizou num disco moçambicano.

Sobre os participantes, aqueles que, praticamente, correm por todo o álbum, do início ao fim, há que se enaltecer que Stewart Sukuma, do compositor regular das “Julietta (Quem te Mandou)” e “Sumanga” evoluiu monstruosamente e tornou-se um compositor digno de assim ser chamado. Nelton Miranda é o multifacetado músico talentoso que todos conhecem. Dodó Firmo é um grande guitarrista. E Sheila Jesuíta, Naldo Ngoka e Jennysão vocalistas de apoio de grande nível: talentosos e estimulantes.



Publicidade

PROGRAMAÇÃO
Gil Vicente
CAFÉ + BAR

6ª FEIRA
08.02.13
YPG
22H30

4ª FEIRA
06.02.13
AFROBEAT
22H30

TODAS AS 3ª NO
SÍTIO DO CÔSTUME
KARAOKE
COM A BANDA GIL OUT
5 DE FEVEREIRO 22H30

9 DE FEVEREIRO
SIZAQUEL
AFRO-FUSION/MARRABENTA
SÁBADO 22H30

GITO BASS NO BASS AFROJAZZ
7 DE FEVEREIRO 5ª FEIRA 22H30

FACEBOOK.COM/GROUPS/GILVICENTE.CAFEBAR

Segunda a Sábado 20h35 **LADO A LADO**

Fernando despreza Norma. Isabel não aceita que Albertinho assuma a paternidade de Elias. Edgar diz a Laura que, se Albertinho quiser, tem direito de pedir a guarda de Elias. Bonifácio leva Berenice para seu apartamento de apoio, mas ela não cede à sedução do empresário. Celinha e Guerra se reconciliam. Guerra decide promover um encontro entre Antônio Ferreira e Laura. Constância revela a Isabel que ama Elias. Constância deixa claro para

Isabel que não desistirá de Elias. Laura conta para Sandra que vai se encontrar com Antônio Ferreira. Teodoro reclama do casamento com Umberto. Isabel avisa a Mario que produzirá a peça escrita por ele. Catarina comunica a Isabel que não quer que ela se aproxime de Melissa. Edgar aconselha Isabel a entrar em acordo com Albertinho. Madá incentiva Elias a chamar Isabel de mãe. Isabel fica com medo de perder a guarda de Elias.

Segunda a Sábado 21h35 **GUERRA DOS SEXOS**

Felipe fica furioso com a notícia de que seu plano não deu certo. Roberta conta sua estratégia para Nando e Dino. Carolina ouve Roberta e Charlô falando de Felipe. Fábio afirma que Felipe está apaixonado por Roberta. Zenon humilha Carolina. Dino se recusa a ir com Roberta para a festa de São Genaro. Nieta se entristece por não ter ninguém para ajudá-la em sua barraca. Juliana considera a ideia de reatar com Fábio. Veruska e Nenê pensam em enganar um ao outro para ficar com o dinheiro que Vitória escondeu. Nieta não aceita que Nando e Roberta a ajudem na barraca. Ulisses ouve Frô confirmar que tomará conta da barraca do beijo. Carolina beija Felipe.

Felipe se desvencilha e Carolina simula arrependimento. Os clientes reclamam da comida de Nieta. Veruska pergunta a Dino com que dinheiro Roberta iria comprar as ações da fábrica. Semíramis pede para seu santo ajudá-la a se casar com Nenê. Vânia flagra Carolina na casa de Felipe. Frô sai de sua barraca para beijar um rapaz escondida. Vânia tenta convencer Felipe da má índole de Carolina. Zenon beija Charlô, mas fica irritado por ela não cair em seus truques. Veruska fala para Nenê que Vitória pede ter escondido o dinheiro em um sítio. Dino e Nieta se reconciliam. Ronaldo beija Isadora. Juliana decide se declarar para Nando. Charlô encontra uma caixa misteriosa no quarto de Otávio.

Divulgue de Verdade o seu evento cultural, envie-nos a informação em texto para o SMS 82 1115 ou para oBBM 28B9A117.

Se tiver um poster ou folheto envie-nos em formato PDF ou JPEG para o email averdademz@gmail.com.

Publicidade

PARCE DE HIP-HOP
4ª EDIÇÃO
O MUNDO PRECISA DE NOB
APRESENTA
PARYU THE GHOST DEMIL
À caminho de a & m

Comunidade Rhasta
Pax Collabuz
Celebros da Wu
Superlativos
Mentes assombrosas
Icognit Sargiers
Delitantes
A.P

Assembleia da Maldição
Guilgas M-Black
Sombras Infernais
XIII - Apóstolos
Grub
Sick Mind
Monitores Absolutos
SVO

+ open mic e Beat battle

Local: Namburent's Bar (Mercado Carimbo paragem saul)

Prod: Mafavhuck Mo a FUA
Apoio: Namburent's & Zilto
Info: 84 85 50 574
84 69 67 123

Entrada: 50 Mt/bone materias
(para apoiar Viliwax das Chieas)
Data: 28 Fevereiro de 2013
Das 15 as 20h
(Para Open Mic chegar as 14h)

Publicidade

**AFRO BEAT
MUSIC ATTACK**
Gil Vicente
CAFÉ + BAR
TODAS
AS
QUARTAS
A PARTIR DAS
20H00

invite your friends
www.facebook.com/afrobeat.musicattack1

Segunda a Sábado 22h15 **SALVE JORGE**

Waleska e Demir ajudam Morena. Rosângela mente para o produtor do comercial ao ser questionada sobre sua estada em Istambul. Irina afirma a Russo que Rosângela não é confiável. Sarila se preocupa com a viagem de Zyah e Ayla para o Rio de Janeiro. Bianca descobre que Zyah chegará ao Brasil. Stenio e Helô pensam um no outro. Demir conversa com Morena. Helô investiga o atentado que sofreu. Aida procura Wanda no hotel. Irina avisa a Rosângela que ela voltará para o Brasil. Helô conversa com a tia de Santiago. Pescoço finge passar mal para não trabalhar e Delzuite acredita. Lucimar decide procurar Livia. Clóvis observa Vanúbia dançando na laje de Miro. Demir fala de Morena com Zyah. Lucimar desconfia de Livia. Helô liga para Garcia e fica intrigada com a história que a agenciadora contou sobre Morena. Antonia tenta tranquilizar Raissa. Drago vê Élcio sabotar a água de Théo. Theo desmaia durante sua apresentação.

Élcio vence o torneio e Drago se sente mal. Amanda ouve Carlos marcando um encontro com Antonia e manipula Carol para impedir o marido de sair. Rosângela conta para Morena que Livia não morreu. Helô briga com Stenio por sugerir que Mustafa, Berna, Pepeu e Drika fiquem em sua casa. Farid percebe que Berna ainda esconde segredos que podem acabar com seu casamento. Lena dá o endereço da agência do produtor de comerciais para Deborah. Demir leva um remédio para Morena e Russo se irrita com Adam. Bianca acredita que Zyah está indo para o Brasil atrás dela. Helô fica furiosa ao ver a mala de Stenio em seu quarto. Aisha descobre o telefone de Wanda na conta de Berna. Lurdinha e Vanúbia discutem no bloco. Miro pede para Delzuite deixar Pescoço tocar no bloco. Sheila aconselha Lucimar a não confiar em Wanda. Rosângela chega à boate com o DVD de seu comercial. Morena e Waleska explicam o plano de mais uma sabotagem para as meninas traficadas. Stenio entra no quarto de Helô e vê sua mala vazia.

Érica corre para socorrer Théo, que é retirado da pista rápida.

Comunicado

Cidadão informado vale por dois tenha sempre @Verdade perto de si
www.facebook.com/JornalVerdade

ENTRETENIMENTO

PARECE MENTIRA...

Dizem existir na Coreia sete grandes maravilhas.

A primeira é uma grande nascente de água quente que cura tudo, desde um simples golpe até um cancro.

A segunda consiste em duas fontes que, alternadamente, estão sempre uma vazia e outra vazia. Esta água tem a propriedade de dar um sabor delicioso a todos os manjares cozinhados com ela.

A terceira é uma caverna onde sopram, perpetuamente, com toda a fúria, ventos gelados.

A quarta é um bosque impossível de destruir. É uma grande mata de pinheiros que rebentam no dia seguinte àquele em que são cortados; quiseram já destruí-los por meio de fogo, mas, qual Fênix, renasciam das próprias cinzas.

A quinta é a pedra flutuante, em honra da qual erigiram um templo. É muito grande e parece que está pousada no chão, mas se dois homens a quiserem levantar e lhe passarem por baixo uma corda, fazem isso sem o menor obstáculo ou dificuldade.

A sexta é outra pedra chamada Rocha Quente, em cima da qual construíram um hotel. Por mais frio que esteja o tempo, no hotel faz sempre calor em virtude da pedra que tem por baixo.

A sétima e última é uma gota de suor do Bhuda



SAIBA QUE...



Um gladiador era um guerreiro treinado para, nas arenas da antiga Roma, combater até à morte a fim de divertir os espectadores, sendo, geralmente, escolhido dentre os prisioneiros de guerra, criminosos e escravos.

Great Treak significa, na história da África do Sul, a migração de cerca de catorze mil colonos boers (holandeses), da colônia do Cabo, ocorrida entre 1835 e 1845, com vista a escaparem do domínio britânico, tendo estabelecido repúblicas no Natal e Transvaal.

A Ku Klux Klan é uma sociedade secreta americana fundada em 1866 no sul dos Estados Unidos, cuja filosofia assenta na suposta supremacia branca. A organização opunha-se, como modo de fazer valer os seus propósitos, à reconstrução depois da guerra civil americana.

A sua indumentária consistia na cobertura do corpo com mantos brancos a fim de manterem a sua identidade em segredo. Nos seus encontros nocturnos, queimavam cruzes, acto que também praticavam diante das casas dos seus opositores, que eram executados. Nos tempos que correm, a organização terrorista transformou-se num grupo paramilitar com ligações a outros da mesma laia.

O Liberalismo é uma teoria política e social que advoga o governo representativo, a liberdade de imprensa, de expressão e de credo religioso, a abolição dos privilégios de classe, a utilização dos recursos do Estado para protecção do bem-estar do indivíduo e o comércio livre internacional.

RIR É SAÚDE



Um mago anuncia à plateia que iria realizar um número que consistia em fazer com que todos perdessem a memória. Sobressaltado, levanta-se um espectador que se insurge contra o truque, alegadamente porque havia um indivíduo na assistência que lhe devia bastante dinheiro...

Toca o telefone da casa do médico a altas horas da noite. É um cliente que chama com urgência.
- Que se passa? - pergunta o médico.
- É que, sr. doutor - responde aflito o cliente - eu tinha emprestado a minha esferográfica ao meu filho para que ele fizesse os seus deveres de casa e... é espantoso... o rapaz engoliu-a. Venha depressa, sr. doutor.
- Está bem. Vou já... mas, até a minha chegada que é que o sr. faz?
- Olhe, sr. doutor... vou escrevendo com lápis.

O grande escritor espanhol, Santiago Rusinol, estava um dia a conversar com um sujeito que tinha a mania de que era um grande pintor e lhe dizia:
- O meu pai era inimigo da arte. Imagina que ele me ofereceu 100 mil euros se eu renunciasses a ser artista. O célebre autor de "El Místico" saiu-se com esta:
- E o que fez você desse dinheiro?

Um velho padre tinha um papagaio que só dizia tolices, o que desgostava sobremaneira o pobre do abade. Este, um dia, confessou o seu aborrecimento a uma beata (mulher declarada digna de veneração), que lhe disse:
- Senhor abade, eu tenho um papagaio fêmea que não faz outra coisa senão rezar durante todo o dia. Eu levo para lá o meu papagaio e pode ser que com o convívio do meu modifique a linguagem.
Ficou assim acordado. Quando a beata meteu na gaiola o papagaio do abade, a fêmea bateu as asas, manifestando, assim, o seu contentamento e disse para a beata:
- Valeu ou não a pena rezar durante todos estes anos?

PENSAMENTOS...



- Ainda que não cante o galo, a madrugada sempre rompe.
- Quem ao perigo corre nele morre.
- Boca de mel, coração de fel.
- Quem muito anda muito aprende.
- Fazer bem a um vilão é deitar em cesto roto.
- Serás em velho o que tiveres sido em moço.
- Quem depressa fala, depressa se arrepende.
- Não há casa sem roupa suja.
- Pelo bom comportamento começa o bom casamento.
- Quem espera ser ajudado não vê o trabalho terminado.

HORÓSCOPO - Previsão de 08.02 a 14.02



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Profissional; Este aspecto caracteriza-se por uma grande vontade de se afirmar e vencer. A sua dinâmica, na área laboral, será enorme e os resultados acabarão por surgir. Novas oportunidades deverão ser muito bem analisadas e não se deverá dispersar na oferta que lhe for surgindo.

Sentimental; Este aspeto poderá ser muito agradável, dependerá, unicamente, de si e da forma como se relacionar com o seu par. Seja compreensivo e evite atribuir culpas a quem as não tem; se o conseguir, poderá ter uma semana muito positiva.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Profissional; Período muito favorecido, no aspeto profissional, seja mais ambicioso e este será muito gratificante. Será uma boa altura para recuperar alguns projetos que se encontravam pendentes.

Sentimental; Período caracterizado por alguma insatisfação. Caso não tenha encontrado, ainda, a sua alma gémea, poderá ter nesta semana a tal oportunidade porque tanto esperava. Tenha presente que, uma relação sentimental agradável depende, em grande parte, da forma como interagir com o seu par.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Profissional; Grandes e novas oportunidades caracterizarão esta semana. Aproveite, muito bem, tudo o que lhe surgir; no entanto, deverá analisar todas as propostas para que não corra riscos, por excesso de otimismo. Recomendam-se alguns cuidados nos relacionamentos com colegas do sexo feminino.

Sentimental; A sua sexualidade estará em alta e deverá tirar partido dessa circunstância. As noites convidam ao romance, aproveite, bem, o seu relacionamento sentimental.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Profissional; Uma certa intranquilidade, no seu ambiente de trabalho, poderá contribuir para alguma falta de confiança no que estará a fazer. A sua falta de auto confiança será a causa de algumas dúvidas, relacionadas com a avaliação das suas capacidades, por parte dos seus superiores.

Sentimental; Este aspeto poderá caracterizar-se por um vazio muito grande; seja dialogante e compreensivo. Não misture trabalho com questões de ordem sentimental; caso o consiga, tudo se poderá modificar e encontrará tranquilidade.



touro

21 de Abril a 20 de Maio

Profissional; Esta área irá requerer, da sua parte, uma grande atenção; os pormenores não deverão ser desprezados, por si e deverá analisar tudo, muito bem, antes de tomar qualquer decisão. Alguns problemas de relacionamento, com colegas ou sócios, não deverão ser alimentados nem incentivados.

Sentimental; Tente ser mais realista na sua relação e não permita que o ciúme entre no seu coração; o seu par merece a sua confiança e, se conseguir ultrapassar dúvidas sem fundamento, este aspeto poderá tornar-se muito agradável.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Profissional; Será uma semana muito positiva e gratificante. As suas tarefas e objetivos deverão ser alcançados. O resultado dos seus esforços poderá ser motivo de grande alegria, com uma proposta para assumir novas funções. Estes favorecimentos, deverão ser encarados com toda a ponderação, de forma a não criar problemas de relacionamento.

Sentimental; Esta semana será muito promissora, no aspeto sentimental. A aproximação do casal será grande e os resultados serão, verdadeiramente, gratificantes.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Profissional; O seu ambiente profissional continua a ser motivo para alguma preocupação; tente não levar as situações de uma forma tão radical. Os tempos mudam e a necessidade de se adaptar a novas mentalidades têm constituído o seu maior problema.

Sentimental; Um relacionamento muito agradável será o que esta semana lhe reservará. O diálogo, a compreensão e o prazer de estar com quem gosta deverá ser aproveitado, da melhor forma.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Profissional; Esta semana será muito positiva e receberá muitas provas de que o seu trabalho será, devidamente, reconhecido; naturalmente, os seus níveis de confiança aumentarão e a qualidade do seu trabalho será, manifestamente, superior. Poderá receber uma proposta para mudança de emprego que, não será aconselhável aceitar, sem a ponderar muito bem.

Sentimental; Será uma semana muito agradável em perspectiva. Não se afaste do seu par, divida com ele os seus pensamentos e desejos mais íntimos.



gêmeos

21 de Maio a 20 de Junho

Profissional; Grandes mudanças, no aspeto laboral, poderão caracterizar este período. As suas potencialidades estarão em alta e verá as suas qualidades serem reconhecidas, por colegas e superiores; no entanto, recomenda-se alguma humildade na aceitação do que lhe for manifestado.

Sentimental; A sua relação amorosa poderá conhecer, nesta semana, um pequeno paraíso. Não se furte ao que lhe for surgindo e abra o coração ao seu par; o entendimento cria-se, consolida-se numa base de abertura e diálogo franco e sincero.



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Profissional; Os aspetos de ordem profissional caracterizam-se por muito trabalho; no entanto será esta ocupação que irá contribuindo para o seu equilíbrio emocional. Não se afogue em trabalho, como forma de fugir a outras realidades. Há que ter cuidado nos relacionamentos com colegas.

Sentimental; A sua relação sentimental poderá ser o centro de todos os seus problemas; seja realista, não se deixe abater por pensamentos que lhe reduzirão as suas forças e capacidades.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Profissional; Um clima de nervosismo poderá criar-lhe algumas dificuldades de relacionamento, no seu ambiente de trabalho. Tente concentrar-se no que considera essencial e mantenha-se atento ao que se passa à sua volta.

Sentimental; A sua relação passa por um momento algo turbulento e complicado. Os níveis de confiança entre o casal irão estar em baixo e poderão surgir algumas situações de ciúme.



peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

Profissional; Todo o cuidado será pouco, nesta área; o seu ambiente laboral não se poderá considerar que atrevesse um momento muito favorecido. Não se deixe abater pelos períodos menos bons, esclareça as suas dúvidas e frustrações com as pessoas certas.

Sentimental; O seu relacionamento amoroso poderá contribuir, de uma forma muito positiva, para equilibrar outros aspetos. Deixe que o seu par se aproxime de si; além de lhe fazer muito bem, contribuirá para se esquecer das suas preocupações.

Cartoon





**VIVE UMA
VIDA LITE
BEBE CASTLE LITE**



LOOK GOOD. FEEL GOOD.

SEJA RESPONSÁVEL, BEBA COM MODERAÇÃO.